

CIRENE LINZMEIER HEYSE

**O DESENVOLVIMENTO DO SETOR MOVELEIRO NO PADRÃO DE *DESIGN* E NA
IDENTIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL NA REGIÃO DO ALTO VALE
DO RIO NEGRO**

**CANOINHAS
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CIRENE LINZMEIER HEYSE

**O DESENVOLVIMENTO DO SETOR MOVELEIRO NO PADRÃO DE DESIGN E NA
IDENTIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL NA REGIÃO DO ALTO VALE
DO RIO NEGRO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional ao Colegiado do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado – UnC/Campus Universitário de Canoinhas – SC.

Orientador (a): Profa. Dra Maria da Salete Sachweh.

Co-orientador: Prof. Dr. Gilson Ribeiro Nachtigall

**CANOINHAS
2009**

**O DESENVOLVIMENTO DO SETOR MOVELEIRO NO PADRÃO DE DESIGN E NA
IDENTIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL NA REGIÃO DO ALTO VALE
DO RIO NEGRO.**

CIRENE LINZMEIER HEYSE

Esta monografia foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do Título de:

Mestre em Desenvolvimento Regional

E aprovada na sua versão final em _____, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade do Contestado e Coordenação do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional.

.....
Profª Dra Maria Luiza Milani
Coordenadora

BANCA EXAMINADORA

.....
Profª. Drª Maria da Salete Sachweh - UnC
Presidente

.....
Prof. Dr. Gilson Ribeiro Nachtigall
Membro

.....
Profª. Drª Karin Sylvia Graeml
Membro

DEDICO

Ao meu esposo Haroldo pelo companheirismo de todas as horas.

Às minhas filhas Halina e Amanda.

Aos meus pais João e Emilia.

AGRADECIMENTOS

A Professora Dr^a Maria da Salete Sachweh, orientadora, pelo incentivo, pelas incansáveis horas dedicadas, pelo empréstimo de seu conhecimento no desenvolvimento deste estudo e pela amizade.

Ao Professor Dr. Gilson Ribeiro Nachtigall, co-orientador, pelas orientações metodológicas e auxílio prestado no desenvolvimento desta dissertação.

À Direção da Universidade do Contestado, Campus Mafra/ Rio Negrinho/ Papanduva, pelo incentivo e apoio financeiro.

Aos colegas de curso pela amizade.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

*“A mente que se abre a uma nova ideia
jamais voltará ao seu tamanho original”.*

Albert Einsten

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o desenvolvimento do setor moveleiro do Alto Vale do Rio Negro no padrão de Design e como este influenciou a construção de uma identidade socioeconômica e cultural na região que tem procurado se inserir no mundo de acordo com as tendências definidas pelo padrão global. Como técnica de pesquisa, adotou-se a história oral para verificar como a identidade socioeconômica e cultural e a memória dos imigrantes estrangeiros influenciaram ou foram influenciadas pelos atuais empresários e profissionais, responsáveis pela criação do produto da indústria moveleira quando se utilizam do Design, a fim de agregar valores aos produtos. O setor moveleiro tem exercido importante papel na história socioeconômica e cultural do país e, em especial na microrregião de São Bento do Sul, formada pelos municípios de Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul e se encontra inserida no Planalto Norte do Estado de Santa Catarina. Este estudo apresenta ainda que um dos fatores determinantes para a consolidação da imagem de uma empresa ou região no mercado competitivo está na identificação de uma identidade socioeconômica e cultural que pode ser acrescida pelo padrão do Design que tem importante papel neste contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento regional, setor moveleiro, identidade socioeconômica e Design.

ABSTRACT

This study aimed at understanding the development of the furniture sector from Rio Negro High Valley in the standard of Design and how it influenced the construction of a socioeconomic and cultural identity in the region that has been seeking to fit in the world according to the trends defined by the global standard. Spoken history was the research technique adopted to check how the socioeconomic and cultural identity and memory of foreign immigrants influenced or were influenced by current entrepreneurs and professionals, responsible for the furniture industry product creation when Design is used to add value to the products. The furniture sector has played an important role in socioeconomic and cultural history of the country and especially in the micro region of São Bento do Sul, formed by the counties of Campo Alegre, Rio Negrinho and São Bento do Sul and are inserted in the Northern Plateau of Santa Catarina State. This study also reveals that one of the determinant factors for image consolidation of a company or region in the competitive market is in identifying a socioeconomic and cultural identity that can be incremented by the standardized Design that has an important role in this context.

KEY WORDS: Regional development, furniture sector, socioeconomic identity, and Design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- localização geográfica do estado de Santa Catarina	16
Figura 2 – Divisão das seis Mesorregiões do Estado de Santa Catarina.....	17
Figura 3- Localização da mesorregião do Planalto Norte do Estado de Santa Catarina	17
Figura 4 – Divisão das três Microrregiões que compõe a Mesorregião do Planalto Norte do Estado de Santa Catarina.....	18
Figura 5 - Microrregião de São Bento do Sul	18
Figura 5A - Acampamento de carroceiros no Alto da Serra: assim começam os povoados	22
Figura 5B - Transporte de toras por tração animal, em 1924 - Acervo Flávio Prüss - foto histórica autor desconhecido.....	22
Figura 6 – Vista de São Bento do Sul, em 1879, seis anos depois de ter sido colonizada.	23
Figura 7 - Sapeco da erva-mate, uma das etapas no processo de preparo da planta para consumo.	24
Figura 8 - Colonos serram a madeira no meio da mata.	26
Figura 9 - Estilo de móvel fabricado por marceneiros locais no início da colonização	27
Figura 10 – Vista parcial da propriedade Rural do Sr.Adolfo Gorniack- em São Bento do Sul - construção do início do séc.XX.....	29
Figura 11- Vista parcial de uma propriedade rural em São Bento do Sul.....	29
Figura 12 – Construção no centro de São Bento do Sul: arquitetura em estilo alpino herança dos colonizadores	30
Figura 13 – Prefeitura Municipal de São Bento do Sul: arquitetura em estilo alpino herança dos colonizadores	30
Figura 14- Vista parcial do espaço que abriga o Arquivo Municipal e Fundação Cultural de São Bento do Sul	31
Figura 15 - Vista parcial de São Bento do Sul.....	31
Figura 16 – Primeira casa de Campo Alegre, datada de 1877, transformada em residência de verão.	33
Figura 17- Vista parcial de Campo Alegre – 2009.....	34

Figura 18- Vista parcial de uma das fazendas de Campo Alegre - 2009	34
Figura 19- Arquitetura em estilo alpino, no centro de Campo Alegre	35
Figura 20- Arquitetura em estilo alpino, no centro de Campo Alegre	35
Figura 20A- mapa de Rio Negrinho e seus limites	36
Figura 21 – Vista parcial do município de Rio Negrinho – 2009.....	37
Figura 22 – Vista parcial da empresa de Móveis Cimo S/A	37
Figura 23 – Antiga chaminé da Móveis Cimo SA – 2009	38
Figura 23A – Vista parcial da locomotiva: Maria Fumaça em Rio Negrinho.....	39
Figura 23B – Móvel de Cozinha: guarda-comida – Início do Século XX	42
Figura 24 - Jogo de jantar – madeira: imbuia – estilo: colonial – com “corações” recortados manualmente.	43
Figura 25 – Cadeira fabricada exclusivamente para o bispo de Joinville em estilo francês.	43
Figura 26 – Vista parcial do município de Rio Negrinho- Paço Municipal com Chaminé da Móveis Cimo S.A	44
Figura 27 – Vista parcial da Móveis Cimo S.A no início séc.XX.....	44
Figura 28 - Vista parcial do Museu Carlos Lampe- Rio Negrinho.....	45
Figura 29 – Indústrias Zipperer no início de suas atividades, no centro de São Bento do Sul.	49
Figura 30 - Beliche em pinus	50
Figura 31 - Cabeceira de cama em pinus	50
Figura 32 - Serra Imperial Dona Francisca	56
Figura 33 – Grupo inicial de trabalhadores da empresa Rudnick.....	59
Figura 34 – Interior da antiga marcenaria que deu origem a Móveis Rudick	59
Figura 35 – Imagem de Móvel utilizado como modelo para fabricação.....	60
Figura 36 - Capa do livro de modelo alemão	
62	
Figura 37 – Contra- capa do livro de modelo alemão.....	62
Figura 38 - Imagem de um modelo de armário do livro alemão	62
Figura 39 - Modelos de salas de jantar do livro alemão	62
Figura 40 – Móvel com detalhe feito artesanalmente.....	64
Figura 41 - Poltrona do estilo Vitoriana	66
Figura 42 - Móveis com detalhes feitos artesanalmente	66
Figura 43 – Jogo de quarto em Jacarandá, 1973.....	67

Figura 44 - Vista do Predio da Bauhaus- Dessau (Alemanha).....	77
Figura 45 - Vista aérea da Escola de Ulm – Alemanha (1955).....	77
Figura 46 - Vista aérea da Escola de Ulm – Alemanha (1955).....	78
Figura 47-Jogo de jantar Rudnick	81
Figura 48- Móvel Rudnick	81
Figura 49 – Móvel (Oratório) em estilo colonial.....	88
Figura 50 – mesa de centro em estilo colonial imbuia maciça	88
Figura 51 - Farinheira em madeira	89
Figura 52 - Bandeja com borboletas	89
Figura 53 - Pés de abajours	89
Figura 54- Móvel em estilo colonial com adornos torneados e entalhados.....	91
Figura 55- Móvel em estilo colonial com revestimento em couro trabalhado	91
Figura 56 - Cadeiras com revestimento em couro e veludo	91
Figura 57- Móvel tipo namoradeira-estilo colonial.....	91
Figura 58 - Detalhe do móvel (fig. 57) – palha trançada	91
Figura 59 - Vista da empresa parcial da antiga Móveis Cimo	94
Figura 60- Escrivaninha linha reta CIMO de 1963	94
Figura 61- Carteira escolar Cimo	94
Figura 62 - Cadeira para cinema Móveis CIMO	94
Figura 63 - Cadeira giratória para escritório	94
Figura 64 - Cadeira de balanço- 1940	97
Figura 65 - Cadeira para escritório	97
Figura 66 - Peças que compõem uma cadeira	98
Figura 67 - Cadeira montada	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I POVOAMENTO E FORMAÇÃO DO POLO INDUSTRIAL MOVELEIRO DA REGIÃO DO ALTO VALE DO RIO NEGRO	16
1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA MICRORREGIÃO DE SÃO BENTO DO SUL.....	21
1.2 GÊNESE DO POVOAMENTO	28
1.2.1 São Bento do Sul: Avanço da Colônia Dona Francisca.....	28
1.2.2 Campo Alegre: a Nova Cidade nos Primórdios de Serra Acima	32
1.2.3 Rio Negrinho: Cidade Artesã e Moveleira	35
II FORMAÇÃO DO POLO INDUSTRIAL MOVELEIRO E OS PADRÕES IDENTITÁRIOS DEFINIDOS PELO DESIGN.....	40
2.1 O PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DA REGIÃO DO ALTO VALE DO RIO NEGRO	40
2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL.....	46
2.2.1 Identidade Socioeconômica e Cultural da Região.....	46
2.2.2 Uma identidade construída e conquistada.	54
2.2.3 A Formação da Identidade Moveleira.....	56
III DESENVOLVIMENTO DO SETOR MOVELEIRO NO PADRÃO DESIGN EM DIFERENTES PERÍODOS E A INFLUÊNCIA DESTES NA ATUALIDADE.	70
3.1 CONCEITOS NORTEADORES	71
3.1.1 Dos Conceitos de Desenvolvimento.....	71
3.1.2 Do Conceito de identidade	73
3.1.3 Do Conceito de Padrão do Design	75
3.2 O DESIGN NA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO ALTO VALE DO RIO NEGRO	80
3.2.1 Desenvolvimento e Inovação na Indústria Moveleira do Alto Vale do Rio Negro: Antigos e Novos Padrões na Conquista de Mercado	84
3.2.2 Móveis Coloniais: Identidade e Tradição.....	87
3.2.3 Móveis Cimo S.A.: Marca para o Desenvolvimento Regional do Alto Vale do Rio Negro.....	93
3.2.4 Incentivo e crescimento das Exportações	99
3.2.5 Na Consolidação de uma Identidade Regional a Conquista do Mercado Interno.....	101
IV METODOLOGIA.....	103
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	103

4.1.1 População e Amostra	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE	121
APÊNDICE A – DADOS DOS ENTREVISTADOS	122
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 02 - EMPRESÁRIOS DIRETORES, GERENTES E AUTÔNOMOS.....	131
APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 02 - Aos Profissionais de <i>Design</i> que trabalham na empresa (podendo atuar como <i>designer</i> sem formação específica).....	133
APÊNDICE D – AUTORIZAÇÕES	135

INTRODUÇÃO

A Região do Alto Vale do Rio Negro¹ possui um dos maiores e mais promissores parques da industrialização de móveis do país que desenvolveu técnicas e modo de produção a partir da sua própria formação socioeconômica e cultural. Entendendo que na conquista de mercado, já não bastam às empresas regionais apostarem apenas na qualidade e no preço, precisam sim, de fatores que as diferenciem na disputa por uma fatia do mercado globalizado. É na inovação, e na adoção de padrões de *Design* que se fundamentam na história, memória e identidade socioeconômica e cultural para que se consolidem na competitividade empresarial, agregando valor ao produto e abrindo novos espaços no mercado interno e externo.

Para Flávio Antero dos Santos (2000), o Design, tem importante papel nos mais diferentes modos de produção, que a partir dos anos de 1990, tornou-se sinônimo de qualidade e seu sentido esteve relacionado à adequação do uso, ou seja, toda produção estava, naquele momento, focada no negócio, em uma tentativa de resgate aos valores que a sociedade industrial moderna negou pelo advento da Revolução Industrial, fato este que provocou mudanças, inclusive em conceitos de cultura local e regional.

A esse respeito, o geógrafo Milton Santos (2000) assegura que o conceito de cultura está intrinsecamente ligado às demonstrações de autenticidade, de integridade, pureza e liberdade. Nesta perspectiva, entende-se que cultura são todas as formas de manifestação coletiva de um povo que reúne heranças passadas, aspirações e desejos do presente que delineiam o futuro.

Para este geógrafo, a cultura pode ser genuína quando é resultante de profundas relações entre os homens e seu meio, por isto mesmo considera este elo entre as atividades humanas e as criações desenvolvidas por estes e adequadas ao espaço em que vivem o grande cimento, que defende e identifica as sociedades locais, regionais e nacionais contra qualquer tipo de ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas (SANTOS, 2000).

¹ Alto Rio Negro situa-se no Planalto Norte do estado de Santa Catarina, é formada pelos municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho.

Com base nas ideias expostas anteriormente, buscaram-se conceitos e definições de: identidade cultural, desenvolvimento socioeconômico, *Design* e cultura da Região do Alto Vale do Rio Negro, pois o presente estudo tem como foco compreender como se desenvolve uma identidade socioeconômica e cultural em uma região cujo desenvolvimento está diretamente voltado ao padrão do *Design* moveleiro.

Para tanto, foi necessário emprestar as ideias de Castells (2002), quando trata do poder da identidade e afirma que “entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um conjunto de atributos culturais interrelacionados, o(s) qual (is) prevalecem sobre outras fontes de significados”.

Assim, este estudo teve por objetivo geral: compreender como uma identidade socioeconômica e cultural influencia ou é influenciada no desenvolvimento do setor moveleiro do Alto Vale do Rio Negro, que busca no padrão de *Design* um modo de se inserir no mundo que tem sido determinado pelo padrão mercadológico global.

Enquanto que, os objetivos específicos buscaram:

- Caracterizar como se deu o povoamento e a formação do pólo industrial moveleiro da região do Alto Vale do Rio Negro;
- Compreender os conceitos de desenvolvimento e *design* que se fazem presentes no Pólo Moveleiro da Região do Alto Vale do Rio Negro.
- Analisar de que forma a memória e a identidade socioeconômica e cultural influenciaram ou foram influenciadas pelos empresários e profissionais responsáveis pela criação do produto da indústria moveleira quando se utilizam do *Design* a fim de agregar valores aos produtos desenvolvidos na região do Alto Vale do Rio Negro.

A metodologia aplicada foi desenvolvida de acordo com uma pesquisa histórica, cuja análise se utilizou das técnicas da história oral coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, dirigida a empresários, diretores e/ou gerentes de indústrias moveleiras, bem como com profissionais que desempenham diferentes atividades empresariais e atuam como e/ou são *Designers* de móveis.

Frente aos objetivos propostos, esta dissertação se encontra dividida em três capítulos. O primeiro é dedicado ao estudo de como se deu a formação e o povoamento da Região do Alto Vale do Rio Negro, para tanto, recorreu-se a história

da colonização regional, desde a chegada dos primeiros imigrantes estrangeiros e da adaptação destes povos à população local e ao meio agora adotado como nova pátria. Neste sentido, recorreu-se ainda a memória de descendentes diretos dos colonizadores a fim de compreender como uma região que rica em madeira saiu de um sistema primário produtivo e se projetou, nacional e internacionalmente, pelo desenvolvimento do setor terciário de produção com a formação do Pólo Industrial Moveleiro.

O segundo capítulo apresenta o perfil socioeconômico e cultural da região, com o objetivo de analisar de que forma a memória contribuiu para a construção de uma identidade socioeconômica e cultural, e como esta tem influenciado os empresários e profissionais responsáveis pela criação do produto da indústria moveleira a fazer uso de diferentes padrões de *Design* agregam valores aos produtos que destacam aqueles desenvolvidos na região do Alto Vale do Rio Negro.

O terceiro capítulo foi embasado em conceitos e história da criação de escolas que desenvolveram padrões de *design* de modo a influenciar o setor moveleiro na região do Alto Vale do Rio Negro, em diferentes períodos conforme o padrão adotado pelo mercado global e como este transforma e transporta culturas e tradições locais em marcas que avançam para além das fronteiras territoriais. Enquanto que o quarto capítulo apresenta de forma resumida a metodologia de estudo aplicada a pesquisa.

E, finalmente as considerações finais, não esgotam o tema por se entender que a pesquisa de campo e a teoria que embasaram este estudo, abrem novas janelas e permitem que outros olhares se voltem à região, pois esta pesquisa é apenas uma pequena parcela do muito que há para ser investigado e desenvolvido tanto pela sociedade local, regional, nacional ou internacional, quanto pela comunidade científica que busca entender como diferentes padrões influenciam ou podem ser influenciados, cultural, social e economicamente pelos ditames do mercado global.

I POVOAMENTO E FORMAÇÃO DO POLO INDUSTRIAL MOVELEIRO DA REGIÃO DO ALTO VALE DO RIO NEGRO

Ao iniciar este estudo, entende-se ser necessário caracterizar, mesmo que de forma resumida, como se deu o povoamento e a formação do pólo industrial moveleiro da região do Alto Vale do Rio Negro.

A região foco deste estudo situa-se no estado de Santa Catarina, que por sua vez encontra-se localizado entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul, compondo assim a região Sul do Brasil, conforme Figura 1.



Figura 1- localização geográfica do estado de Santa Catarina
Fonte: www.pampasonline.com.br/Terrasdosul/regiaosul.jpg

A pesquisa se desenvolveu na microrregião de São Bento do Sul, que também leva o nome de Região do Alto Vale do Rio Negro é composta pelos municípios de Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul e por sua vez se constituem em uma parcela da mesorregião Planalto Norte Catarinense (Figura 2), que em sua totalidade é formada por três microrregiões² (Figura 3) e integradas por 26 municípios³.

² As três microrregiões que compõem a mesorregião do Planalto Norte do estado de Santa Catarina são denominadas: Canoinhas, Joinville e São Bento do Sul.

³ Os 26 municípios que fazem parte da mesorregião Planalto Norte do Estado de Santa Catarina são: Bela Vista do Toldo, Canoinhas, Irineópolis, Itaiópolis, Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Santa Terezinha, Timbó Grande e Três Barras.



Figura 2 – Divisão das seis Mesorregiões do Estado de Santa Catarina
 Fonte: http://www.brasilchannel.com.br/img/mapas_municipios/sc/sc_meso.gif



Figura 3- Localização da mesorregião do Planalto Norte do Estado de Santa Catarina
 Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma-SC com interferência da pesquisadora

De acordo com a Constituição Federal de 1988, microrregião é um conjunto de municípios limítrofes que tem por finalidade integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, e neste caso, formada pelo agrupamento dos municípios em questão, ou seja, a região foco deste estudo trata da mesma divisão regional motivada por questões socioeconômicas e que coincidentemente integra a microrregião de São Bento do Sul.



Figura 4 – Divisão das três Microrregiões que compõe a Mesorregião do Planalto Norte do Estado de Santa Catarina
 Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma-SC com interferência da pesquisadora

A microrregião de São Bento do Sul localiza-se no Planalto Norte de Santa Catarina e nas divisas do Sul do Paraná. Encontra-se inserida na Serra Geral e nas encostas da Serra do Mar. Apresenta em si, características geográficas de terrenos extremamente acidentados o que dificulta, em grande parte, a prática da agricultura no que se refere a grandes extensões de áreas rurais. Porém, este fator natural direcionou a economia às atividades e modelos industriais trazidos, em especial, pelos colonos europeus, que de início se voltaram à economia extrativista.

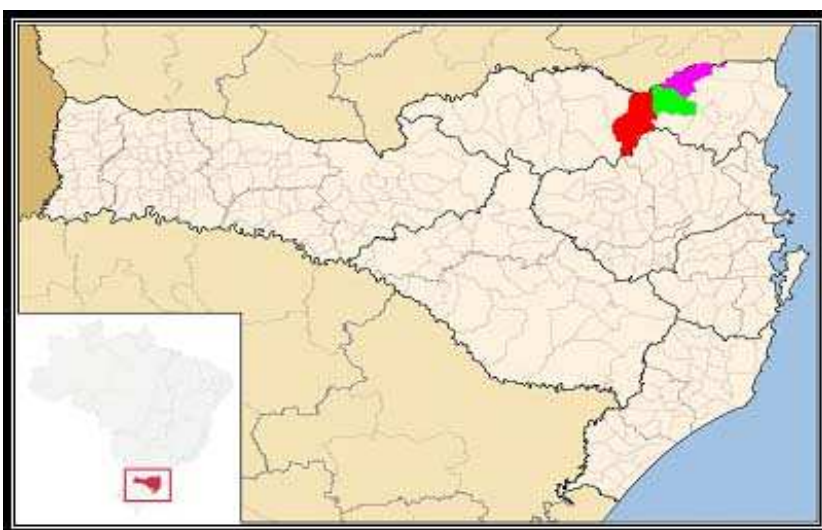


Figura 5 - Microrregião de São Bento do Sul
 Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma-SC com interferência da pesquisadora

A densa floresta de mata nativa oportunizou novo modelo de vida aos imigrantes oriundos de países mais desenvolvidos tecnologicamente, pois a Europa estava vivendo a instabilidade socioeconômica, fruto do desenvolvimento e fragmentação de países como Itália e Alemanha, entre outros, bem como da própria Revolução Industrial que naquele momento disponibilizava mão-de-obra ao mesmo tempo em que ia depreciando o trabalho do camponês. Fatos estes que em muito lhes tolhia a liberdade e o direito a uma vida mais digna em suas próprias terras (MAFRA, 1993).

Desse modo buscavam em outras regiões viver com liberdade em uma terra ainda desconhecida que lhes prometia desenvolvimento. Neste contexto é importante que se emprestem as idéias de Sen (2000) quando trata do desenvolvimento e afirma que este:

Pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritas de desenvolvimento, como as que identificam desenvolvimento com crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social (SEN, 2000, p. 17).

Ao tratar das questões que se referem aos imigrantes, Cabral (1994) afirma que estes chegaram e foram se estabelecendo nos fundos dos vales litorâneos, depois adentraram ao planalto e demais áreas territoriais catarinenses. Eram povos de diferentes nacionalidades como: italianos, alemães, poloneses, entre outras etnias, mas que tanto uns quanto outros tiveram a difícil tarefa de vencer as dificuldades impostas pela natureza e pelos próprios elementos humanos que já habitavam estas terras.

A descrição das dificuldades do processo de colonização pode ser encontrada em Dall' Alba e Souza (2008) quando demonstram que houve uma total falta de preparação tanto dos imigrantes que aqui chegavam, quanto dos povos sertanejos que aqui viviam, mestiços de índios e brancos e de uma hora para outra viram suas terras serem transformadas em colônias estrangeiras e eles próprios desalojados de seus espaços e de sua cultura.

Como se trata de um período que antecede os anos de 1822, ainda fazia parte das políticas do Reino Português (do qual até então o Brasil era dependente) colonizar o Brasil apenas com elementos brancos para que o negro não

predominasse na formação do povo e da cultura brasileira, mas com isto pretendia-se também substituir a mão-de-obra escrava. Nesta época os brancos que já estavam alojados no país tinham a noção de que os povos que aqui viviam eram despojados de qualquer tipo de cultura. Poucos entendiam que esta é uma marca da história, dos hábitos, das crenças e dos costumes dos mais diversos agrupamentos humanos (CÔRREA, 1997).

Dall' Alba e Souza (2008) em seus estudos apontam que foi em meados do século XIX, quando estava no poder D. Pedro II, que se deu de forma mais intensa a procura por povos brancos que pudessem vir da Europa para o Brasil. Assim,

[...] as Companhias Particulares de Colonizações fizeram extensas campanhas naquele continente, de modo que conseguiram trazer para cá milhares de imigrantes, cujas marcas colonizadoras e culturais se encontram ainda hoje, mais fortes, nas cidades de Blumenau, Brusque, Joinville e seus entornos (DALL' ALBA e SOUZA, 2008, p.25).

Quando estes povos chegaram a Santa Catarina esperavam encontrar uma região próspera de trabalho, terras para cultivar e liberdade para desenvolver-se econômica, social e politicamente, onde suas vidas estariam garantidas pela segurança e transparência governamental. No entanto, esta não foi a realidade encontrada, o que se viu por aqui foi mata fechada, a resistência dos nativos, grandes distâncias e poucas condições de acesso à propriedade, além de ausência de políticas sociais e de distribuição de terras, entre outros tantos problemas encontrados. Estas dificuldades exigiram afastamento das propostas, ideias e sonhos iniciais na busca do desenvolvimento. Nesta perspectiva se entende as palavras de Sen (2005, p.10) quando afirma que:

Superar esses problemas é parte central do processo de desenvolvimento. [...] a condição de agente de cada um é inescapavelmente restrita e limitada pelas oportunidades sociais, políticas e econômicas de que dispomos. Existe uma acentuada complementaridade entre a condição de agente individual e as disposições sociais: é importante o reconhecimento simultâneo da centralidade da liberdade individual e da força das influências sociais sobre o grau e o alcance da liberdade individual.

Ao chegar à região sul do Brasil estes povos passaram a habitar e a fazer uso constante de técnicas artesanais com misto dos avanços industriais já conhecidos por eles, fato este que os caracterizou sócio e culturalmente. Porém, seu modo de

trabalho foi sendo adaptado às culturas locais e às condições propiciadas pelo novo espaço geográfico.

No final do século XIX e início do século XX, a chegada dos imigrantes caracterizou a entrada de um novo paradigma cultural, pois pôde-se perceber que aqueles que aqui chegavam, traziam na bagagem algo que ia além de seus pertences pessoais, acompanhava-os a capacidade empreendedora que, nesta região se destacou, naquele período, especialmente no modo de produção visto no comércio da erva-mate e da madeira, cujos produtos resultavam da imensa riqueza regional, conforme foi observado no desenvolvimento dessa pesquisa cuja descrição se encontra presente nos subcapítulos e capítulos que dão sequência ao estudo.

1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA MICRORREGIÃO DE SÃO BENTO DO SUL.

Com o intuito de entender como as indústrias moveleiras da região do Alto Vale Rio Negro, ao longo de sua trajetória, foram gradativamente descaracterizando um estilo estético que a projetou internacionalmente, se faz necessário conhecer a história de sua colonização e bem como do alcance que a formação do profissional do pólo industrial moveleiro tem interferido na produção.

De acordo com os estudos de Mafra (2008), por um longo período histórico, a microrregião de São Bento do Sul viveu economicamente da exploração e venda da erva-mate. Tanto os sertanejos que aqui viviam, quanto os imigrantes que por aqui se estabeleceram, desfrutavam deste produto, que era tido como de melhor qualidade. Motivo pelo qual se reconhece que a erva-mate foi, desde cedo, um produto de exportação, que muito contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da região.

Cabral (1994) encontra-se entre os historiadores autodidatas do Estado de Santa Catarina que voltou seus estudos aos aspectos sociológicos e culturais, razão pela qual se acredita que seus estudos não podem ser esquivados, especialmente pelo fato de envolver a colonização da região do Alto Vale do Rio Negro.

Descreve o autor mencionado anteriormente, que a partir de 1854, a Diretoria da Colônia D. Francisca (Joinville) propôs ao Presidente da Província, a construção

de uma estrada de rodagem que cortasse a região de Serra Acima em direção a Rio Negro, no Estado do Paraná. Para este trabalho havia necessidade de mão-de-obra e foi somente em 1872, que a aproximadamente a 60 quilômetros de Joinville, ou seja, hoje em terras pertencentes ao município de Campo Alegre (no local conhecido por São Miguel), no alto da serra, que se estabeleceram alguns poucos colonos. Os mesmos usavam como meio de transporte carroções (Figura 5A e 5B), que de início, era mais que um meio de locomoção, pois servia à família como morada nos acampamentos improvisados, até que suas casas fossem efetivamente construídas.



Figura 5A - Acampamento de carroceiros no Alto da Serra: assim começam os povoados
Fonte – Ternes & Vicenzi (2002, p.106).



Figura 5B - Transporte de toras por tração animal, em 1924 - Acervo Flávio Prüss - foto histórica autor desconhecido.
Fonte: Ternes & Vicenzi (2002, p.106)

As terras já haviam sido preparadas pela empresa colonizadora da região, em glebas, que serviriam para a criação de um núcleo populacional de imigrantes. Porém, tão logo chegaram, constataram a baixa fertilidade das terras, para a agricultura, pois o subsolo é extremamente rico em caulim⁴, condição esta que forçou aqueles poucos imigrantes, um ano depois, a se estabelecer 24 quilômetros mais adiante (conforme Figura 6 que mostra uma vista parcial de São Bento Do Sul no ano de 1879, seis anos depois de ter sido colonizada), mais para o oeste, junto às margens do Rio São Bento, onde é fundada a 'Colônia São Bento' (CABRAL, 1994).

Desta forma, surge a primeira cidade que compõe o foco desta pesquisa e que deu origem aos outros dois municípios que integram a microrregião de São Bento do Sul.



Figura 6 – Vista de São Bento do Sul, em 1879, seis anos depois de ter sido colonizada.

Fonte: Ternes & Vicenzi (2002, p.91).

Na cidade de São Bento do Sul, os primeiros colonos passaram a viver da extração da erva-mate para consumo e pequenas vendas. Permaneceram por muitos anos, mas a extração era tida como uma atividade livre, pois pouco se conhecia sobre as leis da terra, fato este que favorecia ao sertanejo para reforçar o sustento de seu cotidiano. Mafra (2008) assegura que esta atividade lhes permitiu ganhar dinheiro e ao fazê-lo, os introduziu nas atividades comerciais, bem como, no

⁴ Caulim: variedade de argila que apresenta-se como pó branco de grande valor para a indústria cerâmica (BARBOSA, 2004, p. 78).

mercado de trabalho que se destacou, inicialmente na própria região e mais tarde, enriqueceu antigos proprietários de terras, tanto do Paraná quanto de Santa Catarina.

Permitia-lhes, também, perceber que este produto não exigia de imediato uma nova forma de trabalho, o plantio não provocava uma mudança de uma vida, cômoda para a época, pois a erva-mate como produto vendável existia no fundo dos quintais e sua exploração em larga escala tornava a região rica em exportação e ao mesmo tempo ao processar, agregava valor ao produto, encarecendo-o comercialmente. Na Figura 7, pode-se observar como era feito o sapeco da erva de modo ainda rudimentar. No trabalho, todas as pessoas da famílias eram diretamente envolvidas, pois desde muito cedo as crianças já entravam em contato com a atividade, levados pelos pais e até mesmo pela mãe que amamentava o bebê.



Figura 7 - Sapeco da erva-mate, uma das etapas no processo de preparo da planta para consumo.
Fonte: Ternes & Vicenzi (2002, p.115).

Nestas condições, pode-se entender como foi a chegada e adaptação dos imigrantes neste novo contexto, concomitantemente isto influenciou diretamente no processo de colonização do Alto Vale do Rio Negro. Esta afirmação se dá por entender que os que ali se fixaram não estavam incluídos no grupo social de grande poder econômico residentes Serra Abaixo, como os empresários da madeira ou das próprias empresas de emigração e por isto mesmo buscavam um novo cenário geopolítico, inclusos aí, terras que lhes garantissem a sua sobrevivência e de seus familiares, bem como lhes proporcionassem uma fonte de renda.

De início esta sobrevivência recaiu diretamente no produto explorado pelos sertanejos locais. A erva-mate passou a ser conhecida pelos novos habitantes do Planalto como outro tipo de ouro: o ouro verde⁵.

Neste sentido, torna-se interessante notar as palavras de Mafra (2008, p.83), quando afirma que

[...] a erva-mate no século XIX e XX foi o verdadeiro carro chefe da economia do Paraná e do Planalto norte de Santa Catarina. Foi responsável pelo surgimento de vilas e povoados onde antes era apenas sertão. Fez surgir fábricas de erva-mate, armazéns, rodovias, hidrovias, vilas e cidades.

Assim em uma retrospectiva histórica não se pode deixar de destacar que a,

Sociedade Colonizadora de Joinville, no meio dos ervais, no ano de 1873, fundou a Colônia Agrícola São Bento, com imigrantes austríacos, poloneses e alemães, numa área ao leste de Campo Alegre às margens do rio São Bento, quatro quilômetros distantes da estrada em construção, no Planalto Norte de Santa Catarina [...] (MAFRA, 2008, p. 22).

Esse mesmo autor aponta que até as primeiras décadas do século XX, a erva-mate continuou sendo o principal produto de comercialização, tanto no mercado interno quanto no externo, porém a venda para exportação da erva-mate própria para chimarrão entrou em crise no final da década de 1930, época em que era freqüente se ver engenhos fechados e até mesmo alguns empresários mudando sua área de atuação. Isto porque a Argentina tornou-se tanto produtora, quanto exportadora.

Deste modo abria-se o caminho para o ramo madeireiro, cujo produto se consolidou como o principal produto de exportação do Estado catarinense. Este fato fez com que, principalmente, os empresários imigrantes e filhos destes na região do Alto Vale do Rio Negro optassem pela industrialização da madeira, caracterizando assim, a extração, corte e comércio da madeira bruta (Figura 8).

⁵ Ouro verde: a erva- mate foi assim denominada, pelos imigrantes, por ser um produto nativo e geradora de renda para a subsistência. “A presença de erva-mate em abundância foi para o imigrante uma bênção divina e ele logo percebeu a importância desse ouro-verde” (MAFRA, 1993, p. 07).



Figura 8 - Colonos serram a madeira no meio da mata.
 Fonte: Ternes & Vicenzi (2002, p.66).

O trabalho braçal que se vê na Figura 8, demonstra que há certa intimidade com o ofício. Isto significa dizer que havia entre os colonizadores, aqueles que já tinham exímio conhecimento de algumas profissões, sendo mais conhecidas as de:

Sapateiro, agricultor, carpinteiro, cervejeiro, vinheiro, caldeireiro, piloto, padre, chapeleiro, mascate, **engenheiro**, pedreiro, **marceneiro**, dramaturgo, **serralheiro**, ferreiro, pintor, padeiro, caixeiro, ourives, marinheiro, criador, tanoeiro, barbeiro, guarda-livros, canteiro, alfaiate, jardineiro, vidraceiro, tradutor, **arquiteto**, costureiro, foguista, marmorista, **artista gravador**, maquinista, cozinheiro, relojoeiro, músico, tecedor, charuteiro, fabricante de escovas, professor, latoeiro e fabricante de massa (DALL'ALBA e SOUZA, 2008, p. 167).

Estava, portanto, na cultura dos imigrantes, a arte dos ofícios ou das profissões e é neste contexto que surgem também na região os primeiros fabricantes de móveis artesanais que eram fabricados em pequenas marcenarias e ou serrarias que na maioria das vezes era um espaço da própria casa e fazia parte da cultura e da identidade desses povos ensinarem aos filhos a arte do fabrico da própria mobília. De acordo com a imagem cedida pelo Sr. Leomar Rudnick (Figura 9), é possível compreender como eram confeccionados, distribuídos na casa e usados os móveis de fabrico próprio.



Figura 9 - Estilo de móvel fabricado por marceneiros locais no início da colonização.

Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick

Com relação aos sertanejos que já viviam na região, um novo período teve início, pois tanto eles quanto os colonos passaram a ver as diferenças sociais, econômicas e culturais quase que sob um mesmo prisma. Caíam os antigos padrões para os imigrantes que anteriormente viam nos nativos, um povo sem “cultura” e até mesmo brutos e selvagens, enquanto que o olhar destes últimos também se transformava, pois passavam a ver nos brancos um povo diferente, mas que se não sabiam cultivar a terra, tentavam usufruir quase tudo o que ela lhe provinha. Assim, tanto uns quanto outros passaram a assumir, mesmo que involuntariamente, o conceito de cultura no sentido de que esta é tudo o que o homem transforma através dos mecanismos da inteligência e da observação (CÔRREA, 1997).

Em razão da busca do desenvolvimento e da liberdade, cabe destacar os estudos de Sen (2000) quando aponta para a unicidade do conjunto, liberdade e desenvolvimento. Em suas palavras:

A liberdade é central para o processo de desenvolvimento por duas razões: 1) A **razão avaliatória**: a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas. (2) A **razão da eficácia**: a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas [...]. [Grifos no original] (2000, p.18).

Frente às palavras de Sen, pode-se considerar a própria liberdade como um processo de desenvolvimento ao se levar em consideração as relações sociais que se sucederam após a fixação desses imigrantes as novas terras e as interrelações

socioeconômicas e culturais que se constituíram em uma nova identidade local, isto porque o espírito empreendedor daqueles que aqui chegaram, aliado a riqueza da terra e do conhecimento local dos primeiros moradores da região, intensificou o desejo de desbravar e tornar o espaço físico em uma nova terra.

1.2 GÊNESE DO POVOAMENTO

1.2.1 São Bento do Sul: Avanço da Colônia Dona Francisca

A colonização de São Bento do Sul, segundo Mafra (1993) teve no século XIX, a chegada de novos imigrantes vindos da Alemanha e da Europa Central, os mesmos vieram diretamente para Santa Catarina e, mais precisamente, à Colônia Dona Francisca, naquela época a cidade de Joinville. Há que ser lembrado que as terras pertencentes às Companhias Colonizadoras da região não conseguiam mais absorver os colonos que buscavam neste espaço, uma nova forma de vida que ia além daquela vivida na Europa fragmentada. Deste modo, a Direção da Colônia pediu permissão ao Presidente da Província para avançar Serra Acima em direção ao Planalto chegando até a Estrada da Mata (origem da BR116) que cruzava as atuais cidades de Rio Negro (PR) e Mafra (SC). O fato se deu porque, “[...] o governo não possuía mais terras na região para que pudessem se instalar. Deste modo, os colonizadores buscavam terras cujas florestas se assemelhassem com as regiões de sua própria origem (MAFRA, 1993)”.

Ao chegar Serra Acima se encontra São Bento do Sul que foi o primeiro povoado a surgir, em 1873, quando os colonizadores subiram a Serra Dona Francisca em busca de novas terras. A busca de novas frentes colonizadoras demonstra que já havia naquele momento determinação e vontade de trabalhar em locais desconhecidos, cuja floresta era densa e habitada por um número reduzido de pessoas de clivagem composta de um misto de brancos, índios e negros.

Mesmo diante das dificuldades de adaptação a nova terra e aos antigos habitantes, os imigrantes viram ali a oportunidade de desenvolvimento, que antes lhe era impossível, pois em seu local de origem as chances eram cada vez mais

reduzidas pelo modelo econômico que lá se implantava e provocava constantes conflitos territoriais. A este respeito da Revolução Industrial e dos novos modelos socioeconômicos que se acelerava na Europa, cabe ressaltar os estudos de Canêdo:

[...] o complexo de inovações tecnológicas ocorrido na Inglaterra durante o decorrer do século XVIII, que arrebentou de vez com as correntes que aprisionavam o poder produtivo das sociedades humanas, tornando-as capazes de multiplicar rápida, constante e até ilimitadamente a produção de homens, mercadorias e serviços. [...] não mais a produção domiciliar do artigo que atendia a um mercado pequeno, e sim a existência de fábricas providas de máquinas a vapor [...] na fabricação em série para um mercado indeterminado, desconhecido e cada vez maior. (CANÊDO, 1987, p. 5-6).

O avanço populacional dos colonos europeus Serra Acima proporcionou um novo visual à região de São Bento do Sul e aos outros dois municípios que integram o território foco deste estudo, como é possível se observar (Figuras 10,11,12 e 13) ainda hoje na arquitetura tanto urbana quanto rural.



Figura 10 – Vista parcial da propriedade Rural do Sr. Adolfo Gorniack- em São Bento do Sul - construção do início do séc.XX
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 11- Vista parcial de uma propriedade rural em São Bento do Sul
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 12 – Construção no centro de São Bento do Sul: arquitetura em estilo alpino herança dos colonizadores
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 13 – Prefeitura Municipal de São Bento do Sul: arquitetura em estilo alpino herança dos colonizadores.
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Cabral (1994) observa que em setembro de 1873, foram iniciadas as derrubadas da madeira e a preparação das terras para a instalação do novo povoado, que era também administrado pela Sociedade Hamburguesa que fundou e administrou a Colônia D. Francisca, sendo assim, o novo local, uma extensão daquela iniciativa.

De começo, foram 10 as famílias alemãs que se instalaram nessa colônia, seguidas de outras 40, para as quais haviam sido divididos 79 lotes - e ela pode prosperar, apesar de ter tido uma vida agitada por vários fatores, agravados pela distância em que ficava da Sede da Companhia Colonizadora Hamburguesa, localizada em D. Francisca. (CABRAL, 1994, p.1131)

Em 1876, foi criado o seu Distrito e, em 1883, desmembrando-se de Joinville, contando 1.158 habitantes, foi elevada, por lei de 21 de maio, à categoria de Município, com quase 10 mil habitantes. Na mesma oportunidade, a sua sede foi elevada aos foros de Vila e posteriormente aos de Cidade (*id. ibid*, p. 1132).

Em 1943, passou a denominar-se Serra Alta, porém cinco anos depois recebeu a denominação de São Bento do Sul. Do seu território originaram-se dois outros municípios, Campo Alegre, que foi seu Distrito desde 1888, elevado a Município em 1896, e Rio Negrinho também seu Distrito, que se tornou autônomo em 1953 (*id. ibid*, p. 1132). Com o intuito de preservar a história do desenvolvimento socioeconômico, a prefeitura do município possui o Arquivo Municipal e a Fundação Cultural de São Bento do Sul (Figura 14).



Figura 14- Vista parcial do espaço que abriga o Arquivo Municipal e Fundação Cultural de São Bento do Sul
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O município de São Bento do Sul, Figura 15, foi fundado em 23 de setembro de 1873, possui uma área de 495,578 km² (IBGE, 2008) e conta com uma população de 75.543 habitantes (IBGE, 2005). É essencialmente industrial onde uma parcela importante do parque industrial está relacionado à indústria moveleira (móveis de madeira), o seu pólo moveleiro é o principal exportador de móveis do Brasil.



Figura 15 - Vista parcial de São Bento do Sul
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Kormann (1990) assegura que São Bento do Sul foi fundada sob o impacto da busca europeia de melhor, e maior estabilidade, bem como a busca incessante da paz entre os grupos humanos que na Europa viviam sob o impulso das constantes

guerras entre diferentes comunidades e entre elas próprias. Percebe-se, no entanto, que esta é uma descrição um tanto quanto apaixonada e o sonho de paz por parte do autor, que tem São Bento do Sul como sua terra natal e em suas raízes o sangue do imigrante alemão.

1.2.2 Campo Alegre: a Nova Cidade nos Primórdios de Serra Acima

No dia 23 de Agosto de 1827, o governo imperial começou a medição dos lotes coloniais e construiu o primeiro rancho de Campo Alegre. A cidade foi nomeada de *Froeliches Feld*, que traduzido significa "Campo Alegre", nome recebido devido as belas paisagens naturais da região, pois,

Em razão da espetacular paisagem, o local foi denominado de Campo Alegre, pois possibilitava a tantos quantos vencessem os tormentos da serra, sempre carregada de neblina e umidade, a agradável e alegre sensação de campos infinitos (TERNES; VICENZI, 2002, p. 88).

Os mesmos autores asseguram que, o município de Campo Alegre foi a primeira localidade em que se estabeleceram, inicialmente, os trabalhadores da construção da Estrada Dona Francisca, que não passava na época de uma picada, já em 1860, este local se tornou em uma espécie de ponto de descanso. Mais tarde, início do século XX, o espaço foi transformado em uma base de operações dos trabalhadores da rodovia,

Nesta mesma época, alguns imigrantes europeus ao construir suas moradas de madeira cortada na própria região incorporaram à sua cultura, a cultura regional, ao mesmo tempo em que consolidavam um estilo, mescla de modelo europeu adaptado as condições ambientais locais, configurando com isto o início de uma identidade que ao se utilizar da madeira faz dela sua principal vitrine. Exemplo caracterizado pela arquitetura da antiga residência construída em 1877, em Campo Alegre (Figura 16).



Figura 16 – Primeira casa de Campo Alegre, datada de 1877, transformada em residência de verão.

Fonte: Ternes & Vicenzi (2002, p.115)

Apesar da região Serra Acima ter sido colonizada, em seu início, por imigrantes europeus, principalmente alemães, por volta de 1860 no município de Campo Alegre, não existiam sobrenomes de origem alemã ou polonesa. Isto significa dizer que a cultura e a identidade predominante na região era de sertanejos descendentes da clivagem entre nativos e brancos, de indígenas, de espanhóis e de portugueses. A respeito dos primeiros habitantes moradores no município, Ternes e Vicenzi (2002, p. 89), em seus estudos apresentam:

A inexistência de quaisquer sobrenomes alemães ou polacos, que mais tarde povoariam a região em grande número, prende-se ao fato de que, nesta época, 1860, a região era reivindicada pela Província do Paraná, que mantinha alguns moradores como “ocupantes de terras”. [...], a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina foi não apenas difícil, do ponto de vista político e estratégico, mas também demorada, do ponto de vista jurídico e oficial, com o encerramento das tratativas apenas no ano de 1912, em terceira Proclamação dos Direitos de Santa Catarina pelo Supremo Tribunal Federal.

Ternes e Vicenzi (2002), afirmam ainda, que a colonização alemã nesta região, só aconteceu por volta de 1876, quando dois comerciantes, vindos do Distrito de Serra Alta, hoje São Bento do Sul, instalaram seus negócios neste local, mesmo que lentamente, oportunizaram o desenvolvimento do local, transformando-o na época em um espaço propício aos negócios, já que o local possuía madeira de lei e

erva-mate em abundância, pois era também, uma passagem obrigatória no transporte de cargas entre o Paraná e Santa Catarina.



Figura 17- Vista parcial de Campo Alegre – 2009
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O município de Campo Alegre (Figura 17), que inicialmente, teve na erva-mate e na madeira subsídios para a subsistência, atualmente abriga fazendas e propriedades de descanso (Figura 18), onde se cultivam pequenas plantações e pequenos rebanhos de bois, cavalos, cabras e ovelhas (TERNES; VICENZI, 2002).



Figura 18- Vista parcial de uma das fazendas de Campo Alegre - 2009
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Este município preserva traços da cultura trazida na bagagem de seus colonizadores alemães, facilmente percebido pelo visitante, pois se encontram presentes na arquitetura da cidade, como podemos conferir nas Figuras 19 e 20.



Figura 19- Arquitetura em estilo alpino, no centro de Campo Alegre
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 20- Arquitetura em estilo alpino, no centro de Campo Alegre
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

1.2.3 Rio Negrinho: Cidade Artesã e Moveleira

Além dos terrenos da Companhia Hanseática de Colonização, na região de São Bento, importante família de Curitiba possuía extensas áreas, uma das quais compreende hoje a sede do Município de Rio Negrinho.

Os estudos de Cabral (1994) indicam que a região denominada de Rio Negrinho que hoje faz divisa, ao oeste com o município de Mafra, ao sul com Rio dos Cedros, Doutor Pedrinho e Itaiópolis, a leste com São Bento do Sul e Corupá e ao norte com o estado do Paraná (Figura 20A), passou pelas primeiras transformações sociais por volta de 1875, quando se instalaram ali as famílias Ferreira de Lima, Simões de Oliveira e Gravi, oriundos do Paraná e mais especificamente, de São José dos Pinhais.



Figura 21 – Vista parcial do município de Rio Negrinho – 2009
Fonte: acervo particular da pesquisadora

Cabe destacar que foi a presença da maior fábrica de móveis da América Latina, a Móveis Cimo S.A., Figura 22, que projetou Rio Negrinho ao nível nacional e internacional como à "Capital dos Móveis".



Figura 22 – Vista parcial da empresa de Móveis Cimo S/A
Fonte: Henkels, 2009.

A indústria de Móveis Cimo S.A. impulsionou o desenvolvimento de Rio Negrinho e devido a organização que ali ocorreu, a atual cidade tornou-se naquela época distrito de São Bento do Sul. Tal processo se deu pela Lei Municipal 155, de 13 de dezembro de 1925.

No entanto, o mundo passava por crises econômicas e sociais o que acabou por desencadear sucessivas quedas nas vendas dos produtos fabricados pela Cimo. Este fato gerou um novo cenário local, pois muitos ex-operários da Cimo, sozinhos ou associados a outros, buscaram montar suas próprias fábricas. Porém, estas iniciativas privadas seguiram um novo padrão, ou seja, a fabricação de móveis residenciais buscou resgatar e consolidar na história local, uma identidade socioeconômica e cultural que faz do uso da madeira para produção de móveis de estilo colonial, aceitos no mercado regional e nacional.

Deste modo, uma nova fase econômica surgia em Rio Negrinho de forma que quando a Cimo reduziu o quadro de pessoal, não houve conseqüências traumáticas para a cidade, pois os trabalhadores foram absorvidos pelas novas fábricas de móveis (MAFRA, 1993).

Dos três municípios que compõem a região do Alto Vale do Rio Negro, Rio Negrinho é exemplo de como a identidade sociocultural do colono imigrante europeu se tornou símbolo regional. Em sua história encontram-se imagens, símbolos marcantes, que mesmo tendo sido alteradas pelos avanços da economia e do desenvolvimento local, ainda representam a força da cultura de um povo, como é o caso da grande chaminé que pertenceu a empresa Cimo S.A. conforme Figura 23 e da Maria Fumaça que modernizada (Figura 23A) ainda faz passeios na tentativa de resgatar um período em que a região viveu a prosperidade.



Figura 23 – Antiga chaminé da Móveis Cimo SA – 2009
Fonte: acervo da pesquisadora



Figura 23A – Vista parcial da locomotiva: Maria Fumaça em Rio Negrinho

Fonte: www.campinglagoazul.com.br/rionegrinho.html

Neste sentido, há que ser lembrado, neste estudo, que uma das principais características que identificam uma região é a sua formação histórico/cultural. Para tanto, procurou-se trabalhar no capítulo que segue, como se deu a formação do pólo industrial moveleiro da região do Alto Vale do Rio Negro, bem como os padrões identitários definidos pelo *Design* de acordo com teóricos da área.

II FORMAÇÃO DO POLO INDUSTRIAL MOVELEIRO E OS PADRÕES IDENTITÁRIOS DEFINIDOS PELO DESIGN

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma análise de que forma a memória e a identidade socioeconômica e cultural influenciaram ou foram influenciadas pelo conceito de desenvolvimento. Bem como de que maneira os empresários e profissionais responsáveis pela criação do produto, da indústria moveleira se utilizam do Design de modo a agregar valores aos produtos desenvolvidos na região do Alto Vale do Rio Negro.

2.1 O PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DA REGIÃO DO ALTO VALE DO RIO NEGRO

O perfil socioeconômico da Região do Alto Vale do Rio Negro tem sido estudado por diferentes teóricos, no que tange a sua formação territorial, étnica e econômica. Porém, pouco ainda se sabe sobre o papel do setor moveleiro na história do desenvolvimento socioeconômico e cultural do Estado de Santa Catarina, mais especificamente na Região do Alto Vale do Rio Negro.

Um dos estudiosos da economia da região do Alto Vale do Rio Negro é Adelino Denk, em sua obra *Pólos Moveleiros: I São Bento do Sul (SC)*, publicado em 2002, aponta que:

Em Santa Catarina, na região do Planalto Norte de Santa Catarina (Alto Vale do Rio Negro), encontra-se o *cluster*⁶ da Região de São Bento, especializado na produção de móveis, na sua maioria maciços de madeira, de alto padrão para o mercado interno e de médio padrão, em móveis de pinus para a exportação. [...]. A indústria de móveis representa a base da economia da região, [...] (2002, p.26).

Após as pesquisas em fontes bibliográficas, surgiu a necessidade de se comprovar de forma empírica como a cultura da região, oriunda de seus colonizadores, caracterizou a região como o principal pólo moveleiro de Santa

⁶ *Clusters*- concentração setorial e geográfica de empresas, facilitando a especialização e cooperação e que podem conduzir a maior eficiência coletiva. (DENK, 2002, p.23)

Catarina e de destaque tanto nacional quanto internacional. Neste sentido, percebeu-se a necessidade da utilização de dados resultantes de entrevistas com empresários, diretores e *Designers* que vivenciaram e vivenciam a evolução histórico/cultural/econômica da região no setor moveleiro e que contribuíram para a consolidação de uma identidade moveleira, proporcionando o desenvolvimento da Região do Alto Vale do Rio Negro, o qual tem na memória dos descendentes de seus colonizadores subsídios que levam a compreender o padrão identitários da região.

Ao dar continuidade ao estudo proposto acredita-se na necessidade de definir o que se entende por memória. De forma ampla pôde-se dizer que memória é uma capacidade inerente ao ser humano, e por meio dela é possível conservar marcas, momentos, imagens entre outros de experiências passadas, estas são trazidas ao presente, quer sejam em sua totalidade, quer seja em fragmentos, muitas vezes caracterizadas como lembranças. Diante do exposto, pode-se dizer que a memória se caracteriza pela capacidade humana de acumular no cérebro experiências e fatos, que promovem a adaptação do ser humano ao meio garantindo sua sobrevivência dando significado ao dia-a-dia e reunindo experiências para utilizar no decorrer da vida.

Nesta pesquisa, portanto, utilizou-se destas lembranças, que por sua vez foram conjugadas às pesquisas bibliográficas para se compreender aspectos importantes da vida socioeconômica da região foco deste estudo. Durante o desenvolvimento da pesquisa tomou-se o cuidado de não se apaixonar pela fala dos entrevistados, pois dentre os eles, pode-se perceber que há a presença de um imaginário comum, que indica uma memória coletiva relacionada ao desenvolvimento regional.

A fim de compreender o significado teórico da memória, buscaram-se os estudos de Bosi (1998), quando aponta dois tipos de memórias que valem ser levados em consideração nesta pesquisa. A primeira está diretamente relacionada às lembranças comportamentais e outra constituída de uma situação de lembranças isoladas, na qual:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer

hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado [...]. A *memória-hábito* adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é um processo que se dá pelas exigências de socialização [...]. No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida (BOSI, 1998, p. 48-49) (grifos no original).

Na junção destas memórias e durante o desenvolvimento da pesquisa em sua totalidade, entende-se que é justamente na união destes dois tipos de memória se constituiu na memória coletiva de uma sociedade, que tem neste caso, a indústria moveleira como base de desenvolvimento, deixando transparecer que o legado socioeconômico e cultural dos colonizadores da região deixou na memória local marcas identitárias que não se apagaram.

Este legado socioeconômico e cultural trazidos pelos colonizadores é possível ser constatado nas Figuras 23B, 24 e 25, onde representam exemplos de mobílias fabricadas nas rudimentares marcenarias presentes na região no início da colonização.

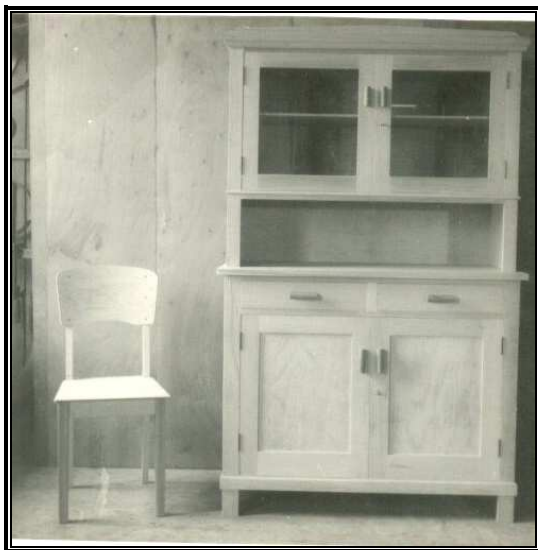


Figura 23 B – Móvel de Cozinha: guarda-comida – Início do Século XX
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick.



Figura 24 - Jogo de jantar – madeira: imbuia – estilo: colonial – com “corações” recortados manualmente.
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick.



Figura 25 – Cadeira fabricada exclusivamente para o bispo de Joinville em estilo francês.
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick.

Estas marcas da memória se encontram presentes também em outras imagens como aquelas vistas pelas pessoas que circulam pela cidade de Rio Negrinho e ali visualizam símbolos de uma época de prosperidade. Este é o caso de uma grande chaminé que pertenceu a Móveis Cimo S.A (1920-1980), conforme figuras 26 e 27.



Figura 26 – Vista parcial do município de Rio Negrinho- Paço Municipal com Chaminé da Móveis Cimo S.A
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

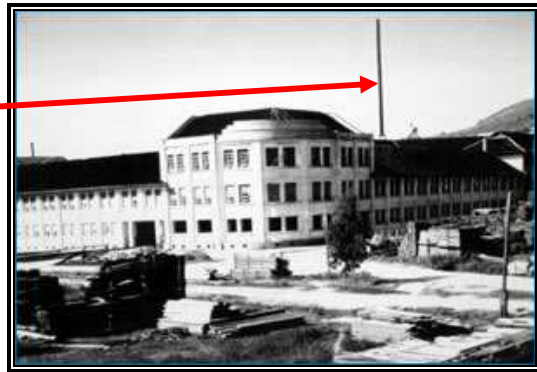


Figura 27 – Vista parcial da Móveis Cimo S.A. no início séc.XX
Fonte: HENKELS, 2009

Hoje aquele espaço é ocupado pela entidade representativa do governo municipal - Paço Municipal. Outro símbolo que chama a atenção dos transeuntes é a da antiga Maria Fumaça⁷. A mesma máquina (Figura 23A) ainda oferece seus serviços como um resgate à memória dos antigos moradores da cidade e aos visitantes que tem interesse em passear pelo passado. Para que este passeio ocorra ainda se faz necessário um prévio agendamento, que só se completa se considerar a visita ao Museu Municipal Carlos Lampe⁸ (Figura 28), cujo acervo transporta as

⁷ **MARIA FUMAÇA:** A Maria Fumaça proporciona aos turistas e passageiros um passeio encantador pela serra do Norte Catarinense, em cenários antigos de montanhas, túneis e cachoeiras. Além disto, os passageiros podem conhecer a história da ferrovia no Museu Dinâmico da Maria Fumaça, contando com oito locomotivas a vapor, vagões antigos e peças relacionadas à história da ferrovia no Brasil. O passeio de Maria Fumaça acontece todo segundo sábado de cada mês, com saída de Rio Negrinho às 10h, com destino a Rio Natal, onde os passageiros são aguardados com um saboroso almoço típico polonês, e retorno previsto às 16h. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO NEGRINHO, 2009)

⁸ **MUSEU CARLOS LAMPE:** O prédio onde hoje é abrigado o Museu Municipal Carlos Lampe foi construído no ano de 1923, servindo de residência para Jorge Zipperer e quase todos os seus filhos. Em 1998 foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual, onde foi restaurado num minucioso e excelente trabalho, para manter viva a história de Rio Negrinho. O Museu Carlos Lampe possui um acervo histórico fascinante, além de abrigar exposições artísticas e culturais. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO NEGRINHO, 2009)

peças à época gloriosa dos colonizadores, bem como a sua contribuição para o desenvolvimento de uma memória que identifica a região.



Figura 28 - Vista parcial do Museu Carlos Lampe-
Rio Negrinho
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O estudo que ora se apresenta não pode se deter apenas na memória visual, mas também nas pesquisas que tratam de outras formas de desenvolvimento, seja de caráter econômico, social, cultural, identitário e outros, mas busca-se aqui um de caráter mais amplo como o apresentado por Santos (2006, p.07), quando destaca que “o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la”.

Na região do Alto Vale do Rio Negro o processo de desenvolvimento não foi diferente, pois desde a sua colonização verificaram-se diferentes fatores e momentos, ora de contatos com a natureza, ora de contatos com semelhantes, ora de conflitos na adaptação com o meio, ora de conflitos linguísticos e culturais, conflitos econômicos, entre outros, que foram determinantes para a organização econômica e social daqueles que ao se estabelecerem neste espaço, construíam e consolidaram uma memória.

Esta construção, como já se afirmou no primeiro capítulo se deve ao fato da existência em abundância de matéria-prima nativa, a erva-mate e as madeiras de lei que proporcionaram ótimas oportunidades comerciais, estimulando a instalação de marcenarias nos fundos dos quintais de muitas residências, dando início à produção de móveis na região.

De acordo com Rudnick (2009), os imigrantes que chegaram à região traziam, além de móveis na bagagem, a habilidade no fabrico de móveis. Esta característica do imigrante também foi percebida por Adelino Denk, um dos entrevistados, quando faz alusão ao que poderia ser o início da produção e comercialização de móveis pelos então colonizadores:

Os imigrantes que aqui se estabeleceram além de trabalhar na agricultura tinham também a habilidade de trabalhar a madeira. Quando levavam a erva-mate para vender na região de Joinville, levavam também, alguns artefatos feitos em madeira maciça, recurso natural em abundância na região, que com o passar dos anos foram identificando e tornando a região conhecida (DENK, 2009).

Seguindo o curso das ideias expostas pelos entrevistados, nota-se que eles mesmos demonstram conhecer que há uma relação entre a cultura trazida pelos imigrantes e a sua adaptação ao meio ambiente e o início de uma atividade que se tornaria objeto de desenvolvimento e agente influenciador da formação de uma identidade socioeconômica e cultural para a região.

Neste sentido, cabe relacionar cultura e identidade feita por Woodward (2000, p.15) quando coloca que “os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas frequentemente reivindicam uma cultura ou uma história comum como fundamento de sua identidade”.

2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL

2.2.1 Identidade Socioeconômica e Cultural da Região

Durante o século XIX a Europa estava passando por várias crises, que iam da fragmentação do solo, às lutas políticas, sociais e territoriais, de modo que não era difícil encontrar pessoas dispostas a conquistar novos territórios, pois ali, a terra já tinha perdido seu valor de estima e o seu lugar deixava de ser o lugar da afeição. A esse respeito Tuan (1983, p.165 – 166) quando trata da noção de pertencimento e afirma que:

O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo, toda a terra. A pátria é um tipo importante de lugar em escala média. **É uma região (cidade ou interior) grande o suficiente para garantir a subsistência de um povo.** A afeição pela pátria pode ser intensa (grifos da pesquisadora).

Neste sentido entende-se quando, em 1873, um pequeno grupo de colonizadores subiu a serra Dona Francisca e fundou a Colônia Agrícola São Bento, em cujo solo busca construir uma nova pátria, um novo lar e “[...] ali construíram o primeiro rancho e dali partiu para abrir os primeiros caminhos na mata, sempre ao longo do rio São Bento” (ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE SÃO BENTO DO SUL, 2006, p.15).

Ao chegar à nova terra, encontram uma região de mata virgem, com densas florestas, ricas em madeiras de lei e erva-mate⁹. De início, a erva-mate foi o produto que gerou para a colonização da Região do Alto Vale do Rio Negro, a indústria básica, cujo volume de recursos oferecia emprego para muitas pessoas (MAFRA, 1993).

Naquele momento, percebeu-se a presença de madeira em abundância na região, esta que no futuro se transformaria na matéria - prima da economia da regional e o seu produto seria comercializado, disseminando mundo afora uma identidade socioeconômica e cultural de toda uma região. Esse processo caracterizou de tal forma a região que deu um novo sentido ao espaço que ocupou o lugar colonizado com:

[...] profunda afeição [...] parece ser um fenômeno. Não está limitada a nenhuma cultura e economia em especial. É conhecida de povos letrados e pré-letrados, de caçadores – coletores e agricultores sedentários, assim como dos habitantes da cidade. A cidade ou terra é vista como mãe e nutriz: **o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê franqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte** (TUAN, 1983, p.171-172) (grifos da pesquisadora).

Com a criação do Banco Nacional de Habitação, o BNH, em 1964, e o financiamento para a construção de casas populares, as empresas apostaram na fabricação de portas e janelas como alternativa de crescimento econômico. Paralelamente, quando compram as esquadrias também adquirem os móveis para

⁹ Cultura nativa desta região e muito explorada na época era importante fonte de economia da região até então, pois “sua exploração estava em pleno desenvolvimento representando expressiva participação na pauta de exportações do Brasil” (MAFRA, 1993, p.28-9).

mobiliário suas novas residências e como estes eram de alta qualidade logo conquistaram os mercados do eixo Rio-São Paulo.

O processo anteriormente citado é descrito pelo Sr. Reinaldo Baechtold Filho, proprietário da empresa Normóveis de Campo Alegre-SC. Ele relata que na década de 60 fabricaram as portas e janelas para o primeiro conjunto habitacional financiado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) em São Bento do Sul-SC, porém seus produtos conquistaram um público que se encontrava além da região Sul, fabricou muitas portas e janela para igrejas sob a encomenda da influente família da sociedade paulistana, o Matarazzo.

Depois disso, a empresa Normóveis deu início as atividades no fabrico de móveis sob medida, abrangendo agora um eixo mais extenso de mercado Rio-São Paulo. Cabe aqui fazer uma ressalva ao importante papel do Designer, que naquela época era exercido por um arquiteto que desenhava além do projeto do espaço físico a ser ocupado, também o do próprio móvel e este material era então encaminhado a empresa em Campo Alegre que, mesmo distante produzia e entregava o móvel de acordo com o pedido do consumidor e vistoriado pelo arquiteto. Entre os importantes clientes pode-se citar:

Henry Matarazzo Decorações (que) ditava o modelo, o preço e a quantidade a ser produzida. O público-alvo era a classe média e alta, que exigiam qualidade, mas não se preocupavam com o preço. O estilo colonial, já tradicional na região (foco deste estudo), agradou em cheio os novos compradores (MAFRA, 1993, p. 53) (interferências da pesquisadora).

Mesmo que no início do século XX muitos artefatos de madeira tenham sido produzidos, cabe destacar, em especial os móveis coloniais, pois foram eles que lançaram a região do Alto Vale do Rio Negro, como pólo moveleiro, no mercado nacional e internacional, o processo se deu mais especificamente nas cidades de São Bento do Sul e Rio Negrinho. Ao tratar dos móveis coloniais, Denk (2002, p. 105) em sua obra *Pólos Moveleiros - I: São Bento do Sul (SC) aponta* que foi somente a partir de 1952, que “Weihermann Irmãos iniciaram a fabricação em série dos móveis em estilo colonial, sendo deste modo a pioneira neste ramo”.

Continua o autor a tratar da produção de móveis, no entanto de modo sutil apresenta também uma pequena conquista do que viria a ser o espaço do *Designer*, quando afirma que os móveis em estilo colonial seguiam para o Rio de Janeiro semi-acabados necessitando somente sua montagem. No entanto, quando lá chegavam

recebiam um acabamento de lustração, ou seja, interferindo na sua forma original. Mais tarde os móveis passam a ser vendidos, já montados, iniciando assim o grande embrião na produção dos móveis coloniais (DENK, 2002, p.105).

Nesta mesma época, a Indústrias Zipperer S/A (Figura 29) torna-se a primeira empresa a vender produtos fora da região. Seu fundador Carlos Zipperer Sobrinho, em 1930, reaproveita rejeitos de madeira para fabricar artefatos que foram bem aceitos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Aparecida do Norte (SP). Naquele período a empresa inovava, diversificando o trabalho e o produto, pois passou a confeccionar material como: bolinhas, redondas ou ovais, que eram utilizadas como matéria-prima de objetos religiosos ou ainda, adereços femininos, a exemplo disso podem-se citar: terços, colares, pulseiras, entre outros (Denk, 2002). Com isso, é possível observar que o campo a ser explorado pelas indústrias madeireiras avançava além da produção de móveis estendendo também, oportunidades de atuação do Designer.



Figura 29 – Indústrias Zipperer no início de suas atividades, no centro de São Bento do Sul.
Fonte: www.saobentonopassado.wordpress.com

Ainda em relação ao pioneirismo da Indústria Zipperer, Denk (2002) destaca:

A Indústria Zipperer, no final da década de 50, exportava para Alemanha, EUA e Inglaterra e, na década de 60, iniciou exportação para o Japão. Foi a primeira empresa a exportar. O seu ineditismo ocorre com diversas iniciativas: em 1972, foi pioneira na exportação através de *container* (caixas de costura para os EUA); no início dos anos 80, foi pioneira na **utilização do pinus** para a produção de móveis; pioneira na secagem de madeira em estufas (DENK, 2002, p.105) (sem grifos no original).

Cabe nesse espaço, uma ressalva, tanto na produção de móveis quanto no papel do Designer frente à utilização do pinus na fabricação de móveis no Brasil, em especial, nas indústrias moveleiras da Região do Alto Vale do Rio Negro. Na década de 80, muitas empresas lançaram no mercado interno e externo, móveis que tem o

pinus como matéria-prima. A utilização desta foi também observada por Denk (2009) quando em sua entrevista relata que o uso desta foi

[...] tecnologicamente errado, pois este tipo de madeira era bem diferente daquelas utilizadas até então. O pinus tinha muito nó (ocasionado pela falta de conhecimento quanto ao plantio e manejo), necessitava uma secagem diferenciada feita em estufas, possuía uma resina que deixava a madeira com aspecto diferenciado em relação a durabilidade. Com a falta de tecnologia adequada em pouco tempo as grandes lojas começaram a rejeitar o produto, pois, **sem o acabamento necessário estes móveis se tornavam de baixa resistência, durabilidade e qualidade** (grifos da autora).

Esta falta de conhecimento tecnológico, associado a um padrão de Design, tendo o estilo colonial como referência (Figura 30), fez com que os móveis em pinus adquirissem uma característica de móvel descartável e de qualidade inferior. Além disso, o móvel apresentava um design pouco atrativo (Figura 31), tornando os consumidores brasileiros resistentes à aquisição deste tipo de móvel. Este fato fez com que as empresas procurassem alternativas para colocar seus produtos no mercado.



Figura 30 - Beliche em pinus
Fonte: www.eucalyptus.com.br



Figura 31 - cabeceira de cama em pinus
Fonte: www.clavima.com.br

Porém, outro problema que as empresas enfrentaram e ainda enfrentam na fabricação de móveis em pinus, é que no Brasil não existem, a exemplo da Europa, normas técnicas e regulamentação ergonômica para a fabricação deste tipo de móvel (DENK, 2009).

Como o mercado já não mais absorvia a produção, tanto de móveis em madeira de lei quanto em pinus, as empresas começaram apresentar dificuldades financeiras e viram na exportação uma alternativa de superar a crise. Neste sentido

foi nos anos de 1988 e 1989 que as empresas buscaram contatos para a exportação de sua produção, o que não foi muito difícil, isto porque, a região já era conhecida internacionalmente pela produção de móveis em madeira de lei produzido por imigrantes europeus.

A afirmação anterior aparentemente é contraditória, mas ela se justifica ao seguir o curso das idéias de Denk (2002) ao expor que os imigrantes que aqui se estabeleceram, souberam muito bem trabalhar a madeira maciça, característica muito apreciada pelos importadores, pois os móveis de pinus são em madeira maciça. Portanto, o processo do fabrico do móvel em pinus naquele instante não se diferenciava muito do móvel produzido em madeira de lei.

A diferença da produção se encontrava na necessidade de um tratamento especial para a produção que utilizava este tipo de madeira, bem como a necessidade de pessoas para trabalhar no desenvolvimento de produtos que utilizando uma madeira mais leve apresentassem o estilo da madeira de lei e que os tornassem mais resistentes.

É interessante neste momento pontuar como se deu os primeiros contatos para a exportação dos produtos regionais, que teve na sua identidade socioeconômica e cultural, o diferencial competitivo para se inserir no mercado internacional de móveis. . Em entrevista com o Sr. Reinaldo Baechtold Filho (2009) encontram-se subsídios que permitem entender a negociação e a introdução do móvel fabricado em pinus no mercado mundial.

De acordo com Baechtold Filho (2009), em 1993, quando o mesmo ocupava o cargo de Presidente da Associação Comercial e Industrial de Campo Alegre, esta era ainda uma associação pequena, com poucos sócios e por não possuir sede própria e tinha a característica de ser itinerante, ou seja, a sede da Associação passava a ser sempre na empresa de seu Presidente. Relata o entrevistado que foi ainda no ano de 1993, que um empresário dinamarquês veio a Santa Catarina com o objetivo de conhecer as empresas moveleiras da Região do Alto Vale do Rio Negro.

Encontram-se ainda nos relatos de Baechtold Filho (2009) que ao chegar à Florianópolis, o dinamarquês, procurou a Associação Comercial da Capital, para que a mesma intermediasse junto aos empresários da região. Ao subir a serra, o primeiro contato acontece com a Associação Comercial e Industrial Campo Alegre, na pessoa de seu presidente, que era então o próprio entrevistado, ou seja, o Sr.

Reinaldo Baechtold Filho e como a sede da Associação era na sua empresa, ele aproveitou a oportunidade para mostrá-la ao empresário, bem como todos os produtos ali fabricados.

Torna-se impossível continuar a descrição da entrevista em questão, sem dar destaque a presença dos traços culturais da etnia alemã, incorporados, imortalizados e multiplicados com a consolidação da empresa e também nas ações do empresário no seu dia-a-dia. De acordo com Bosi (1998) ¹⁰ pode-se entender que na continuidade da empresa se evidenciou a presença da *memória-hábito*, pois a mesma se constituiu em uma herança socioeconômica e cultural dos antepassados de Baechtold Filho. Isto se percebe no relato do entrevistado:

[...] não foi difícil a comunicação entre nós, pois eu tinha o domínio da língua alemã. Desde pequeno, em minha casa, o alemão era o idioma falado, tanto que quando ingressei na escola enfrentei muita dificuldade com o português, pois apesar de morar no Brasil, pouco ou quase nada sabia desta língua. Hoje agradeço aos meus pais por terem conservado no nosso dia-a-dia este legado cultural, que foi um dos elementos que contribuíram para que nossa empresa se inserisse no mercado da exportação de móveis. Hoje procurando manter esta tradição, recentemente proporcionei a minha filha um curso da língua alemã, na Alemanha. Muitas pessoas da região que eu conheço também procuram conservar as tradições desta cultura, e uma delas é a língua alemã (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Acredita-se ser importante, ressaltar que em alguns momentos da entrevista se observou que houve a contribuição do conhecimento em Design aliado aos elementos socioculturais, o que foi fundamental para fortalecer a identidade de Pólo Moveleiro para a região.

Dando continuidade ao seu propósito, o empresário dinamarquês faz contato com as Associações Comerciais e Industriais dos municípios de São Bento do Sul e Rio Negrinho, visita outras empresas moveleiras e retornando a Campo Alegre faz novo contato com a Indústria de Móveis e Esquadrias Bela Aliança (atual Normóveis) empresa de propriedade do entrevistado.

¹⁰ *Memória-hábito*: quando o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas. (BOSI, 1998, p. 48-49)

Em seguida, o cliente apresentou o *briefing*¹¹ de uma cama de solteiro, o que rapidamente foi entendido pelo empresário (entrevistado) que assumiu, naquele instante, o papel do *Designer*, fazendo um esboço gráfico e apresenta-o ao cliente que, após análise, aprovou o projeto, questionando sobre o tempo de entrega do protótipo.

Este questionamento foi respondido de imediato pelo Sr. Reinaldo que a entrega se faria em um prazo de vinte e quatro horas, quando então faria a análise do produto. Diante da resposta do empresário local o cliente se mostrou surpreso, pois não esperava tal rapidez.

No dia seguinte, o dinamarquês compareceu a sede da empresa e ao constatar que o móvel estava pronto, num ambiente extremamente limpo e organizado, duvidou dizendo que: “este móvel não foi feito aqui”.

Esta surpresa provocou no Sr. Reinaldo extremo desagrado e de modo ofendido afirma que seu pensamento naquela hora foi de dizer:

Além de cumprir com o que havia prometido, manter a fábrica limpa e organizada é numa prática diária, normal e necessária para o bom andamento da produção, não só na época, como também atualmente. Esta prática está presente também nas minhas ações fora do âmbito empresarial, pois foi o que aprendi com meu pai e minha mãe, e procuro repassar para meus descendentes (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Frente à indignação de Baechtold Filho, o empresário Dinamarquês, ao perceber que havia cometido um sério engano lhe pediu desculpas, além disso, parabenizou empresa e o empresário afirmando ter gostado muito do protótipo. Prova disso foi a encomenda de uma carga correspondente a cinco containers¹² do respectivo móvel. Com muita prudência e seriedade, característica, herdada de seus antepassados, o empresário catarinense garantiu que se comprometia a produzir, inicialmente, o correspondente a apenas um container.

¹¹ *Briefing*: a palavra *briefing* vem do inglês, do verbo *to brief* que significa resumir, fazer a apresentação sumariada de alguma coisa. [...] não de ver encarado como uma resposta de um questionário, mas sim como um relatório, que descreve e relatam determinados enfoques. Portanto, é o ponto de partida de qualquer projeto, pois é a oportunidade que o cliente tem de expor o problema a ser resolvido e o contexto em que ele se encontra. [...] deve conter informações a respeito do produto, do mercado, do consumidor, da empresa, dos concorrentes, os objetivos do cliente, etc. (BRITO 2008, p.01)

¹² Container: caixa grande que acondiciona carga para transporte e que tem como objetivo facilitar a locomoção e o manejo (MICHAELIS, 1998, p.570).

É possível observar na fala de Baechtold Filho que há características dos traços socioculturais da etnia colonizadora da região. Objetivando ainda demonstrar a seriedade com que a empresa tratou dos negócios e ao mesmo tempo buscou repassar a imagem de um empresário firme, determinado, cumpridor de suas promessas, preocupado com a qualidade de seus produtos e com vistas na continuidade dos pedidos, colocou ao empresário/cliente suas condições:

[...] quando a produção estiver pronta para o embarque, entro em contato para que o valor correspondente seja depositado. Para ter certeza da chegada dos produtos, com a mesma qualidade assumida por ocasião do pedido, desembarcarei na Dinamarca na mesma época do recebimento da mercadoria (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Esta atitude enfatizou a responsabilidade e o comprometimento do empresário da Região do Alto Vale do Rio Negro, no tocante as suas ações, tanto operatórias quanto comportamentais, muitas vezes de forma espontânea e automática, o que caracteriza o resgate cultural que Bosi (1998) classifica como memória – hábito.

2.2.2 Uma identidade construída e conquistada.

A partir de 1970, o advento da exportação, caracterizou a expansão do mercado interno, a modernização tecnológica e a reestruturação das empresas no modo de produção.

No final do século XX quando os avanços tecnológicos marcam um período histórico conhecido academicamente como “Era do Conhecimento” ou ainda “Era da Informação”, o Designer conquista seu espaço em praticamente todas as áreas da indústria, comércio e porque não dizer do conhecimento.

Pode-se aqui destacar o *Webdesig*, Design de Interiores, Design de Moda, Design do Produto, em especial o de móveis. Há que se apontar que esta categoria profissional tem origem nas escolas de Design Alemãs, a Bauhaus (1919-32) e a Escola de Design de Ulm (1953-68), estudo que compõe parte do capítulo III desta pesquisa.

Diante do exposto, entende-se ser necessário uma retomada ao início do processo de industrialização que impulsionou a economia regional. Foi no primeiro quarto do século XX, que as empresas Weihermann (1925), e Indústria Zipperer (1923), representaram significativa contribuição para que se consolidasse, nacional e internacionalmente, a identidade moveleira às três cidades que compõe a Região do Alto Vale do Rio Negro.

A identidade socioeconômica e cultural do local, foco desta investigação se estende aos estudos de Kaesemodel (1990, p. 42), ao afirmar que foi por meio de um conjunto de características trazidas ou herdadas pelos imigrantes estrangeiros e também, “a enorme riqueza natural das matérias-primas regionais e a rica estrutura profissional – artesanal do setor moveleiro nos seus primeiros tempos acabaram multiplicando os estabelecimentos” e fortalecendo um padrão vocacional que identifica mundialmente a região.

Porém, as observações de Paulo Renato Zappellini Cordeiro (2009) permitem que se entenda de forma mais clara que há ainda diferenciação na contratação de mão-de-obra entre pessoas oriundas de São Bento do Sul. Como as empresas desta cidade, por muito tempo se dedicaram à exportação, tem seus parques fabris equipados com tecnologia de ponta e isto também proporciona profissionais mais capacitados. Estes profissionais são apontados como aqueles que oferecem melhor mão-de-obra e conhecimento técnico, isto porque, acredita-se que acontece aí uma nova associação entre cultura, identidade e desenvolvimento.

Ressaltar-se ainda que os imigrantes estrangeiros que se estabeleceram Serra Acima tiveram na etnia alemã a base cultural para o desenvolvimento, tanto social quanto econômico regional. Este desenvolvimento está baseado na mão-de-obra dos trabalhadores da indústria moveleira da Região do Alto Vale do Rio Negro. Sendo eles, descendentes diretos de alemães, herdaram através de uma memória coletiva características comportamentais que auxiliaram, para que esta forma de trabalho das empresas locais fosse percebida pelos consumidores nacionais e internacionais, como tendo uma administração ou organização calcada na cultura européia de descendência alemã.

2.2.3 A Formação da Identidade Moveleira

Inicialmente, a região, foco desta investigação foi caracterizada pela necessidade de colonos estrangeiros buscarem novas terras, bem como, pela expansão territorial da cidade de Joinville (SC) em direção a Rio Negro (PR). Os povoamentos que se deram Serra Acima tiveram na abertura e construção da Serra Dona Francisca (1858) seu início, conforme Figura 32.



Figura 32 - Serra Imperial Dona Francisca
Fonte: Ternes & Vicenzi (2002).

Nos estudos de Cabral (1994) encontra-se que o primeiro local escolhido pela Companhia Colonizadora¹³, em 1872, foi a 60 km de Joinville, no Alto da Serra num lugar denominado de São Miguel, como este local era impróprio para a agricultura, um ano depois, instala-se em terras na cabeceira do rio São Bento.

Ainda, este mesmo autor afirma que apesar das dificuldades encontradas decorrente de diversos fatores, (entre eles, solo de boa qualidade, porém acidentado geograficamente), a colônia progrediu. Mais tarde passou a receber o nome de Colônia Agrícola São Bento, no ano de 1873, que por imposição do Governo estadual, em 1943, recebeu a denominação de Serra Alta. Cinco anos mais tarde aconteceu nova alteração no nome, assim a região retornou a sua antiga denominação com acréscimo do sufixo “Sul”. De modo que o município catarinense

¹³ Companhia Colonizadora: Em 1829, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo adquiriu 8 léguas quadradas de terra, correspondentes ao dote da princesa Dona Francisca, que casa com o príncipe, fundando a colônia Dona Francisca. Apesar das dificuldades do clima, do solo e do relevo, a colônia prosperou, expandindo-se pelos vales e planaltos e dando origem, em 1870, à colônia de São Bento do Sul. (www.sc.gov.br)

assumiu no cenário nacional: São Bento do Sul (CABRAL, 1994), nome este que mais tarde passou a configurar a região *lócus* deste estudo.

Tanto Cabral (1994), quanto Mafra (1993) afirmam que do município de São Bento do Sul deu origem aos municípios de Campo Alegre (1896) e Rio Negrinho (1953). Durante os anos seguintes, a luta diária e a adaptação com a nova terra, aliados as necessidades básicas e de sobrevivência de um povo que vinha de um mundo mais civilizado, foi bastante extensa. Gradativamente a lavoura e a pecuária foram cada vez mais servindo apenas como lavoura de subsistência, enquanto que, o trabalho artesanal e as pequenas indústrias caseiras cresciam em favor dos bens adquiridos na produção e venda da erva-mate e da madeira (MAFRA, 1993).

Em relação a essa transição e demonstrando que a região apresentava considerável diversidade econômica, Finker (1973, p. 335) aponta que:

Em fins de 1899 existiam em São Bento 49 casas comerciais, 6 serrarias, 3 engenhos de erva-mate, 4 curtumes, 8 cervejarias, 12 marcenarias com apreciável produção de móveis, 8 olarias, 4 padarias, 6 selarias, 19 sapatarias, 3 fábricas de tamancos, 2 fábricas de vinagre, 7 fábricas de barricas, 10 carpintarias para carroças, 8 ferreiros, 7 alfaiatarias, 4 açougues, 14 botequins, um ambulatório e duas farmácias.

Frente ao exposto, pode-se afirmar que inicialmente, o desenvolvimento do setor moveleiro teve no artesanato e na organização familiar sua base mais sólida, porém outros fatores influenciaram a mudança física e espacial da região. Entre eles pode-se destacar: a abundância da matéria-prima e a experiência em trabalhar a madeira trazida pelos colonizadores, além destes cabe destacar que com a raridade tanto de terras quanto de produtos, vista na Europa, favoreceu aos imigrantes o desenvolvimento da capacidade de aproveitamento dos rejeitos de matéria-prima das serrarias que se acumulavam nos pátios, sendo estas as classificadas como madeiras inapropriadas para exportação por conter fissuras, nós e outras imperfeições.

Quando da partida da Europa os imigrantes pouco sabiam da nova terra, no entanto vinham determinados a vencer as intempéries da natureza e também as provocadas pelos homens em seus países de origem. A trajetória destes povos se encontra nos estudos de Denk (2002, p.100), ao descrever o trabalho de empresários no início do século XX:

Em 1913, Jorge Zipperer e Willy Jung fundaram a primeira serraria a vapor da região, denominada Jung e Cia., na localidade de Salto, com equipamentos importados da Alemanha, que produzia caixas para exportação. Como os rejeitos se acumulavam no pátio das serrarias, em função da imbuia para exportação só poderia ser de boa qualidade, Jorge Zipperer, em 1919, consultou seu irmão Martin Zipperer, que possuía uma pequena oficina de móveis em São Paulo, sobre o melhor aproveitamento dos rejeitos de imbuia. A sugestão foi que se aproveitasse a matéria-prima para a fabricação de pés de cadeiras. Nasce assim, uma nova empresa, com sede em Rio Negrinho. Com a vinda de Martin Zipperer de São Paulo, a empresa A. Ehrl e Cia., que mais tarde se chamaria Móveis Cimo (1944), tornou-se a maior fabricante de cadeiras da América Latina.

O que se pode perceber é que desde o início do século XX a região já se destacava tanto nacionalmente quanto internacionalmente, pois já possuía a melhor infra-estrutura industrial, com um parque industrial composto de empresas de destaque internacional como a Oxford (maior empresa de cerâmica da América Latina), Condor S/A (maior fabricante de escovas, pentes e vassouras do Brasil) e Indústrias Artefama (maior exportadora de móveis do Brasil) (DENK, 2002, p.98).

Segundo este mesmo autor, “com muito arrojo dos imigrantes e condições específicas, surgiu o processo de industrialização com vocação moveleira e a partir da década de 80, a indústria local participa intensamente do mercado mundial” (DENK, 2002, p.98-99).

Esta vocação moveleira também está em destaque nos dados encontrados por Mafra (1993) e constantes no livro de Lançamento de Imposto do Arquivo Municipal nº 166, na página 18, onde se encontram registros de profissionais ligados à produção madeireira no ano de 1888. Com firma registrada, a identidade dos senhores; Gustavo Keil e João Herbst, produtores de móveis de alta qualidade que deram destaque a região.

A este respeito Zipperer (1945) relata que Gustavo Keil era um afamado torneiro, verdadeiro artista em seu ofício, enquanto que João Herbst é exemplo de produção de móveis fabricados em oficina e eram os mais afamados em determinado período e, quem os tivesse em casa poderia depor a respeito da alta qualidade dos produtos. A partir de então, a região passou a priorizar a produção de móveis de alta qualidade como àqueles fabricados tanto por Keil, quanto por Herbst, de modo a atrair para o lugar diversos profissionais que buscam aperfeiçoar sua prática com técnicas inovadoras.

A construção de uma identidade moveleira regional se destaca também nas palavras do Sr. Leomar Rudnick (2009), quando faz uso da *memória - lembrança*

(BOSI, 1998) e se refere a fundação da empresa de seu pai sobre o início da empresa fundada por seu pai, quando relata que a empresa aconteceu de modo espontâneo, pois seu pai quando jovem fez um curso de três anos com marceneiro que era considerado o grande criador de modelos e técnicas. De acordo com este relato, pode-se entender que Alex Scheper era um *design* já naquela época.



Figura 33 – Grupo inicial de trabalhadores da empresa Rudnick.

Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick

Ao se referir a seu pai, Rudnick (2009) faz questão de enfatizar que o mesmo era muito organizado, caprichoso, detalhista e muito dedicado, a exemplo do que já foi também apontado pelo Sr. Reinaldo Baechtold Filho (2009) o que demonstra ser uma marca identitária dos produtores de móveis descendentes diretos, ou não e também daqueles que se fixaram na região do Alto Vale do Rio Negro com intenções de produzir na área, conforme Figura 34.



Figura 34 – Interior da antiga marcenaria que deu origem a Móveis Rudick

Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick

Dando continuidade aos relatos, o Sr. Leomar Rudnick afirma que tão logo esta identidade se propaga nos diversos meios de comércio e os usuários denotando interesse fazem as encomendas. No início seu pai copiava os modelos de uma revista alemã, um destes exemplares guarda até hoje, podemos verificar que os móveis que foram fabricados por muito tempo são resultantes das imagens (Figura 35) constantes na revista apresentada a esta pesquisadora.

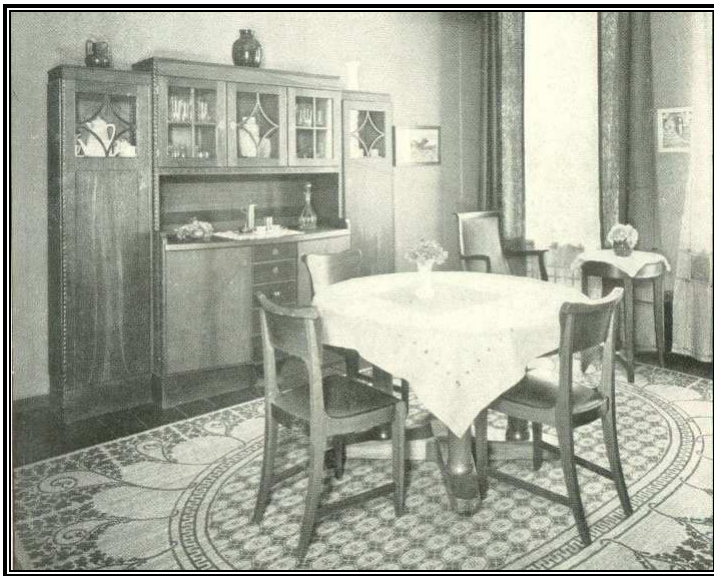


Figura 35 – Imagem de Móvel utilizado como modelo para fabricação

Fonte: acervo particular de Leomar Rudnick

No início do século XX, a região já contava com considerado número de marcenarias, onde apesar da produção considerável, os móveis eram confeccionados artesanalmente, por isso não tinham ainda o *status* de fábricas.

De 1910 a 1920, o setor de madeira/móveis teve alterações importantes que merecem ser analisados. As serrarias em 1910 eram em números de 10, em 1920 passaram vinte e duas. “As carpintarias tiveram redução de 12 para 7” (MAFRA, 1993, p. 41).

Com o término da construção do trecho da Estrada de Ferro que ligava São Bento do Sul a Três Barras, em 1913, muitos moradores oriundos de São Bento, agora instalados em Rio Negrinho, já possuíam serrarias que exportavam madeiras para outras regiões do Brasil, oportunizando o a expansão do mercado e o desenvolvimento da região. A pesquisa de Birkner (2006) aponta para os estudos da historiadora Maria Luiza Renaux Hering na obra intitulada “Colonização e

Indústria no Vale do Itajaí” (1987), onde apresenta indicativos que permitem compreender o desenvolvimento da região que teve na cultura e na determinação de seus colonizadores a formação de uma identidade socioeconômica de Pólo Moveleiro.

[...] o processo de desenvolvimento catarinense teria seguido uma dinâmica interna própria, [...] demonstrar que relações de dependência entre estados brasileiros ajudam a compreender que a economia catarinense teria se desenvolvido cumprindo o papel de fornecedora a grandes mercados de consumo como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. [...] e que o estado catarinense teve um desenvolvimento predominantemente endógeno. Nesta direção, a economia catarinense teria, ao contrário, promovido inicialmente uma expansão do seu mercado interno, desde a constituição da pequena propriedade até o surgimento progressivo da pequena e média empresa. Os investimentos de capital teriam sido feitos com recursos próprios, a partir de poupança local, sem a presença de aportes governamentais (BIRKNER, 2006, p. 41).

Nesta perspectiva entende-se que alguns acontecimentos contribuíram para que a economia da Região do Alto Vale do Rio Negro tivesse as características de um desenvolvimento endógeno, provocado pela presença de mata nativa de erva-mate e madeiras de lei, pela vinda de imigrantes europeus, num primeiro momento de agricultores e depois de remanescentes da Revolução Industrial, pela organização econômica familiar na pequena propriedade, pela ausência da escravidão, pela preservação de uma cultura, contribuindo assim para a consolidação de um padrão identitário na região.

A identidade socioeconômica do empresariado catarinense, principalmente da região do Alto Vale do Rio Negro, historicamente dependeu de relações de cooperação, confiança e identidade comunitária, como podemos verificar, nos apontamentos de Zipperer (1945, p.77):

Aprender um ofício naquela época era muito importante. O pai procurava um marceneiro profissional e fazia um contrato. O aprendiz se comprometia a fazer um aprendizado de 3 a 4 anos. O pai devia fazer uma caução de 10 mil réis como garantia que o filho não abandonaria a aprendizagem. Em caso de abandono o pai perderia a caução. [...] **O aprendiz que abandonasse o aprendizado não era bem visto pelos colegas, que se afastavam daqueles que não tinham força de vontade para concluir o seu aprendizado e nem o consideravam homem.** Ao aprendiz era negado o comparecimento a qualquer lugar público, jogo de baralho, bailes, etc. Após ter concluído três ou quatro anos de aprendizado, o rapaz tinha se tornado homem e poderia formar seu futuro com um trabalho bem remunerado e ter a sua oficina (grifos da autora)

Neste contexto, cabe mais uma vez buscar a memória-lembrança de Rudnick (2009) quando explica o papel do aprendiz e também da forma como eram feitos os primeiros modelos de móveis. Assim, relata:

No início, meu pai copiava os modelos de uma revista alemã, como essa aqui (Figura 37 e 38), por isso guardo este exemplar até hoje. Veja que nele os móveis (Figuras 39 e 40) são os mesmos que foram fabricados em nossa empresa, por muito tempo e eram resultantes das imagens desta revista.

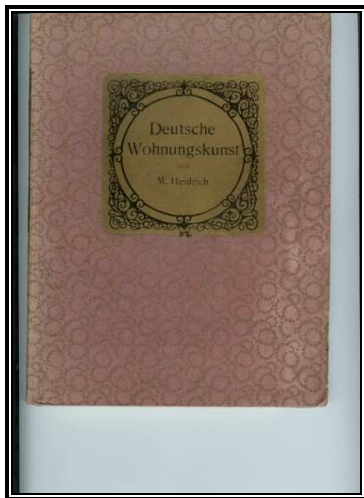


Figura 36 - Capa do livro de modelo alemão
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick

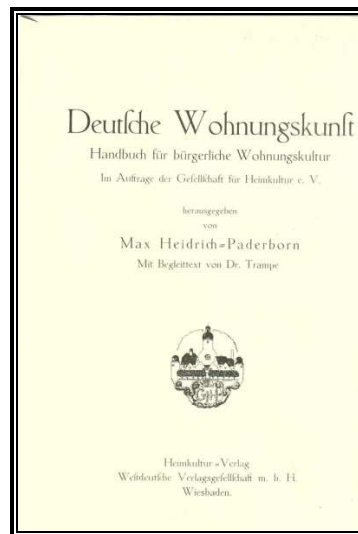


Figura 37 - Contra-capa do livro de modelo
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick

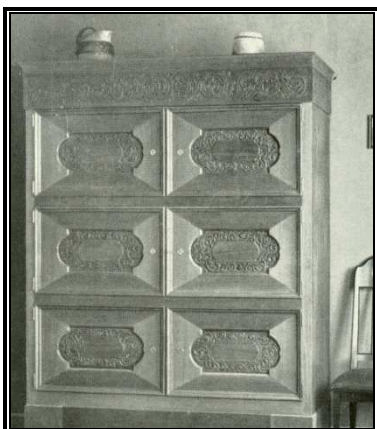


Figura 38 - Imagem de um modelo de armário do livro alemão
Fonte: Acervo particular de Leomar Rudnick



Figura 39 - Modelos de salas de jantar do livro alemão
Fonte: acervo particular de Leomar Rudnick

Percebe-se, aqui a importância e seriedade dada a formação da mão-de-obra que faz uso de um conhecimento técnico tradicional e da identidade local, adquirido através de ensinamentos dos mestres que trouxeram da Alemanha técnica e habilidade tradicionais na fabricação de móveis. Este fato permite que se entenda que o desenvolvimento socioeconômico desta região foi caracterizado pelo conjunto de valores, normas e procedimentos técnicos historicamente construídos, oportunizando aos indivíduos a busca pela acumulação de capital (BIRKNER, 2006, p. 47).

Foi aliando valores e técnicas historicamente construídas que o Sr. Antonio Lang, proprietário dos Móveis Lang, de Rio Negrinho, um dos entrevistados, narra que aos 16 anos já trabalhava em fábrica de móveis, de início na Móveis Cimo S.A. juntamente com seu pai, porém ali ficou por três anos o que lhe serviu como uma escola.

Quando saiu da empresa, por sugestão de seu pai procura se dedicar ao entalhe na madeira, pois este tipo de trabalho além de valorizar o artesanato feito exclusivamente, agregava maior valor aos móveis da região naquela época.

Neste sentido, observa-se a ênfase dada à memória- lembrança são afetivas e as ações daí resultantes destacaram e inspiraram o atual empreendedor moveleiro, contribuindo para a construção de uma identidade socioeconômica para a região, além de evidentemente garantir a subsistência do entrevistado (TUAN, 1993). Com o propósito de trabalhar, de modo diferenciado, desenvolveu uma habilidade o que lhe conferiu o status de um artesão conhecido regionalmente e mais, esta atividade manual oportunizou o desenvolvimento da atual empresa familiar, que vem contribuindo para o desenvolvimento tanto socioeconômico quanto cultural da região. Móveis estes que continuam na linha de produção, quando os móveis mesmo sendo entregues ao comércio em série permanecem sendo produzidos por artesãos contratados, conforme Figura 40.



Figura 40 – Móvel com detalhe feito artesanalmente.
Fonte: Lang (2009)

Há que ser lembrado, que esta habilidade foi fruto de muita dedicação, tempo e aptidão para copiar desenhos de toalhas de mesa de sua casa, para então fazer o entalhe em peças de madeira de menor tamanho, no início voltado apenas a adornos de relógios de parede, os quais eram vendidos apenas sob encomenda. Pode-se dizer que esta atividade proporcionou ao Sr. Lang independência econômica, de modo que ao reunir uma considerável quantia em dinheiro lhe oportunizou sociedade em outro ramo de negócios, ou seja, uma oficina de montagem e conserto de bicicletas.

Apesar desta atividade não estar voltada a habilidade desenvolvida na produção do móvel, a herança cultural do Sr. Antonio Lang deixa-se transparecer em sua fala quando afirma que esta era fortemente marcada pelos traços familiares característicos daqueles primeiros imigrantes alemães, onde se fazia presente: persistência, interesse, dedicação, honestidade e cumprimento dos compromissos quanto à exigência e conservação de um ambiente de trabalho sempre limpo e organizado e que visava a economia do material a fim de evitar qualquer tipo de desperdício (LANG, 2009).

Diante das adversidades impostas pelo novo tipo de trabalho, o ofício anterior lhe chamava a atenção, pois suas habilidades haviam ficado de lado, fato este que foi decisivo para dissolver a sociedade na oficina de bicicletas. Nesta ocasião o pai do entrevistado pede demissão da Empresa Cimo SA e conjugando uma experiência adquirida em 25 anos em uma empresa que era referência na fabricação de móveis,

com a habilidade no entalhe da madeira do Sr. Lang, decidiram então que o mesmo voltaria a trabalhar com madeira, pois esta habilidade era comum entre pai e filho.

Vale destacar que esta familiarização com a madeira oportunizou a fundação de uma marcenaria nas dependências de sua casa. Deram início a produção de outro tipo de trabalho com a madeira, passaram a fabricar esquadrias (portas e janelas), alguns poucos móveis sob medida ou ainda caixas acústicas, mas também caixões para defunto, pelo fato de serem estes considerados artesanais e dos mesmos não possuírem tecnologia que lhes permitissem produzir um pouco mais, ou seja, contavam apenas com uma serra para madeiras.

A empresa Móveis Lang foi se fortalecendo, e ao mesmo tempo ampliando sua produção na fabricação de outros tipos de móveis, tais como: berços e mesas de centro, bem como os móveis sob medida no estilo colonial em madeira maciça.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 1999, p.23)

Na memória-lembrança do Sr. Lang, há uma afirmação intrigante ao tratar da produção de móveis em série, pois este tipo representava algo que fugia à dedicação que despendia o trabalho artesanal, bem como se perdia a noção de pertencimento dada a cada produto que saía da empresa. Porém, não era possível se manter no mercado com móveis sob medida e em pequena escala, quando empresas locais competiam nacional e internacionalmente com a produção em série de produtos mais leves e retilíneos.

Aproveitando o aprendizado que ambos adquiriram quando trabalhavam na linha de produção da Móveis Cimo, da habilidade desenvolvida fora da mesma, da aquisição de materiais que permitissem fugir do trabalho exclusivo e lento, buscaram um novo nicho de mercado e acreditando que nele ficariam por pouco tempo, passaram produzir cadeiras como as vistas na Figura 41.



Figura 41 - Poltrona do estilo Vitoriana
Fonte: Lang (2009)

Alguns estilos de móveis, produzidos pela empresa em questão, ainda hoje, apresentam detalhes feitos artesanalmente (entalhes), como se pode observar na Figura 43, revelando os traços culturais, resultantes da memória-hábito, deixada no aprendizado da juventude. Traços estes, que caracterizam a Móveis Lang como um diferencial, que se torna competitivo na região e tem corroborado com o fortalecimento da identidade socioeconômica e cultural que a região adquiriu ao longo dos anos, através dos móveis coloniais em madeira maciça que projetaram a região nacional e internacionalmente.



Figura 42 - Móveis com detalhes feitos artesanalmente
Fonte: Lang (2009)

Outro fato importante que contribuiu para a construção de uma identidade socioeconômica e cultural da região encontra-se nos estudos de Denk (2002, p. 107), quando expõe que ao assumir a Prefeitura Municipal de São Bento do Sul

(1973), Oswaldo Zipperer, descendente de fundadores da cidade e com olhar na visibilidade socioeconômica e cultural da região, que ultrapassasse o eixo Rio-São Paulo, organizou uma mostra industrial e agrícola de São Bento do Sul e região. Tinha como título EXIBE 100, e popularmente conhecida como a “exposição do Centenário” que tinha como *slogan*: ‘São Bento do Sul, Um Milagre feito de Trabalho’ fazendo parte das comemorações alusivas ao Centenário de Fundação do Município. “A EXIBE 100 foi a confirmação de São Bento do Sul como a capital nacional dos Móveis, representando em torno de 60% da economia municipal na época”.

A imagem refletida na Figura 43 representa o *stand* da Móveis Rudnick cuja visibilidade comercial não estava presa ao design e sim ao produto que demonstrava ter um desenho único, porém diferenciado pelo padrão da madeira, cujos desenhos eram tão diversificados naturalmente, de modo a dar a cada conjunto de móveis uma característica própria e exclusiva. O próprio piso chamava atenção dos visitantes da EXIBE 100 por ter sido projetado e desenvolvido pelos irmãos Rudnick, na própria casa, com tipo de madeira que favorecesse e desse destaque as tendências da moda e estilos do setor moveleiro na época, mas também ressaltava a criatividade dos fabricantes na consolidação de uma identidade baseada no produto madeira.



Figura 43 – Jogo de quarto em Jacarandá, 1973.
Fonte: acervo particular de Leomar Rudnick

A exposição atraiu a atenção de clientes de todo o Brasil, ampliando oportunidades de negócio para além do eixo Rio-São Paulo, oportunizando as empresas locais ditar seus próprios modelos, libertando-se das amarras do

monopólio dos compradores que ditavam modelos, preços, qualidade e quantidade (MAFRA, 1993, p.53). Este evento colaborou para que se consolidasse uma identidade regional que tem a indústria moveleira como base econômica da região transformando-a no que hoje se conhece como Pólo Industrial de São Bento do Sul.

As palavras de um empresário da região exemplificam e confirmam o que foi dito anteriormente:

Por ocasião do Centenário de Rio Negrinho fabricamos uma estante, a qual foi colocada em exposição, e então entregamos este produto a um representante de Brasília que com muita competência vendeu muitas peças, projetando a empresa como Indústria de móveis, para os estados de Minas Gerais, para o Nordeste e para o Brasil inteiro, pois nesta época já não mais fazíamos esquadrias. **Foi a Era dos móveis de imbuia.** (BAECHTOLD FILHO, 2009)

Portanto, diante do exposto é fácil comprovar que as “grandes empresas da atualidade surgiram de empreendedores da época, superando os obstáculos e implementando uma cultura industrial e de trabalho” (DENK, 2002, p. 104), e que foram esses fatores que contribuíram para que essa região adquirisse a identidade socioeconômica de pólo moveleiro que impulsiona o desenvolvimento da região, e a coloca em um patamar dos mais importantes pólos moveleiros do Brasil possuindo, segundo dados econômicos do IBGE, um dos mais altos IDHs do Planalto Norte, destacando-se das demais sub-regiões que compõem o Planalto Norte de Santa Catarina¹⁴.

Durante aproximadamente as últimas 20 décadas do século XIX a região recebeu grande leva de emigrantes, este fato alterou o modo de vida tanto daqueles que viviam na região, bem como daqueles que optaram por residir ali, após longas buscas por um pedaço de chão onde pudessem fixar suas raízes.

Contudo, “as grandes empresas da atualidade surgiram de empreendedores da época, superando os obstáculos e implementando uma cultura industrial e de trabalho” (DENK, 2002, p.104).

Portanto, este movimento migratório provocou mudanças no modo de vida da população local e também dos novos habitantes, que com determinação, trabalho e

¹⁴ O planalto Norte de Santa Catarina é composto pelos municípios de Canoinhas, Monte Castelo, Bela Vista do Toldo, Mafra, Porto União, Major Vieira, Irineópolis, Papanduva, Campo Alegre, Rio Negrinho, São Bento do Sul e Três Barras (AMPLANORTE, 2009).

preservação de uma memória coletiva se desenvolveram e consolidaram sua identidade socioeconômica e cultural baseada na produção moveleira.

Frente ao exposto, acredita-se que é impossível continuar este estudo sem apresentar conceitos de desenvolvimento e de design que se fazem presentes no Pólo Moveleiro da Região do Alto Vale do Rio Negro, de modo a caracterizar a região como um dos maiores centros produtivos do país.

Há que se dizer ainda das razões e necessidades do próprio setor moveleiro em desenvolver vantagens competitivas e estratégias específicas, articuladas aos mercados e estrutura produtiva mundial. Nesta perspectiva, o capítulo que segue versará sobre conceitos presentes no desenvolvimento das indústrias moveleiras, bem como do design e até mesmo da ausência do padrão design para o padrão do uso da madeira como produto vendável pela própria espécie.

III DESENVOLVIMENTO DO SETOR MOVELEIRO NO PADRÃO DESIGN EM DIFERENTES PERÍODOS E A INFLUÊNCIA DESTES NA ATUALIDADE.

A crescente evolução tecnológica permitiu com que as indústrias moveleiras globais absorvessem novas tecnologias, formas de produção e matéria-prima, este processo tem ocorrido cada vez mais rápido, de forma a dar uma aparência de homogeneidade de preços e qualidade entre os produtos de diferentes empresas.

Neste sentido, entende-se que uma das formas de diferenciação entre os produtos de um mesmo segmento pode se dar: primeiro pelo Design, ou seja, por meio de desenhos inovadores que respondam as expectativas de consumidores de diferentes regiões do globo terrestre, a segunda forma pode estar voltada a oferta de produtos que seguem as tendências globais e a terceira pela oferta e demanda do mercado.

Nesta perspectiva, buscaram-se informações e dados, que auxiliassem a esta pesquisadora a compreender como se deu o desenvolvimento sócio, econômico e cultural da Região do Alto Vale do Rio Negro. Neste sentido, buscou-se bibliografia pertinente a fim de elaborar entrevistas semi- estruturadas que permitissem fazer uma análise da abrangência do conceito de desenvolvimento e de como os empresários e profissionais responsáveis pela criação do produto da indústria moveleira se utilizam do Design de modo a agregar valores socioculturais aos produtos desenvolvidos na região do Alto Vale do Rio Negro.

Neste contexto é que se insere a necessidade e o desenvolvimento desta pesquisa, pois seu apresenta como se deu a formação das indústrias moveleiras da região bem como as mesmas conquistaram espaço que foi além do mercado interno, chegando a exportação de seus produtos e o reconhecimento internacional.

3.1 CONCEITOS NORTEADORES

3.1.1 Dos Conceitos de Desenvolvimento

Ao se falar em desenvolvimento faz-se necessário dizer o que se entende pelo mesmo, pois se acredita que por muitas vezes este termo é utilizado em substituição a crescimento, portanto, far-se-á uma breve retrospectiva histórica, a fim de entender os conceitos teóricos e as razões pelas quais muitas vezes acontecem deturpações na conceituação destes dois vocábulos, pois, a compreensão dos mesmos depende da Escola de origem dos seus formuladores (DUMKE; LIMA et all, 2004).

Em tempos de globalização, as definições sobre crescimento e desenvolvimento econômico têm sido largamente estudadas, processo este que vem ocorrendo desde o século XVIII¹⁵ mas teve seu apogeu no final do século XX dando grande destaque ao setor econômico.

Ao se estudar o vocábulo “desenvolvimento” buscou-se primeiramente o sentido da palavra apresentada no dicionário Michaelis. Este define que o termo: “envolve a passagem gradual de um estado inferior para um estado mais aperfeiçoado” (1998, p. 686). Por outro lado, Souza (1999) se utiliza das ideias do economista Schumpeter ao diferenciar crescimento de desenvolvimento. Este mesmo autor defende que

[...] quando há crescimento, a economia funciona em um sistema de fluxo circular de equilíbrio, cujas variáveis econômicas aumentam apenas em função da expansão demográfica. Ocorre desenvolvimento na presença de inovações tecnológicas, por obra de empresários inovadores, financiados pelo crédito bancário (SOUZA, 1999, p. 16).

Ao analisar o significado de desenvolvimento em uma linha mais voltada para a corrente sociológica, Cardoso e Faletto (1970, p.16) asseguram que “o

¹⁵ Como reação ao Mercantilismo, já no século XVIII, surgiram as Escolas Fisiocráticas na França e a clássica na Inglaterra, que passaram a se preocupar objetivamente com os problemas do crescimento e da distribuição (SOUZA, 1999, p.16).

Mercantilismo: “uma forma de capitalismo na qual os grandes mercadores, envolvidos no comércio de larga escala, conseguiram controlar as políticas econômicas do Estado aristocrático, visando maximizar seus próprios lucros” (DEAN, 1983, p.11).

desenvolvimento é em si mesmo um processo social; mesmo seus aspectos puramente econômicos deixam transparecer a trama de relações sociais subjacentes”.

De outro modo a análise de Sachs (2000) ao conceituar desenvolvimento quando visto somente pelo lado econômico e do crescimento sem cautela, o autor complementa que o desenvolvimento é:

[...] como uma ruína na paisagem intelectual. Ilusões e reveses, fracassos e crimes foram seus assíduos companheiros e todos eles relatam uma mesma estória: o desenvolvimento não deu certo. Além disso, as condições históricas que lançaram o conceito à proeminência se esvaeceram: o desenvolvimento ficou defasado. E, sobretudo, as esperanças e ambições que lhe fizeram alçar vôo estão hoje exaustas: o desenvolvimento tornou-se obsoleto (SACHS, 2000, p. 11).

Ao dar continuidade a este estudo entende-se que é necessário analisar a abrangência do conceito de desenvolvimento, pois é de suma importância verificar como os empresários e profissionais responsáveis pela criação do produto da indústria moveleira se utilizam de valores socioeconômicos e culturais agregados aos produtos desenvolvidos na região do Alto Vale do Rio Negro para a consolidação da identidade moveleira adquirida no decorrer da história.

Nesta perspectiva entende-se que o desenvolvimento regional pode estar relacionado:

[...] à elevação do nível de vida da população. Primeiro, é necessário observar que, em condições normais, a elevação do nível de vida da população somente é possível pela elevação do nível de renda da sociedade. (CLEMENTE; HIGACHI, 2000. p. 130-131)

Frente ao exposto, buscou-se destacar principalmente o desenvolvimento regional promovido pelas indústrias moveleiras do Alto Vale do Rio Negro as quais tem exercido importante papel na história socioeconômica e cultural do país e principalmente nas regiões onde se encontram, pois se tornaram mais que pólos de atração turística, tornaram-se também grandes geradores de postos de trabalho e arrecadação de Imposto Sobre Circulação de Mercadoria – ICMS.

3.1.2 Do Conceito de identidade

Ao trabalhar o conceito de identidade faz-se necessário recorrer a teóricos que desenvolveram seus estudos nesta área do conhecimento. Deste modo, emprestam-se as palavras de Hall (1978, p. 12-13) quando trata da modernidade e pós-modernidade trata também do sujeito e de sua identidade:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Porém a construção de uma identidade está ligada a manifestações que compreendem e envolvem um conjunto de conjunturas que vão desde a língua, aos acontecimentos do cotidiano. Neste sentido Para Touraine (2003, p. 103),

[...] a identidade do sujeito só pode ser construída pela complementaridade de três forças: o desejo pessoal de salvaguardar a unidade da personalidade, dividida entre o mundo instrumental e o mundo comunitário; a luta coletiva e pessoal contra os poderes que transformam a cultura em comunidade e o trabalho em mercadoria; o reconhecimento, interpessoal e também institucional, do outro com o sujeito. O sujeito só se constrói na relação imediata de si consigo mesmo, na mais individual de todas as experiências, no prazer ou no sucesso social.

Corroborando com este pensamento destaca-se que na consolidação de uma identidade há todo o entorno do sujeito, seguindo o curso deste pensamento, emprestam-se os estudos de Baumann (2005, p.17), quando afirma que esta está ligada ao mundo das ideias e que é na união de idéias de uma mesma sociedade, onde os indivíduos acreditam na sua preservação e na repetição de fatos e ações, que uma sociedade se destaca das outras. Assim, continúa o autor:

A questão da identidade só surge com a exposição a "comunidades" da segunda categoria- e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a "comunidade difundida por ideias" a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas "comunidades de indivíduos que acreditam" que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras

ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis. (BAUMANN, 2005, p. 17)

Nas pesquisas de Sachweh (2007) há indicações de estudiosos das questões socioculturais e ambientais que afirmam, que ao entrarem e se estabelecerem em um novo lugar, as pessoas trazem consigo diferentes bagagens, além dos pertences materiais. Desse modo, a partir do momento em que esses sujeitos assumem uma mudança, novas identidades se incorporam a eles; porém, eles não se desidentificam das anteriores, ao contrário, conforme Pollack (1992) as selecionam na memória. As crenças, histórias, valores, experiências, as diferentes formas de relacionamento, e a diversidade na caminhada podem unir ou não esses sujeitos, provocando neles reações diferentes que vão dando reconhecimento de si mesmos.

Neste sentido, Santos (2006, p.7) assegura que “o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la”. Portanto, há que ser lembrado que a construção de uma identidade social está ligada também a compreensão das diferentes configurações como acontecem as relações e conexões do indivíduo ao meio.

Nesta perspectiva, buscam-se as idéias de Touraine (2003) quando assevera que é a partir do sofrimento do indivíduo dividido e, da relação existente entre os sujeitos, é que o desejo de ser sujeito pode se transformar em capacidade para ser um ator social. Ele também se constrói na medida em que vão impondo à sociedade instrumentalizada, mercantil e técnica, princípios de organização, arranjos e limites de acordo com o seu desejo de liberdade e sua vontade de vida, favoráveis à afirmação de si mesmo e ao reconhecimento do outro como sujeito (SACHWEH, 2007).

Entende-se que o destino de cada agrupamento humano sempre esteve marcado pelo modo de agir, maneiras de se organizar e transformar a vida em sociedade, além de buscar a superação dos conflitos de interesse e das tensões geradas na vida social (SANTOS, 2006).

3.1.3 Do Conceito de Padrão do Design

Quando se fala em padrão, quase que automaticamente se reporta a algo que possui regras e modelos a serem seguidos, determinados por órgãos oficiais ou organizações. Porém, este conceito popularmente concebido, vai além. Para o termo Padrão, Michaelis (1998) define como: “método ou sistema tão amplamente utilizado que se tornou padrão, apesar de não ter sido reconhecido oficialmente por qualquer comitê” (MICHAELIS, 1998, p. 1527).

Enquanto, que o conceito de design ultrapassa a função de “melhorar a aparência estética” de um produto, pois vai além da estética, engloba desde a concepção do produto na fábrica à avaliação deste pelo consumidor.

Para entender esse conceito, se faz necessário estudar também, suas definições e dimensões, pois ele além de agregar valor ao produto. Neste sentido, torna-se importante salientar o papel dos designers nas organizações empresariais e industriais de modo a compreender que no mercado atual existem setores responsáveis pela criação, uso e inserção de novas tecnologias em projetos aceitos no mercado global.

Nos estudos de Maldonado (1991, p.11) encontra-se o registro de que o *design* sempre esteve ligado à produção em série, ou seja, produzir uma ideia através de maquinários que facilitariam a repetição de modelos contínuos. Isso se dava pela objetivação do aproveitamento maior da matéria-prima, bem como do tempo de fabricação, não esquecendo que aí ainda se insere o tempo da embalagem e do transporte.

Etimologicamente a palavra *Design* é de origem latina e advém de *designo* - com os sentidos de: designar, descrever, indicar, representar, marcar, ordenar, dispor, regular. Na língua inglesa, o sentido da palavra *Design* sofre alteração, pois significa: projeto, configuração, pois se diferencia de *drawing*, que por sua vez significa: desenhos, representação de formas por meio de linhas e sombras. No entanto, Novo Dicionário Aurélio a definição de *Design* é - (*dizáin*), [Ingl] s.m. 1. Concepção de um projeto ou modelo, planejamento; 2. O produto deste planejamento; 3. Restr. Desenho Industrial; 4. Restr. Desenho de Produto; 5. Restr. Programação Visual (FERREIRA, 2004, p.387).

Porém, Giustina (2007, p. 03) aponta que quando se pensa em design, pode haver controvérsias, quando os

[...] preceitos de design, herdados como produção em grandes séries, forma e função, a pretensão de saber as necessidades básicas de uma população e como atendê-las, e um temor das dificuldades de linguagem e de interação, contribuíram para afastar os designers da produção artesanal. Entretanto podemos seguir uma lógica que, qualquer produto que tenha preocupação estética, tecnológica com o meio ambiente e o social, está inserido no conceito de design. Os móveis brasileiros que tem como matéria-prima as madeiras alternativas, mesmo os que são feitos em peças únicas, têm o design como valor agregado.

Com a popularização do design pela mídia e absorção pelas empresas como elemento estratégico, a década de 1990 tornou-se marcante para esse profissional, pois o novo modelo de gestão passou a exigir qualidade associada à adequação de uso, ou seja, o foco de trabalho desse profissional se centrou mais no negócio.

De acordo com Santos (2000), a gestão estratégica passou a exigir como pré-requisito à sobrevivência e o sucesso de uma organização, a inclusão do design estratégico, ou seja, esse tem como papel promover o diferencial competitivo para maior participação no mercado, bem como na fabricação de produtos mais adequados aos consumidores e ao meio ambiente. O autor anteriormente citado ressalta que o profissional da área de design, ao atuar como tal, necessita ter claro que na concepção e desenvolvimento dos produtos deve ter amplo conhecimento de como o consumidor e o mercado pensam, agem e avaliam os produtos.

Antes de avançar esse estudo, torna-se necessário lembrar que o trabalho do design nasceu com a primeira Escola Superior de Design, a Bauhaus (Figura 44). Esta escola foi criada por Walter Gropius em 1919, na cidade de Dessau, na Alemanha. Pode-se afirmar que com o nascimento dessa escola consolidou-se uma identidade para o Design. Naquela época, esta identidade definia seu perfil basicamente pela condição da relação que este profissional fazia entre a forma e a função, porém, mais do que formar profissionais esta instituição buscava formar cidadãos ligados aos fenômenos culturais e sociais mais expressivos do mundo moderno, tendo como foco a inspeção da forma, introduzindo o design como o meio para atribuir valor estético aos objetos de uso diário, como cadeiras, sofás, eletrodomésticos e objetos decorativos, dentre outros.



Figura 44 - Vista do Predio da Bauhaus- Dessau (Alemanha).
Fonte: www.esfcastro.com

Por volta de 1933 com o crescimento do Nazismo na Alemanha, a Escola foi fechada, somente vinte anos depois, em 1953, é que surgiu uma nova Instituição de Ensino responsável em formar profissionais da área do Design. Esta foi a Escola Superior da Forma (Hochschule für Gestaltung – HfG) da cidade de Ulm (Figura 45) também na Alemanha, esta, porém se diferenciava da primeira, pois trazia forte o sentido da consolidação do Design com o uso da ciência e da técnica como forma de assegurar qualidade ao processo dando cunho mais sério a atividade deste profissional (MALDONADO, 1991).



Figura 45 - Vista aérea da Escola de Ulm – Alemanha (1955)
Fonte: www.parana-online.com.br

Paralelamente, no Brasil, a atividade começou a ser vista sob outro olhar e o design recebeu nova designação e termo, que foi conhecido como Desenho Industrial. O mesmo foi,

[...], marcado pela transferência e assimilação de teorizações e modelos curriculares estrangeiros. Essa tradução foi inadequada, pois deturpou o significado original do *Design*, na medida em que prevaleceu a conotação de habilidade de representar graficamente ao invés de projetar (DIAS, 2004, p.73).

A partir da década de 1960, na cidade do Rio de Janeiro foi criada a Escola Superior de Design (ESDI), (Figura 46), que a partir deste período consolidou o ensino de design na academia. Isso ocorreu em uma época em que o Design se expandiu pelo mundo com o objetivo de dar mais qualidade na fase inicial e final do produto.



Figura 46 - Vista aérea da Escola de Ulm – Alemanha (1955)
Fonte: www.timtimxtimtim.org

Em outras cidades brasileiras as universidades foram sendo estimuladas pela política de exportação de produtos manufaturados e pelo desenvolvimento econômico, criaram ou adaptaram cursos do gênero a partir de 1970 (FILIPACK, 2002).

Portanto, com intenções de responder as expectativas da produção industrial que crescia especialmente na Região Sul e Sudeste do país, criou-se Escola

Superior do *Designer* de Móveis. Neste sentido, os estudos de Filipack (2002) apontam para o Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-PR, que passou a ofertar este curso, em Curitiba-PR, a partir de 1999.

Enquanto que em Santa Catarina, o Pólo Moveleiro do Alto Vale do Rio Negro, que já despontava, nacional e internacionalmente, incentivou a Universidade do Contestado – UnC, Campus de Mafra, no núcleo universitário de Rio Negrinho-SC, a criar em 2001 o curso de Tecnólogo em *Design* de Móveis e Decoração de Interiores, propostas nesta mesma linha foram seguidas pela Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, com um pólo avançado na cidade de São Bento do Sul.

Dias (2004, p.32) assevera que é comum encontrar, nas esquinas das grandes cidades, estabelecimentos comerciais e de serviços, como *Hair Design*, *Sound Design*, *Designer* da Luz e *Web design*. Entende-se que este autor pode estar se referindo a publicidade, em muitos casos, mas compreende-se que esse fato auxilia na descaracterização da atividade, pois se utiliza o termo de forma inapropriada quando se quer designar qualquer atributo estético, formal, moderno e inovador de um produto, pessoa ou entidade.

Para que esta possível descaracterização da profissão e valorização do design, enquanto atividade anterior à fabricação é preciso que a sociedade e empresários percebam que único fator de inovação próprio da indústria de móveis é dado pelo design, que, ao propiciar a diferenciação do produto frente aos demais, constitui-se em um dos elementos-chave para as condições de concorrência nesta indústria (DIAS, 2004, p.38)

Neste contexto, o desenho, a estética, a funcionalidade, a ergonomia e o conforto passaram a fazer parte de um conjunto de processos, no qual a preocupação se volta principalmente para os anseios do consumidor final. Essa capacidade de materializar as experiências do consumidor é predominante na atividade de um *design*, que busca sempre inserir ao produto as sensações e emoções que irão influenciar na decisão de compra deste mesmo consumidor.

3.2 O DESIGN NA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO ALTO VALE DO RIO NEGRO

Ao iniciar este sub-capítulo, pode-se dizer que o Design se caracteriza atualmente em um importante diferencial competitivo, isto porque, além de agregar valores econômicos aos produtos comercializados, pode também agregar valores socioculturais, pois é neles que está contida a história do desenvolvimento local, e ao identificá-los, o consumidor de diferentes regiões, evoca sua memória-lembrança para reconhecer os elementos que contribuíram para a formação e consolidação da identidade desta região, acrescida do que se encontra em livros, monografias, teses e periódicos.

Compreende-se também a importância do *Design* para o segmento industrial como um agregador de valores, porque o mesmo vem sendo discutido nos mais notórios encontros econômicos e de lideranças étnicas e empresariais. A exemplo disso pode-se citar o Fórum Econômico Mundial de 2006, em Davos, onde foram debatidos, em inúmeras conferências, o tema Criatividade, Inovação e Estratégias de *Design*. Essa preocupação global com o *Design* e a inovação podem ser entendidas como uma nova revolução na forma de gestão empresarial, onde os antigos modelos de administração ficaram ultrapassados, e as atuais gestões buscam sob o foco da inovação e do Design destacar o efetivo posicionamento destes no desenvolvimento estratégico, socioeconômico e cultural, da empresa.

Para se adaptar ao novo mercado, oportunizado pela exportação de móveis para a Europa, as indústrias moveleiras nacionais, foram ao longo dos anos transformando seu estilo, saindo do móvel colonial com detalhes feitos, artesanalmente, compostos de linhas curvas, para linhas mais retas os quais já se constituía numa prática comum naquele continente, conforme as Figuras 47 e 48.



Figura 47-Jogo de jantar Rudnick
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 48- Móvel Rudnick
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Nesta perspectiva, Filipack (2002) assevera que atualmente, as formas retilíneas de uma linha mais europeia não são frutos de uma evolução brasileira, mas de um contexto no desenvolvimento histórico do design europeu. O design desenvolvido no Brasil, não é como aquele que acontece na Europa e que tem investido no design e que já conquistaram espaço no mercado mundial, pois por meio deste apresentarem uma identidade marcante.

Enquanto que no Brasil, o papel do Design nem sempre tem sido reconhecido por empresário o que facilita em muito o número de cópias industriais, pequenas modificações ou adaptações do design do modelo europeu que alterado conforme a necessidade nacional.

Este processo também é seguido por algumas empresas moveleiras da Região do Alto Vale do Rio Negro, quando se trata do design voltado ao mercado externo. Fato este, que se percebe na fala de Baechtold Filho (2009) quando afirma que, “os projetos vem prontos, fazemos apenas algumas pequenas adaptações às estruturas da empresa. A este respeito, Jonas Silveira diretor da Artefama S.A. uma das maiores exportadoras de móveis da região, acrescenta que:

Por aproximadamente 14 anos a empresa está focada no mercado externo, onde os projetos são ditados pelos clientes, por isso **fabricamos o que o cliente quiser**, porém adequamos à fábrica ao projeto e a necessidade do consumidor, como por exemplo, diferentes tipos de madeira, maquinário existente, dentre outros (SILVEIRA, 2009).

No entanto, quando se trata do mercado interno, uma afirmação se faz presente no relato dos entrevistados ao dizer que reconhecem o trabalho do Design, no entanto poucos possuem em seu quadro de funcionários um profissional desta

área, isso significa dizer que os mesmos preferem desenvolver móveis com o pessoal da própria fábrica, ou ainda o fazem por meio de consultas a catálogos e revistas nacionais e internacionais.

Este fato pode ser comprovado nas palavras de empresários da região quando apontam que seus produtos são concebidos ora seguindo as tendências apresentadas em catálogos e feiras, de acordo com a procura do mercado (KINGERSKI, 2009), ora visitando feiras do setor, tanto nacional quanto internacional. No Brasil, outra via para a criação de novos modelos se encontram nas feiras de matérias-primas, pois elas oferecem subsídios, noções e conhecimentos dos diferentes estilos, maquinários, operações, tecnologias, entre outros (LIEBL, 2009).

Esta condição adquirida decorre também dos avanços tecnológicos para a adaptação ao mercado externo, o que proporciona às empresas da região fornecer produtos na área institucional, para empresas de terceirização, empresas fornecedoras de franquias e ainda lojas de produtos exclusivos comercializados no mercado nacional.

Este processo foi observado tanto pelo entrevistado Silveira, quanto por Tomelin Neto:

Nossa empresa desenvolve móveis também para uma das mais famosas lojas de decorações do Brasil, a Toc-Stoc, com modelos exclusivos e projetados pelo designer daquela empresa (SILVEIRA, 2009).

Já os móveis Institucionais são produtos feitos para outras empresas, uma espécie de terceirização, a Rudnick entra para apenas complementar um projeto, pois os desenhos vêm sempre prontos. Como por exemplo, o Boticário, a L'áqua de Fiori, Akakia, Claro, Vivo, Tim e a Móveis Vogue (Curitiba e Florianópolis) (TOMELIN NETO, 2009).

Outro fato que merece destaque, no que se refere à concepção de produtos é o que é desenvolvido pelos desenhos trazidos pelo cliente, como se fosse entregue a uma marcenaria. Outra prática comum é a solicitação, por parte do consumidor de que um representante da empresa vá até o local e elabore um projeto que acondicione os móveis produzidos e comercializados, com o intuito de decorar o ambiente (LIEBL, 2009).

Retornando ao papel do Design, há que ser lembrado neste estudo que a Móveis Rudnick, constitui-se em uma empresa que atua, tanto no mercado interno quanto externo, detém um departamento de criação e planejamento, onde a

presença de designers é fundamental, pois os novos produtos são sempre criados com base nas pesquisas de necessidade externa, decorrente destas os designers partem para a concepção de novos produtos (PANNITZ, 2009) isto porque,

A empresa conta com vários segmentos do mercado, para cada um tem uma forma de trabalho em relação ao desenvolvimento dos produtos. Estes segmentos são divididos em: Exportação, Mercado Interno e Institucional. No tocante a exportação, 95% dos pedidos já vem com desenhos definidos pelo comprador, algumas vezes estas empresas solicitam que eles desenvolvam algum móvel que venha a completar o conjunto, porém sempre dentro de um mesmo estilo, como por exemplo, uma mesa de centro, um rack, etc.No mercado interno, apresenta sempre criações próprias e exclusivas. [...]. As linhas fabricadas pela empresa são por sua vez subdivididas em: Rudnick Decor (para as classes B- e B+) A Rudnick Convencional (para as classes C, D e um pouco da B) linha de impressão A Linha Vogue (classe A). **A empresa também contrata Designers autônomos para a criação de determinadas linhas**, como prestador de serviço, que se constitui numa prática bem comum. Já foram contratados designers da região, como também de Curitiba, São Paulo, e outros lugares do qual não me recordam (TOMELIN NETO, 2009).

Vale aqui ressaltar, que o procedimento de contrato na forma de *freelancer* é uma característica das empresas de grande porte que por muito tempo, focalizaram sua produção exclusivamente ao mercado externo. Porém quando a produção está voltada ao mercado interno, essa prática não ocorre do mesmo modo, isto porque tanto empresários quanto comerciantes de móveis não sentiram ainda a necessidade de um departamento de criação, porque os designers projetavam produtos que o mercado não consumia, ficando desacreditado perante os empresários, este fato, pode ser percebido nas colocações de um dos empresários pesquisados.

“Os designers estão desacreditados pelos empresários porque, quando contratados para este fim, produziram projetos muito bonitos, diferentes, inovadores, porém não vendáveis” (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Com o advento da exportação, as empresas da região se viram quase que obrigadas pelo processo de globalização a se inserir no comércio global de móveis. Porém, na maioria dos casos, os projetos também eram oriundos dos países importadores, ou seja, neste momento observa-se que houve certa desvalorização do profissional do *design* que era naquele momento substituído por um bom desenhista ou copista.

“O projeto vem pronto de fora até então. Vem a foto e fazemos o desenho o mais fiel possível, aí justifica a presença de um projetista, adaptando ao parque fabril da empresa” (BRANCALEONE, 2009).

O anteriormente exposto se deve aos objetivos propostos, pois essa pesquisa visa identificar como se deu a (des) valorização e/ou a (des) identificação dos profissionais do *Design* pelos empresários de móveis ou por aqueles que a administram, bem como se realmente houve uma descaracterização da área, produzida tanto pela mídia quando relaciona *design* a aparência, quanto pela importação de desenhos do mercado externo.

3.2.1 Desenvolvimento e Inovação na Indústria Moveleira do Alto Vale do Rio Negro: Antigos e Novos Padrões na Conquista de Mercado

As empresas moveleiras líderes no mercado global têm perseguido o alvo da modernização, através da introdução gradativa de máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos, principalmente no setor de móveis retilíneos. Estes são confeccionados de modo mais atualizado tecnologicamente, apesar de estar voltado basicamente ao atendimento do mercado interno, pois encontra dificuldades na exportação de seus produtos, devido aos altos preços da madeira aglomerada no mercado nacional e em parte ter deixado as formas que antes identificavam a região.

No início do século XX, mais precisamente durante a primeira grande guerra, quando a exportação da erva - mate sofre uma diminuição considerável e a região então direciona suas atividades econômicas para a industrialização da madeira, já que se constituía numa matéria-prima nativa e em abundância.

Com o início da 1ª Guerra Mundial (1914/1918), verificou-se uma redução pela metade nas exportações do mate, com consequências graves para a economia da região. Quem havia juntado capital nos anos anteriores à guerra, pode redirecionar seus investimentos para outras atividades. Se as exportações foram prejudicadas, por outro lado o mercado interno dinamizou-se. “Os produtos agrícolas tiveram maiores preços e aumentou a procura por produtos industrializados” (MAFRA, 1993, p. 08).

Este fato aliado a chegada de novos imigrantes, não mais agricultores e sim ex-operários das indústrias europeia, impulsionaram o desenvolvimento do setor industrial da região quando,

Em 1913, enquanto centenas de colonos abandonavam as terras já desgastadas pelas sucessivas culturas, sem a devida adubação e que baixou bastante a produtividade agrícola, **novos imigrantes chegam da Europa, fugindo dos horrores da guerra. Esses imigrantes, em sua maioria, não eram mais colonos, mas profissionais, ex-operários que vieram para o Brasil e ajudaram a dar um novo impulso às pequenas indústrias** (MAFRA, 1993, p. 08). (grifos da autora).

Foram estes imigrantes que com sua garra e conhecimento técnico oportunizaram para que “em 1920, a região do Alto Vale do Rio Negro já tivesse na indústria uma importante fonte de renda, competindo com a agricultura. Em São Bento do Sul havia 6 marcenarias e 56 fábricas, produzindo diversos produtos” (MAFRA, 1993, p. 08).

Neste sentido, pode-se afirmar que a Região do Alto Vale do Rio Negro desde sua colonização aos dias de hoje, apresentou um desenvolvimento não só no campo econômico como também no campo sociocultural, porém apesar disso precisa ampliar seu território econômico inserindo-se na pesquisa e, portanto, em consonância com conhecimentos técnicos- científicos.

A fase atual é o momento no qual se constitui, sobre territórios cada vez mais vastos, o que estamos chamando de *meio técnico-científico*, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência, de técnicos e de informação’ (SANTOS, 1993, p.35).

Foi na busca por novos mercados nacionais, que nos anos 60, as empresas da região encontraram na fabricação de esquadrias (portas e janelas), decorrente da criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), uma oportunidade para o desenvolvimento. A construção de novas casas abriu um novo nicho para o mercado de móveis, assim as indústrias moveleiras da região oportunizaram junto aos usuários do BNH, uma nova forma de vender seus produtos, nesta ocasião os móveis de estilo colonial, assim projetavam não só o produto acabado, mas também a cultura da região.

Em São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, os fabricantes de móveis investiram todo seu potencial na fabricação de esquadrias, pois havia uma grande procura no mercado por portas e janelas, para atender o programa faraônico financiado pelo BNH, que recebeu uma substancial injeção de recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS. O retorno desse investimento foi compensado. A procura pelas esquadrias ainda não havia diminuído, quando vem a procura por móveis para mobiliar as novas residências. A qualidade dos móveis da região logo conquistou a preferência dos mercados consumidores do eixo Rio – São Paulo (MAFRA, 1999, p.53).

Convém neste momento salientar, os estudos de Souza (1999) quando evidencia que o desenvolvimento da região se deu com maior rapidez com a inserção na linha produtiva de inovações tecnológicas motivada por empresários que haviam recorrido a financiamentos bancários, o que motivou empresas locais a se introduzirem no mercado global, no fabrico de esquadrias de madeira.

As primeiras janelas e portas foram feitas com facão, devido a precariedade da fábrica. Porém, fomos nos aperfeiçoando e mais tarde fabricamos as portas e janelas para o primeiro conjunto habitacional financiadas pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) de São Bento do Sul (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Entretanto, a fabricação de esquadrias de madeira não foi o produto que mais destacou economicamente a região no cenário mundial, pois “considerando a história, os móveis fabricados na região por muito tempo detinham a identidade de móveis fabricados em madeira de lei e maciços” (DENK, 2009)

Neste estudo, ressalta-se que a indústria moveleira na região do Alto Vale do Rio Negro, passou por diferentes fases de desenvolvimento, os quais serão apresentados no decorrer do sub-capítulo que segue, pois se acredita ser importante descrever quatro momentos em que a produção moveleira se passou para que se consolidou como base econômica da região de modo a transformá-la em Pólo Moveleiro de destaque nacional e internacionalmente. Assim tem-se: 1º- A produção de móveis no estilo colonial; 2º- A presença da Móveis Cimo S.A. entre os anos de 1920 a 1980); 3º- O período de incentivo e crescimento das exportações e por fim a busca por uma conquista de mercado interno, por parte das empresas, que por muito tempo direcionaram sua produção exclusivamente ao mercado externo.

3.2.2 Móveis Coloniais: Identidade e Tradição

Mesmo com a vinda da Família Real ao Brasil em 1808 e com a abertura dos Portos Brasileiros às Nações Amigas em 1810 não era permitida a existência de indústrias nacionais, isto porque os produtos manufaturados deveriam ser comprados do mercado português. O fato se devia a condição imposta pela Coroa Portuguesa que mantinha o Brasil, em condição de colônia, de modo que era impossível competir com a Metrópole. Somente a partir da proclamação da Independência (1822) é que as leis foram revogadas. Assim as leis, que proibiam a criação de indústrias nacionais e o crescimento do país, caíram por terra, mas naquele momento não se pensava em desenvolvimento e sim em crescimento desordenado (SACHWEH, 2008).

No final do século XIX (1890), em São Paulo foram criadas as instituições de ensino superior: Escola de Engenharia, Liceu de Artes e Ofícios que motivaram a produção em série responsável pela formação de mão-de-obra especializada que aos poucos foi substituindo a importação de móveis europeus, pelos de fabricação nacional (NIEMEYER, 2000, p. 51).

Quando as importações foram suspensas, no período em que aconteceu a Primeira Guerra Mundial, um número expressivo de pequenas indústrias nacionais surgiu na tentativa de suprir as demandas do país. Este foi um momento importante para a indústria nacional, que buscava expandir seu comércio a clientes tanto em nível nacional, quanto internacional, pois estes não tinham como hábito adquirir produtos nacionais. Fato que foi modificado quando a fabricação interna passa a ser prestigiada pela produção de móvel em madeira maciça, quando lá fora esta matéria prima começava a se escassear.

Entre os anos de 1960-1970, a produção de móveis coloniais (Figura 49) da Região do Alto Vale do Rio Negro alterou o modo de produção das empresas, que saíram da forma artesanal para a produção seriada. Este fator foi fundamental para inserir a região no eixo Rio-São Paulo, bem como apresentar ao país a identidade sócioeconômica e cultural na área moveleira que se consolidava diante às mudanças.



Figura 49 – Móvel (Oratório) em estilo colonial
Fonte: acervo particular da pesquisadora

O estilo Colonial (Figuras 50 e 51) foi adotado por muitas das empresas localizadas nos municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho e que teve seu auge na década de 1970, foi encabeçado, na década de 50, pela Indústria Weihermann (São Bento do Sul), inserindo na empresa a produção em série desse estilo, atendendo a crescente demanda do mercado (MAFRA, 1999, p. 64).



Figura 50 – mesa de centro em estilo colonial
imbuia maciça
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O sucesso dos móveis, no estilo colonial oportunizou cada vez mais a abertura de novas indústrias moveleiras e contribuíram para o surgimento de novas empresas que deram suporte logístico à produção. Onde, nos anos 70 os móveis do

estilo colonial eram bem aceitos pelo mercado e a produção era insuficiente para atender a demanda. Neste contexto, destaca-se São Bento do Sul cujo sucesso deste tipo de móveis que além de oportunizar a abertura de novas empresas moveleiras, fez nascer também empresas tercerizadas como: transportes, tornearias, pinturas, secagem da madeira, entre outras (DENK, 2009).

Por muitos anos a região teve como identidade o uso da madeira maciça tanto na fabricação de móveis quanto na fabricação de artefatos, tais como: farinheiras (Figura 51), bandejas com borboletas (Figura 52), abajours (Figura 53), dentre outros, tudo isso se fazia utilizando-se de madeiras de lei que existia em abundância na região.



Figura 51 - Farinheira em madeira
Fonte: acervo da pesquisadora



Figura 52 - bandeja com borboletas
Fonte: www.esquinadotempo.com.br



Figura 53 - Pés de abajours
Fonte: www.mercadolivre.com.br

Exemplificando esta prática comum nas empresas moveleiras da região, na primeira metade do século XX, Jonas Silveira, um dos diretores da Artefama S.A., uma das mais expressivas empresas do setor moveleiro de São Bento do Sul, assim explica:

Quando a empresa (Indústria Artefama S.A.), em 1945, iniciou suas atividades, fabricava vasos de xaxim, artefatos de madeira, como: quadros decorativos com borboletas, farinheiras, bandejas, abajours, cinzeiros dentre outros. Anos depois migrou para a fabricação de móveis do estilo colonial (SILVEIRA, 2009).

Durante as entrevistas, pode-se perceber que empresas moveleiras existentes ainda hoje na região, encontraram na fabricação de pequenos artefatos de madeira, a alternativa de aproveitamento das sobras desta matéria-prima que se acumulavam nos pátios, processo este que serviu para consolidar os cuidados e o zelo pela matéria-prima e pelo espaço de trabalho que tinham os fabricantes de móveis.

Com isso, destaca-se que apesar de não terem e não serem designers, muitos dos empresários regionais asumiram tal papel. Neste sentido empresta-se as idéias de Maldonado (1991), quando afirma que o papel do Designer está em produzir uma ideia através do aproveitamento da matéria-prima.

Porém foi nos móveis de madeira maciça, principalmente em imbuia e cerejeira, que se destacaram adornos torneados e entalhados de modo artesanal (Figura 54), bem como no uso de couro trabalhado e pirografado¹⁶ (Figura 55), também, faziam parte dos acabamentos, o veludo (Figura 56) e a palha trançada (Figura 57 e 58), que as indústrias da região do Alto Vale do Rio Negro bem souberam aproveitar e fixar como base econômica para o desenvolvimento regional.

¹⁶ Pirografar: Arte de gravar em diversos materiais através do fogo; Pyr = fogo, graphos = escrita, escrita do fogo; Primeira manifestação artística da humanidade. (www.atelie.atspace.com)



Figura 54- Móvel em estilo colonial com adornos torneados e entalhados.
Fonte: www.lapapa.com.br



Figura 55- Móvel em estilo colonial com revestimento em couro trabalhado
Fonte: www.lapapa.com.br



Figura 56 - cadeiras com revestimento em couro e veludo
Fonte: www.lapapa.com.br



Figura 57- Móvel tipo namoradeira-estilo colonial
Fonte: acervo particular da pesquisadora

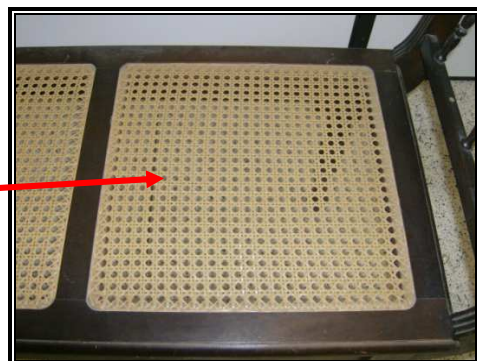


Figura 58 - detalhe do móvel (fig. 57) – palha trançada
Fonte: acervo particular da pesquisadora

A fabricação e a comercialização do estilo de móveis coloniais, não só projetou a região em todo o território nacional, como também no mercado internacional. Processo este que foi visto pelos empresários como uma importante alavanca para o desenvolvimento socioeconômico e que projetou culturalmente os municípios que compõem a região. Este fato pode ser comprovado nos depoimentos de empresários do setor:

Em 1972 inicia a fabricação de móveis coloniais para todo o Brasil, fundando a empresa Móveis Catarinense, esta empresa ficou no mercado por um período de 35 anos. Neste mesmo ano abre sua primeira loja de móveis, no mesmo local em que se encontra a loja matriz (KMIECIK, 2009).

Os móveis coloniais foram muito importantes para o desenvolvimento de nossa empresa. Geraram muito lucro, pois podíamos fazer qualquer modelo, tinha grande aceitação no mercado, não encontravam dificuldades em colocar nossos móveis no mercado (LANG, 2009).

Porém, os móveis coloniais com o passar do tempo, foram perdendo espaço. Este processo foi ocasionado pelo crescimento populacional das cidades, principalmente no eixo Rio-São Paulo (1970-1980) que necessitava de outro estilo de móvel. Um móvel mais leve e menor, pois os espaços foram ficando cada vez mais reduzidos visto que a construção civil estava apostando em apartamentos residenciais cada vez menores conforme a tendência ditada pelo mercado mundial. E foi exatamente neste ponto que a região, principalmente São Bento do Sul, perdeu a percepção de mercado, pois insistiu em continuar fabricando móveis muito pesados e para amplos espaços, acreditando que a qualidade de seus móveis era a característica mais importante como diferencial competitivo e que a concorrência quanto ao custo não afetaria as empresas (DENK, 2009).

A diminuição da venda de móveis coloniais no mercado interno se deu “quando a imbuia não mais existia na região, o móvel colonial ficou muito caro ocasionando a perda de mercado e as empresas começaram entrar em decadência” (DENK, 2009). Isto porque só agora as empresas viam a necessidade de introduzir sua produção em novos mercados e, a exportação, principalmente para o mercado europeu, passou a ser alternativa de sobrevivência e de desenvolvimento.

3.2.3 Móveis Cimo S.A.: Marca para o Desenvolvimento Regional do Alto Vale do Rio Negro

A Móveis Cimo S.A foi uma das fábricas mais importantes e representativas do setor para a produção em série de móveis no país. Foi fundada no início do século XX e empregava em seus produtos uma tecnologia avançada com processos produtivos inovadores. Esta foi uma das razões do sucesso da empresa e, mais que isto, ela projetou a indústria moveleira e a região do Alto Vale do Rio Negro para o Brasil e para o mundo.

A Móveis Cimo foi uma das fábricas de móveis seriados mais importantes do país no período de 1920 a 1980, tornou-se referência dentro do setor moveleiro ao produzir uma grande variedade de produtos de alta qualidade e design, sendo reconhecida e estudada até hoje, pois além de características própria apresentava também a identidade do que mais tarde foi assumida pela região do Alto Vale do Rio Negro. Esta empresa que começou fabricando caixas chegou a ser a maior produtora de móveis da América Latina (OGAMA, 2007. p.01).

Esta empresa, que teve como objetivo sair da produção artesanal para se ocupar da produção industrial calcada nos mais modernos padrões da época teve na imigração européia a base sócioeconômica e cultural que oportunizou a seus fundadores vencer os desafios impostos tanto pelas condições ambientais quanto pelas primeiras iniciativas industriais no ramo moveleiro na região, observação esta feita por Giustina em seu artigo sobre a aplicação do desenho no trabalho com a madeira, publicado na Revista da Madeira:

Nos anos 30, um destaque importante foi a Móveis Cimo, uma empresa que desde 1873, estava estabelecida em Rio Negrinho, Santa Catarina. A família de imigrantes austríacos, os irmãos Jorge e Martin Zipperer, venceram o desafio dos primeiros industriais do móvel no Brasil, com a adoção de técnicas, que permitiram a padronização de componentes e a consequente montagem em série. Com a abundância de madeira boa na região, montaram no começo dos anos 20, uma serraria, com fábrica de móveis e caixas de madeira. Jorge e Martin tinham a intensão de se dedicar à produção industrial, dentro dos mais modernos padrões da época (GIUSTINA, 2007, p. 02).

A presença desta empresa (Figura 59) na região foi determinante para o desenvolvimento das cidades e teve papel importante no crescimento das mesmas porque projetou a Região do Alto Vale do Rio Negro na fabricação de móveis em

séries, cujo Design era inovador, especialmente por serem vendidos para escolas (Figura 61), escritórios (Figura 60 e 63) e cinemas (Figura 62), locais estes que eram símbolos de prosperidade e, portanto, muito visitados em todo o país.



Figura 59 - Vista da empresa parcial da antiga Móveis Cimo
Fonte: www.hhenkels.googlepages.com



Figura 60- Escrivania linha reta
CIMO de 1963
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico
de Rio Negrinho



Figura 61- Carteira escolar Cimo
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico
de Rio Negrinho



Figura 62 - Cadeira para cinema Móveis
Cimo
Fonte: www.mercadolivre.com.br



Figura 63 - Cadeira giratória
para escritório
Fonte: www.mercadolivre.com.br

A Móveis Cimo iniciou suas atividades em São Bento do Sul, da iniciativa de dois amigos de infância, porém foi em Rio Negrinho que se estabeleceu e oportunizou o progresso tanto daquela cidade quanto da região, projetando-a em todo o território nacional, tornando-se a maior fábrica de móveis da América Latina.

É importante ressaltar que uma empresa, tipicamente brasileira, fundada por descendentes de imigrantes europeus, que iniciou suas atividades em 1920 fabricando caixas de madeiras para transportar laranjas, deteve o domínio do mercado nacional na fabricação de móveis comerciais e institucionais. Nos anos de 1960 e 1970, passa a ser referência no setor moveleiro quando produz móveis de alta qualidade, em madeira de lei e com um padrão de design único e no uso de tecnologias, na forma curvada dos assentos e encostos, no transporte e na fabricação de móveis em série no país. Esta empresa foi também pioneira no reflorestamento das florestas, a primeira e a maior fabricante de cadeiras para cinemas, conhecida não só no território nacional como internacional.

A este respeito Henkels, assim destaca que é,

[...] interessante observar que este empreendimento se desenvolveu com base na administração de brasileiros, descendentes dos colonos da primeira leva que haviam se radicado quatro décadas antes na região. A Móveis Cimo em seu embrião foi uma iniciativa inovadora do ponto de vista comercial e tecnológico, embora se galvanizasse de uma atividade extrativista evoluindo para industrial, nesse caso uma serraria, para aproveitar o grande potencial madeireiro em substituição à erva-mate, cujo ciclo havia se exaurido irrevogavelmente antes de 1910 (HENKELS, 2007, p.01).

Quando se trata da Móveis Cimo, não se pode deixar de destacar dois momentos inovadores da empresa, a introdução da tecnologia da laminação da madeira e o uso de um padrão de design como diferenciais competitivos, que além de diferenciá-la de seus concorrentes foram também práticas seguidas por muitas outras empresas que surgiram na região.

Porém foi aliando conhecimento e técnica que a Móveis Cimo desenvolveu a técnica de trabalhar a madeira (arquear a madeira), que oportunizou a mesma consolidar uma identidade socioeconômica para a Região do Alto Vale do Rio Negro, que teve no padrão de design desenvolvido na época a soberania na produção de móveis, em madeira maciça em série e de baixo custo.

A própria Giustina (2007, p. 2), já citada anteriormente, aponta que,

Em 1923, depois de Martin cursar o Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo, voltou a Rio Negrinho e passou a aplicar os conhecimentos adquiridos. Utilizando máquinas à vapor, para arquear a madeira, e padronizando as peças de seus móveis. Os Zipperer foram os primeiros na criação de esquemas, que permitam a produção de móveis robustos de madeira maciça em larga escala, e a baixo custo. Desde o início, centraram sua produção em cadeiras e poltrona.

Nesta mesma perspectiva, convém destacar que a Móveis Cimo influenciou o desenvolvimento, principalmente do município de Rio Negrinho- SC, pois muitas outras empresas que se formaram nesta região, são ou foram originárias dela (Denk, 2009). Conforme Liebl (2009) “[...] todos aprenderam na Cimo. A região (Rio Negrinho) é moveleira por ter nascido aqui a Móveis Cimo, a qual ensinou aos funcionários a arte do fabrico de móveis” e tem na qualidade, na produtividade e no acabamento, a marca de uma identidade adquirida e preservada por seus ex-funcionários na linha de produção de suas empresas, como podemos constatar no relato de um dos empresários entrevistados:

Nossos móveis sempre **foram muito bem acabados e de ótima qualidade**. Aliás esta foi sempre nossa marca principal. **Esta característica é uma herança da empresa Cimo**. Meu pai, o Sr Lino Lang trabalhou 25 anos na empresa, a qual primava pela qualidade e isto ele trouxe para sua empresa, é uma pessoa muito exigente, está sempre supervisionando a produção pessoalmente, hoje está com 79 anos , ainda trabalha muito onde a Cimo o influenciou na questão do capricho e acabamento (LANG, 2009) (grifos da pesquisadora)

Seguindo os padrões da Móveis Cimo, surgiu também na cidade de Rio Negrinho-SC a Atlanta Móveis, que conta atualmente com uma produção exclusiva para as seis lojas da rede, com vendas somente no varejo, sendo duas em Curitiba (PR), duas em Joinville (SC) e duas em Rio Negrinho (SC), comprovado nas palavras do empresário Felipe Kmiecik:

Meu pai, Carlos Kmiecik, trabalhou por muito tempo na móveis Cimo na estofaria. Saiu da empresa antes da falência, resolveu então montar na garagem de sua casa uma oficina de reforma de sofá, iniciou com uma fabriqueta, com o passar do tempo foram crescendo. Quanto a influência da Cimo foi fundamental para o surgimento de nossa empresa, pois meu pai ao trabalhar na empresa trouxe consigo todo o conhecimento técnico adquirido na Cimo (KMIECIK, 2009).

Com o uso de uma tecnologia inovadora aplicada à madeira, a Móveis Cimo se destacou como nenhuma outra da região, pois ao se utilizar do laminado de

madeira em forma curva (Figuras 64 e 65), proporcionou uma nova forma, um novo estilo e transformou as cadeiras em assentos mais anatômicos e confortáveis.



Figura 64 - Cadeira de balanço- 1940
Fonte: www.google.com.br



Figura 65 - Cadeira para escritório
Fonte: www.google.com.br

Com sua produção focada nos móveis comerciais e institucionais o público alvo era composto de pessoas que necessitavam, além de um móvel confortável, um esteticamente atraente, fato esse que pode ser visto como uma revolução tecnológica da indústria moveleira, pois projetou a região que até então fabricava móveis exclusivamente residenciais, em madeira maciça ou em chapas de laminados. A instalação desta empresa pode ser considerada pelos moradores da região como o divisor de águas da produção moveleira, pois

[...] dos anos 30 aos 50 mais de 80% das escolas, casa de espetáculo e repartições públicas, utilizavam os Móveis Cimo, com suas cadeiras sóbrias e funcionais. Essas cadeiras e poltronas, unificaram a imagem de lugares públicos no Brasil de norte a sul, como signo de identificação, que ainda hoje os caracteriza (GIUSTINA, 2007,p.02)

As Figuras 66 e 67 exemplificam como esta empresa, inspirando-se em cadeiras austríacas, fabricavam-nas em madeira maciça (imbúia) e vendiam desmontadas (GIUSTINA, 2007, p.02) que através de um padrão de design único, produzia e acondicionava as partes de um produto em caixas, também de madeira, para o transporte dos mesmos. Percebe-se com isso, que havia por parte da Móveis Cimo uma preocupação, não só com a produção mas também como com o transporte do produto desde a saída da fábrica até sua montagem final.



Figura 66 - Peças que compõem uma cadeira
 Fonte: Fonte: www.google.com.br



Figura 67 - Cadeira montada
 - Fig.66
 Fonte: www.google.com.br

As práticas adotadas pela empresa chamaram a atenção, tanto pela forma de fabricação em série quanto pela maneira como transportava o produto, pois “na época não havia papelão, o transporte era feito também em caixas de madeiras, uma carga invejada pela forma reta e limpa que se apresentava” (RUDNICK, 2009)

A fabricação, o transporte e a tecnologia e rapidez da montagem destes móveis, ocasionaram mudanças na característica de identificação dos produtos fabricados pelas empresas locais, de tal forma que os móveis coloniais já não eram mais a única referência de estilo da região. Com esta inovação, entende-se que foi ainda no início do século XX que se definiu regionalmente uma nova identidade, agora dos móveis de fabricação em série que iam além dos residenciais e passaram a ocupar espaços em escolares, escritórios, cinemas e outras instituições. Esta percepção se dá com a inserção de uma nova linha produtos, que deixa de ser exclusivo à decoração de ambientes residenciais para oportunizar o desenvolvimento econômico, através da ampliação do processo produtivo e tecnológico na região.

Assim sendo, as serrarias da região que forneciam madeira para a Cimo S.A. se desenvolveram e conseqüentemente industrializaram a região. Quando a Cimo estava em alta, seus funcionários investiram em Rio Negrinho e quando esta empresa encerrou suas atividades, em 1980, muitos de seus funcionários abriram pequenas empresas, oportunizando a continuidade da produção de móveis, o que sem dúvida auxiliou para que a região fosse projetada pela sua identidade moveleira (BAECHTOLD FILHO, 2009).

Portanto, sua participação na consolidação de uma identidade moveleira para a região está presente na memória das pessoas, quando esta é lembrada como sendo a mola propulsora para o desenvolvimento e aprimoramento da produção moveleira, cuja tradição econômica e cultural está na qualificação da mão-de-obra influenciada pelo conjunto de procedimentos desenvolvidos pela Móveis Cimo S.A. (KINGERSKI, 2009).

3.2.4 Incentivo e crescimento das Exportações

Como o mercado interno já não absorvia a produção de móveis em madeira de lei, pois a matéria-prima além de cara estava protegida por leis ambientais, de modo que as empresas começaram apresentar dificuldades financeiras e estas veem na exportação, do produto feito em *pinus*¹⁷ que antes eram explorados, mas uma alternativa de superar a crise, mesmo que esta matéria-prima não fosse ainda usada com as tecnologias européias.

Nos anos de 1988 e 1989 as empresas buscam exportação para sua produção. Quando os europeus chegam aqui, já tem a região como referencia em móveis em madeira de lei. Os móveis em pinus, aqui fabricados, estavam tecnologicamente ultrapassados em relação aos fabricados naquele continente, por isso não foram aceitos pelos importadores. A partir daí as empresas começam a fabricar móveis de acordo com o que as empresas determinavam (DENK, 2009).

Os estudos realizados por uma equipe de cientistas da UNICAMP demonstram que a exportação de móveis só teve início nos primeiros anos da década de 1980 e que a mesma estava diretamente ligada à queda do mercado interno, com forte aceleração nos anos de 1990, ocasionado pela melhoria na capacidade produtiva das empresas (mais qualidade e menor preço) e pelos avanços na área do Mercosul (COUTINHO et all, 1991, p.55).

Porém a inserção no mercado externo teve seu ponto alto durante a fase de incentivo e crescimento das exportações, fato que ocorreu entre os anos de 1980 e 1990. Durante este período o desenvolvimento se deu de modo mais acelerado, porque a mão-de-obra familiar foi sendo substituída gradativamente pelo uso de

¹⁷ Regularização do Código Florestal – Lei n. 4771/1965

máquinas e equipamentos eletroeletrônicos, acrescidos da utilização de tecnologia de ponta. Este fato oportunizou as empresas da região a entrar no campo das exportações. No início deste século (XXI), ainda é possível observar que o estilo de móveis coloniais, que por muito tempo caracterizou a identidade da região, vem sendo substituído por móveis de linhas mais retas, que procuram cada vez mais atender as tendências do mercado internacional.

Este fenômeno se justifica porque na década de 1980 ocorreu à retração econômica, novos investimentos foram cortados trazendo uma crescente desatualização desse setor diante do cenário mundial. Razão esta pela qual algumas empresas introduziram com dificuldades equipamentos de última geração, tentando com isso direcionar a sua produção em parte para exportação exigida pelo mercado econômico mundial.

As empresas para competir importam máquinas da Europa, para direcionarem a produção ao mercado externo, foram também se adaptando as exigências do mercado externo, se aprimorando tecnologicamente, tornando as empresas refém dos móveis em pinus para exportação tirando a identidade de móvel maciço, porém ditado pelo mercado externo (DENK, 2009).

Não podemos esquecer que estes fatos, além de inserir a região no contexto econômico internacional, mais uma vez projetaram a cultura da região e que, por muito tempo a identificou no Brasil e no mundo, demonstrando que o contexto sócioeconômico e cultural é papel importante no desenvolvimento de uma região.

Em caso de grandes potencialidades naturais ou quase na total restrição das mesmas, a potencialidade de qualquer local, região ou país está assentado em sua população, ou mais amplamente, em seu ambiente: a integração dessa gente, por meio de sua cultura, com o território e suas relações externas. Essa é a alavanca principal do processo de desenvolvimento e que requer grandes esforços de fomento e promoção (GASAROTTO, 1998, p.87-8).

Porém, vale ressaltar que as indústrias da região enquanto exportaram, tiraram o foco do mercado interno, não diversificaram sua produção e com a queda cambial estão encontrando dificuldades em superar a crise. Este fato se deu principalmente àquelas que direcionaram sua produção exclusivamente para o mercado externo (DENK, 2009), onde a região não vendia produtos e sim era comprada pelo mercado internacional (BAECHTOLD FILHO, 2009) que além de

ditar os modelos ainda tinha no preço baixo dos produtos o foco da negociação. Com a exportação os móveis adquiriram uma linha mais reta, com 100% no pinus (SILVEIRA, 2009).

Este fato pode ser observado nas palavras de um dos diretores entrevistados que

Há 14 anos se vendia qualquer coisa, porém com a falta da madeira dura (maciça) oriunda do norte do país, passou-se a fabricar móveis, para exportação, com madeira renovável (pinus). A produção de móveis era exclusivamente para o mercado externo, não tinham produto para o mercado interno. Com a experiência de 14 anos de exportação a empresa adquiriu um *now how* no tocante ao acabamento e pintura, onde desenvolveu técnicas de tratamento do pinus, recebendo o selo 'Biomóvel' (SILVEIRA, 2009).

O Biomóvel, do qual Silveira se refere trata-se de uma alternativa tecnológica, principalmente para o pinus e eucalipto, que atualmente as empresas da região estão desenvolvendo na tentativa de resgatar o mercado interno. Porém, o móvel feito em pinus não tem boa aceitação no mercado interno, apesar de toda a tecnologia adquirida no decorrer de aproximadamente 20 anos de exportação, dos quais as empresas terão que quebrar este “tabu”, e aceitar produto cuja denominação reconhecida no mercado global por “Biomóvel” (DENK, 2009)

3.2.5 Na Consolidação de uma Identidade Regional a Conquista do Mercado Interno

Pode-se afirmar que ao longo de sua existência, a indústria moveleira da região vem sofrendo mudanças na tentativa de melhor adequar-se, ora ao mercado, ora às necessidades do homem. Ocorreram mudanças não só no produto em si, mas também surgiram novas tecnologias e modos de produção que contribuíram muito, não só para o desenvolvimento da indústria moveleira da região, como também nacionalmente.

Há, no entanto que se destacar um novo momento pelo qual as empresas da região estão passando, um período de crise nas exportações, provocada pela queda

do dólar e da crise econômica mundial¹⁸, o que tem forçado os empresários a buscar novas alternativas de negócios, e a inserção de produtos com *design* diferenciados a fim de conquistar o mercado interno.

Nesta perspectiva emprestam-se as idéias de Silveira quando trata da crise nas exportações e afirma que,

[...] a maior preocupação da empresa está em achar um design apropriado para o mercado interno. **Por isso há aproximados dois anos começamos a estudar o mercado interno**, e aproximadamente e há menos de um ano estamos fabricando móveis para o mercado interno. Com a intensão de conquistar o mercado brasileiro, a Artefama **apostou no desenvolvimento de novos produtos, com modelos voltados exclusivamente ao gosto do consumidor brasileiro**, com móveis atrativos e diferenciados, para isso foram contratados os escritórios de design Inove (Curitiba), Asa Design (São Paulo). Contratou também o designer Marcelo Rosenbaum para desenvolver uma linha de produtos que levam inclusive a sua assinatura. Tudo isso com o objetivo de ter, no máximo em dois anos, uma produção de 25% de seus produtos destinados ao mercado interno. A empresa se renova para conquistar o mercado brasileiro, sem perder o **padrão de qualidade e de atendimento** aprovado internacionalmente (SILVEIRA, 2009).

Neste contexto, ou seja, na busca tanto pela conquista do mercado interno, quanto pela consolidação de uma identidade socioeconômica e cultural para a Região do Alto Vale do Rio Negro, que por muito tempo teve no uso da madeira sua base produtiva, cabe aos empresários e *designers*, através de um padrão de *design*, se preocupar com o meio ambiente e o social refletindo memória, tradição e modernidade, oportunizando ultrapassar as fronteiras físicas e ideológicas.

¹⁸ Crise mundial 2008: O ano de 2008 foi marcado pelo agravamento da crise financeira mundial, iniciada em 2007 a partir de problemas enfrentados pelo sistema financeiro americano em seu mercado de hipotecas imobiliárias. Em meados de 2008 o colapso do sistema de crédito interbancário americano espalhou-se por todo o sistema financeiro internacional, desencadeando uma crise econômica internacional. Como consequência, várias economias mundiais entraram em recessão, com impactos profundos no nível de atividade econômica dos países exportadores. O processo recessivo mundial impactou de forma dramática as economias dos países desenvolvidos a partir do terceiro trimestre de 2008 (MDIC, 2009)

IV METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se como procedimento metodológico ir a diferentes construções mentais e práticas, a fim de entender como autores e atores sociais contribuíram na formação de um pesquisador de modo a aliar o conhecimento original às normas de conduta para criar um conhecimento novo, como pretende ser o resultado deste estudo que teve na problematização o seguinte questionamento: de que forma uma identidade socioeconômica e cultural influencia ou é influenciado no desenvolvimento do setor moveleiro do Alto Vale do Rio Negro, que busca no padrão de *Design* um modo de se inserir no mundo ditado pelo padrão mercadológico global?

De início, recorreu-se a Cervo e Bervian, para compreender como se apresenta uma pesquisa científica, e estes afirmam que “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas teóricos ou práticos com emprego de processos científicos, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução” (2002, p.63).

Ainda a respeito do conceito sobre a pesquisa, Laville e Dionne (1999, p.45) asseguram que:

[...] no ponto de partida da operação de pesquisa encontra-se o problema a ser resolvido. Diversos fatores influenciam o pesquisador. [...] Importa, no momento, assinalar que estes fatores fazem com que o pesquisador perceba um problema, lhe fazem igualmente supor uma solução possível, uma explicação racional da situação a ser compreendida ou aperfeiçoada: a hipótese.

Com o objetivo de compreender o desenvolvimento do setor moveleiro do Alto Vale do Rio Negro no padrão de Design e como este influencia na formação de uma identidade socioeconômica e cultural na região que tem procurado se inserir no mundo de acordo com as tendências definidas pelo padrão global. Optou-se por uma pesquisa voltada para a história oral com análise descritiva, pois esse tipo de estudo “procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um

fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e característica” (CERVO; BERVIAN, 2002, p.66).

Os autores citados colocam ainda, que quando se faz uso deste tipo de pesquisa:

[...] busca-se conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas que estudam dados ou fatos colhidos da própria realidade (Ibid.idem, p.66-7).

Seguindo o curso do pensamento de Cervo e Bervian é que se desenvolveu esta pesquisa em cuja abordagem teórica se buscou analisar dados primários e secundários, oriundos de fontes escritas, para em seguida ir a campo para o trabalho de entrevistas semiestruturadas com pessoas diretamente voltadas a produção moveleira. As mesmas foram realizadas com empresários, diretores, responsáveis pela criação ou pesquisadores da área moveleira. Esses procedimentos metodológicos foram novamente revistos a fim de associá-los a revisão bibliográfica, pois, para

[...] coletar informação a propósito de fenômenos humanos, o pesquisador pode, segundo a natureza do fenômeno e a de suas preocupações de pesquisa, ou consultar documentos sobre a questão, ou encontrar essa informação observando o próprio fenômeno, ou ainda interrogar pessoas que o conhecem (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.176).

A opção pela aplicação da entrevista semiestruturada se deu pelo fato desta ser composta por questões abertas que oportunizam ao entrevistador, no decorrer da entrevista direcionar, de acordo com seu próprio interesse, novos questionamentos que possibilitem maior esclarecimento acerca do problema investigado. Neste sentido,

[...] a entrevista oferece maior amplitude do que o questionário, quanto à sua organização: estas não estando mais irremediavelmente presas a um documento entregue a cada um dos interrogados, os entrevistadores permitem-se, muitas vezes, explicar algumas questões no curso da entrevista, reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado. [...] em compensação, sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.189).

Visando aprofundar os estudos a bibliografia norteadora deste estudo foi precedida de análise e fichamento das fontes que permitiram a identificação das obras e artigos que trataram da temática em questão. Após a localização das fontes em bibliotecas públicas ou de acervos particulares, realizaram-se leituras e estudos a fim de embasar-se teoricamente e reconhecer os conceitos a respeito da composição: a) territorial do Alto Vale do Rio Negro; b) da formação de uma memória e de uma identidade socioeconômica e cultural e; c) do padrão do design e destes associados ao desenvolvimento regional.

Para analisar a abrangência dos conceitos anteriormente indicados, optou-se por empregar metodologicamente na pesquisa empírica a história oral, que por meio de entrevistas semiestruturadas possibilitou a pesquisadora conhecer além do sujeito entrevistado, seu espaço de trabalho e, a dinâmica inerente ao setor moveleiro, a memória individual e coletiva de famílias voltadas à produção de uma identidade regional do Alto Vale do Rio Negro voltada ao uso da madeira.

Para obtenção dos dados, primeiramente se estabeleceu contato com os entrevistados, a fim de agendar dia e hora para a entrevista. O decorrer das entrevistas verificou-se a necessidade de gravações em formato MP3, a fim de se rever momentos de memória que oportunizassem maior esclarecimento e veracidade da investigação proposta nesse estudo. Terminada esta etapa, todas as entrevistas foram transcritas, no entanto, cabe aqui lembrar que das mesmas só utilizou algumas falas, procurando sempre manter a originalidade.

Antes da realização de cada entrevista, a pesquisadora preenchia uma ficha contendo informações que se encontram disponíveis no Apêndice como: I - Dados do Entrevistado, II e III - Roteiros da Entrevista Semiestruturada, tanto para Empresários, Diretores ou Gerentes, quanto para os Profissionais de Design (contratados ou autônomos) e pesquisadores na área.

As questões apresentadas durante a entrevista seguiram um roteiro pré-estabelecido, visando compreender a opinião dos entrevistados e suas manifestações a respeito de pesquisa e pesquisadores na região.

Antes mesmo de iniciar a entrevista propriamente dita, deu-se ênfase a seriedade, responsabilidade e credibilidade tanto da pesquisadora, quanto dos cuidados com as falas dos pesquisados, para tanto, procurou-se pedir aos mesmos, a autorização com a assinatura de cada uma deles para que se busque publicar e divulgar os relatos, opiniões e conceitos, tanto em revistas ou periódicos

acadêmicos, quanto em congressos, seminários ou em outros veículos de publicação científica, bem como em jornais locais que possam socializar os resultados deste estudo.

A primeira etapa da pesquisa se constituiu em um levantamento bibliográfico e uma análise documental detalhada através da indentificação de fontes que tratam das questões relacionadas ao tema.

A segunda etapa se constituiu da pesquisa de campo cujas análises foram feitas a luz do discurso decorrente das entrevistas semiestruturadas realizadas com Empresários, Diretores e Designers da Indústria Moveleira, com Designers autônomos e pesquisadores na área moveleira dos municípios que compõem a Região do Alto Vale do Rio Negro. Esta ação teve como objetivo de entender a abrangência do conceito de Desenvolvimento e *Design*, como também de que forma a memória contribuiu para a formação de uma identidade regional que tem no design produzido pela indústria moveleira da região as bases para consolidação de uma identidade socioeconômica e cultural.

A terceira etapa deste estudo compreende a análise e interpretação dos dados constantes nas entrevistas, seguido da redação de texto comparativo objetivando atingir os objetivos propostos.

4.1.1 População e Amostra

Inicialmente, esta pesquisa teve como intenção entrevistar empresários, dirigentes, designers e pesquisadores na área dos municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho, cuja amostra foi composta por 03 empresas de grande porte (mais de 100 funcionários), 03 empresas de médio porte (25 a 99 funcionários) e 03 empresas de pequeno porte (até 24 funcionários) em cada um dos municípios da região que compõe o Alto Vale do Rio Negro. Em cada empresa a escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória, buscando atingir no mínimo 01 empresário, 02 dirigentes (ou gerentes) e um design.

No decorrer da pesquisa de campo ocorreram imprevistos que impossibilitaram o desenvolvimento da mesma conforme o propósito da amostra inicial. Este novo posicionamento foi decorrente da dificuldade encontrada em

estabelecer os primeiros contatos com os empresários e/ ou dirigentes. Inicialmente, de posse da relação das empresas que compõem o pólo moveleiro local e com os nomes dos possíveis entrevistados, partiu-se para o contato via e-mail, quando se expunha os objetivos da pesquisa. Porém para surpresa desta pesquisadora, as respostas não eram positivas, quanto se esperava. Uma nova tentativa, agora via secretária da empresa. De início, a funcionária em questão apresentava as varias justificavas quanto ao tempo e as dificuldades dos empresários e funcionários para atender um pesquisador que acabaria por fazê-los perder tempo ou ainda a faltar com compromissos estabelecidos em datas anteriores.

Entendendo que o papel de um pesquisador é realmente esgotar todas as alternativas e propósitos a fim de realmente associar a teoria, a prática, esta pesquisadora mudou de técnica e foi diretamente as empresas, o que também naquele momento ainda não representou êxito, pois as recepcionistas apenas agendavam e ao retornar a empresa, era comum ouvir a mesma desculpa: a falta de tempo do empresariado e o excesso de compromissos dos mesmos. Neste ínterim, entendeu-se que era necessário buscar contato com pessoas que pudessem intermediar o processo entre entrevistados e pesquisadora. A partir desta decisão e contando com a ajuda de pessoas conhecidas e comuns aos dois lados que as entrevistas tiveram início. O relato destes fatos tem aqui a intenção de justificar o número reduzido de entrevistas realizadas, bem como das empresas moveleiras visitadas conforme o quadro que segue:

ORDEM	EMPRESA	ENTREVISTADOS	FUNÇÃO	Nº Entre v.	Nº FUNC.	Município	Classificação
1	Star Ind. Com Ltda.	Vitória Liebl	Propriet	1	6	R. N.	Pequena
2	Móveis Lang	Antonio Edgar Lang	Propriet.	1	6	R.N.	Pequena
3	Normóveis	Reinaldo Baechtold Fº	Propriet.	1	0	C.A.	Média
4	Ind. Artefama SA	Jonas Silveira	Diretor	1	70	S.B.S.	Grande
5	Móveis Rudnick	Leomar Rudnick Alberto Tomelin Neto Nailor Pannitz	Propriet. <i>Design</i> Diretor	3	50	S.B.S.	Grande
6	Hífer Ind. Com. De Móveis LTDA	Paulo Renato Zappellini Cordeiro	Propriet.	1	70	R.N.	Grande
7	Chaplin Móveis e Decorações Ltda	Maria Aparecida Kingerski	Propriet.	1	9	R.N.	Pequena
8	Ind. de Móveis Clement	Thiago Brancalone	<i>Design</i>	1	8	S.B.S.	Média
9	Móveis Weihermann	Udo Weihermann Alessandro Ellemberg	Propriet. <i>Design</i>	2	40	S.B.S.	Grande
10	Escritório de Design	Horst Nering	<i>Design</i> autonomo	1	1	S.B.S.	Pequena
11	AMC-Consultoria e Acessoria Industrial	Adelino Denk	Consultor e autor de livros	1	3	S.B.S.	Pequena
12	Atlanta Móveis	Felipe Kmiecik	Propriet.	1	60	R.N.	Grande
13	Fábrica de Móveis Neumann Ltda	Marcelo Neumann Rafael Petreça	Propriet. Tecn. Em Móveis	2	30	S.B.S.	Grande
TOTAL				13			

Quadro 1 - Relação de Empresas Entrevistadas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade.

CASTELLS

Frente as palavras de Castells (2000), pode-se entender que o pólo industrial moveleiro da Região do Alto Vale do Rio Negro vem em muito contribuído para a construção de uma identidade regional, bem como no processo de desenvolvimento socioeconômico e cultural, não só para a região na qual está inserido, mas também na consolidação de uma sociedade global, mercadológica e informatizada.

Este processo se intensificou no modo de produção que ao explorar a mata nativa o associou a práticas do cotidiano, demonstrando nas atividades tanto sociais, culturais, quanto econômicas a preservação de uma cultura europeia, mais especificamente a alemã, que aliada à tecnologia implantada na fabricação de seus produtos, tatuou na memória coletiva da população que adotou a nova pátria, traços identitários de tradição alemã, tão marcantes que chega a confundir os visitantes, ou ainda, os transporta a um mundo imaginário como aquele feito pela Maria Fumaça.

Neste sentido, acredita-se ainda que, por vezes, o processo industrial foi marcado pela utilização de métodos produtivos baseados em padrões clássicos que mesmo sofrendo com os avanços tecnológicos ditados pela moda e mercado, passaram por adaptações no padrão de design, sem, no entanto, deixar de lado a cultura e a tradição dos primeiros imigrantes que fizeram uso da madeira, como matéria-prima abundante na região.

A produção de móveis em madeira de lei e maciça foi, por muitos anos, o padrão identitário para a região, tendo início com o estilo colonial, para em seguida produzir os móveis institucionais e de cinemas, como foi o caso da Móveis Cimo (1920-1980). Paralelamente, na década de 1970, a região do Alto Vale do Rio Negro passou a produzir móveis voltados a exportação, e atualmente enfrenta um novo panorama econômico, que se caracteriza pela busca de alternativas mercadológicas a fim de se manter no mercado que a cada dia se torna mais competitivo e globalizado, de tal modo que o local se desterritorializa em relação ao global, por

outro lado o global se minimiza de tal maneira que o local o vê simultânea e diferentemente (SANTOS, 1996).

Contra-pondo-se as hipóteses iniciais deste estudo, verificou-se que a Móveis Cimo S.A. foi a precursora entre as empresas que se utilizaram da matéria-prima e da mão-de-obra dedicada exclusivamente a produção de móveis para o mercado interno, contribuindo para que no início do século XX, a região ganhasse impulso e visibilidade socioeconômica, sobrepondo-se, as vendas de móveis coloniais fabricados em pequenas oficinas, porém foi o incentivo e a empregabilidade gerada por ela que auxiliou a consolidação de uma identidade regional, focada não na fabricação de móveis no estilo colonial, mas sim na produção de móveis em madeira maciça e de alta qualidade.

Analogamente, pesquisar a história da formação territorial e econômica da Região e de seu pólo moveleiro indicou caminhos que oportunizaram identificar o padrão de *design* característico do setor e o impacto da identidade produtora de móveis em madeira maciça e de alta qualidade no mercado internacional no padrão de *design*.

O estudo acerca da origem da profissão de *Design* e os diferentes conceitos atribuídos por teóricos ao vocábulo “*Design*” proporcionou conhecer sua abrangência entre os empresários e profissionais da área e compreender até que ponto o mesmo agrega valor ao produto.

O *design* brasileiro e, em especial, o aplicado na Região do Alto Vale do Rio Negro, apresenta-se muitas vezes como cópia, modificações ou adaptações do *design* europeu conforme a necessidade nacional ou internacional.

Neste sentido, entende-se que quando a produção é focada no mercado externo, os desenhos em sua maioria vêm prontos dos países consumidores, sendo inclusive, geradora de outra prática desenvolvida pelas linhas de produção, a dos profissionais, que assumem neste momento o papel que seria do *designer*, com exímio conhecimento acerca de *softwares* relacionados ao desenho e linha de produção de móveis, que ao receber os projetos, adaptam-no ao maquinário existente fazendo pequenas alterações a fim de evitar gastos excessivos para uma mesma entrega.

Em contrapartida, quando a produção de móveis é destinada ao mercado interno, os modelos não são projetados pelo profissional da área do *design*, pois o que se viu durante o desenvolvimento da pesquisa é que os mesmos são cópias e

adaptações de revistas, catálogos estendendo-se à feiras nacionais e internacionais do setor.

Em um resumo histórico, entende-se que nos anos de 1970 e 80 quando a produção de móveis esteve voltada ao mercado internacional, por receber incentivos financeiros para exportar, a identidade do *design* do móvel se caracterizava por trabalhos idealizados e produzidos por prototipistas, ou seja, carpinteiros que com o passar dos anos, foram se transformando em meros repetidores de modelos. Este fato tornou a presença de um *designer* praticamente desnecessária, pois o trabalho era desenvolvido com capricho, competência, organização e limpeza, o que ocasionou certa desvalorização deste profissional no setor moveleiro.

Diante do exposto, percebe-se que o *Designer*, ainda hoje, é pouco reconhecido como atividade profissional, isto porque empresários, técnicos e prototipistas entendem este pelo papel de um profissional planejador, elaborador e concebedor de um móvel, que na região precisa ter mais envolvimento com a empresa, vontade de crescer, além da herança cultural, necessitam ainda de um grande conhecimento acadêmico.

Observou-se ainda, a necessidade do desenvolvimento de uma aliança entre oferta e demanda para ir além da manutenção dos padrões que acompanham o desenvolvimento socioeconômico e cultural global, sem perder as características regionais, que contrariamente ao início deste estudo, acreditava-se estar calcada em uma identidade socioeconômica cultural da produção do móvel do estilo colonial e não na identidade consolidada economicamente no uso da madeira.

Com base na pesquisa de campo esta pesquisadora verificou que, mesmo reconhecendo o papel fundamental do profissional do *design* para desenvolver seus produtos, assim, entre os pesquisados, apenas duas empresas de grande porte (mais de cem funcionários) da região do Alto Vale do Rio Negro, possuem no quadro de funcionários um profissional desta área. Este fato se confirma, pois, as outras empresas que integraram este estudo, demonstraram preferência em desenvolver novos modelos de móveis com o pessoal da própria fábrica, onde muitos dos empresários regionais assumem tal papel, após consultas a catálogos e revistas, conforme já explicitado anteriormente.

Uma prática que também era comum no início da fabricação de móveis na região onde Leomar Rudnick (2009), empresário do ramo moveleiro que acompanhou desde os primeiros anos de vida o desenvolvimento socioeconômico e

cultural da região do Alto Vale do Rio Negro assegura que mesmo em tempos mais antigos:

[...] quando alguém casava, automaticamente procurava um bom marceneiro para fazer os móveis da casa, e meu pai (Leopoldo Rudnick) foi um homem muito conhecido nesta região pela qualidade e “capricho” de seus móveis (RUDNICK, 2009).

Durante a entrevista com Rudnick (2009) fotos e materiais antigos foram disponibilizados para dar concretude ao imaginário desta pesquisadora que tentava visualizar o passado. Assim, não há como deixar de apresentar os primeiros móveis fabricados na região, o que caracteriza o estilo trazido na bagagem dos colonos alemães que se fixaram na cidade de São Bento do Sul.

Faz-se necessário retornar ao cerne da questão desta pesquisa e ao texto do entrevistado Leomar Rudnick para perceber que mesmo diante das dificuldades financeiras, estava intrínseca na cultura dos imigrantes a constante procura pela manutenção de antigas tradições, mas sem deixar de lado a qualidade e capricho do produto manufaturado. Aqui, pode-se entender que além de encontrar um novo lar, os imigrantes encontravam na abundância da matéria prima (a qual viria mais tarde ser o produto que deu à região destaque nacional), uma liberdade que antes não lhes era permitida, até por força da própria conjuntura européia.

Frente às palavras de Bosi (1998) e das entrevistas, pode-se perceber que, em determinados momentos do desenvolvimento socioeconômico da região deste estudo, a memória caracterizou-se como “memória-hábito” conforme os relatos do Sr. Leomar Rudnick, filho de emigrantes alemães que fundaram uma das mais importantes empresas de móveis da região, a Móveis Rudnick. Quando ainda jovem sempre acompanhava seu pai em atividades da empresa, afirma ele: “*quando íamos comprar as lâminas para os compensados, existiam lotes ou números de lâminas limitados, que davam para fazer ou um jogo de quarto ou um jogo de jantar, então cada jogo era como se fosse exclusivo, porém os modelos eram todos iguais*” (RUDINICK, 2009).

Rudnick (2009) e Baechtold Filho (2009) reforçam a posição de destaque dos profissionais oriundos de São Bento do Sul, caracterizando atitudes e ações dos mesmos como características inerentes a cultura alemã que na memória-hábito (BOSI, 1998) é passada de geração a geração como: detalhista, honesta, e de um

povo sempre cumpridor de obrigações, compromissos, vontade de vencer e de crescer, comprometido com a memória coletiva em um espírito empreendedor, corajoso e determinado que ultrapassa as letras da lei.

Porém, houve também, momentos em que os relatos se caracterizavam em memórias de momentos únicos, isolados. Por outro lado, a memória isolada pode ser percebida nas palavras do mesmo entrevistado, quando completa afirmando que um dos primeiros móveis fabricados por seu pai foi um armário para cozinha (Figura 23), feito em madeira maciça em pinho, encomendado por um rico empresário da época. Este móvel demonstrava o estilo que os imigrantes trouxeram na bagagem, quando chegaram à região. Alguns momentos da trajetória da empresa se encontram na memória e gravados nas imagens reproduzidas através da fotografia como as que foram cedidas pelo entrevistado Sr. Leomar Rudnick.

Entende-se que a visita do empresário dinamarquês, permitiu que os moradores da região reconhecessem a identidade que ali estava posta e, fora adquirida pelo uso da madeira de lei e maciça em móveis de estilo colonial, fabricados na região e foi as semelhanças da produção do móvel do Alto Vale do Rio Negro, com o estilo europeu que fez com que aqueles povos direcionassem seu olhar a produção moveleira do Norte de Santa Catarina.

Diante do exposto, percebe-se que a identidade moveleira desta região não está diretamente ligada ao *design*, e sim a condição de que seus móveis apresentam características de possuir excelente madeira e qualidade proporcionada pela alta tecnologia empregada na fabricação dos mesmos. Encontra-se aqui a razão pela qual a maioria das empresas investigadas não possui em seu quadro de funcionários o profissional de *design*, pois o público consumidor que busca a região a procura de móveis prontos, os encontra nas lojas da própria empresa, os *showrooms*, enquanto que os empresários e distribuidores possuem também lojas exclusivas, em diferentes estados do território nacional e que ao expor seus produtos projetam não só a empresa, mas também a identidade do pólo moveleiro que tem no uso da madeira sua principal característica socioeconômica e cultural.

Com o controle da mata nativa pelos órgãos federais e a disseminação do uso de madeiras oriundas de florestas renováveis, as empresas passaram a desenvolver tecnologias de tratamento da madeira objetivando dar ao acabamento final do móvel as mesmas características dos móveis produzidos em madeira de lei.

Retornando ao papel dos *designers*, convém ressaltar que os mesmos veem nas empresas da região oportunidades de trabalho e também uma fonte geradora de renda, além de um espaço oportuno para demonstrar o conhecimento e criatividade desenvolvidos em sua vida acadêmica. Isto, porém, não se configura numa prática, porque na perspectiva dos empresários, os *designers*, em grande parte, preocupam-se em colocar no mercado um móvel de vanguarda, porém não vendável. Esta resistência a novos olhares no mercado consumidor acontece porque,

Os empresários da região na sua maioria deixam transparecer uma forte característica do alemão: ser individualista e egoísta, quando acredita que seu móvel tem qualidade e é isto que interessa, não tem visão comercial, pois não faz pesquisa de mercado, coloca um produto que acredita que vai vender, ou seja, a cultura influencia no conceito produção e qualidade. A cultura da região é de produção e comércio, uma visão limitada, não focada na venda. Os empresários precisam investir mais nas empresas, no setor comercial, em *design*, ou seja, focar mais no cliente. Atualmente acontece que quando o que o empresário propõe não vem ao encontro do que o cliente desejava na visão do empresário o cliente quer demais. Precisamos fazer com que os empresários retirem de sua prática o *Status Quo* de que temos melhor qualidade e isto é o que importa (DENK, 2009).

Para desmistificar este posicionamento por parte daqueles que decidem sobre a instalação de um departamento de criação, e conseqüentemente a contratação de um *designer*, acredita-se que a solução poderia estar na concepção de um *design* direcionado para o contexto, em harmonia com as particularidades da cultura, com vistas no fortalecimento de uma identidade socioeconômica e cultural para esta região que por muito tempo foi referência, tanto nacional quanto internacional na fabricação de móveis.

E, por fim, ao concluir este estudo, entende-se que há muito a ser pesquisado sobre temáticas como desenvolvimento, produção moveleira, padrão de *design*, identidade sócioeconômica e cultural, além da própria Região do Alto Vale do Rio Negro, pois tanto um quanto outro termo por si só, já se configura em tema amplo e polêmico. Nesta perspectiva, há que se registrar ainda, que este se caracteriza em uma fonte de pesquisa para discussões e outros estudos que tendem a ser desenvolvidos pela sociedade e comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Maria Regina. **Ensino do Design: A Interdisciplinaridade na Disciplina de Projeto em Design**. Florianópolis, UFSC, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2004.

AMPLANORTE. Associação dos Municípios do Planalto Norte de Santa Catarina. Disponível no site <<http://www.amplanorte.org.br>. Acesso em 26 mar. 2009.

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE SÃO BENTO DO SUL. Perfil sócio-econômico. Joinville/SC: Univille, 2006.

BAECHTOLD FILHO, R. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Campo Alegre-SC, 2009.

BARBOSA, Addson Lourenço. **Dicionário de Química**. Goiânia: AB Editora, 2004.

BAUMANN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIRKNER, Walter Marcos Knaesel. **O Capital Social em Santa Catarina: o caso dos fóruns de desenvolvimento regional**. Blumenau/SC: Edifurb, 2006.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**.

BRITO, Breno. **Briefing de criação**. Piauí: Apostila 07 apresentada à disciplina de Direção de Arte, do Curso de Comunicação Social - Publicação e Propaganda. Associação de Ensino Superior de Piauí - AESPI, 2008. Acesso em 26 ago. 2009. Disponível em http://www.brenobrito.com/Dir_Arte-Apostila07_-_Briefing_de_Criacao.pdf

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CÂNEDO, Leticia Bicalho. **A revolução industrial: tradição e ruptura: adaptação da economia e da sociedade: rumo a um mundo industrializado**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Guanabara, 1970.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CLEMENTE, Ademir; HIGACHI, Hermes Y. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2000.

CORDEIRO, P. R. Z. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Rio Negrinho-SC, 2009.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense**. Florianópolis: UFSC; Diário Catarinense, 1997.

COUTINHO, Luciano; SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da SANTOS, Ronaldo Marcos dos, et all. **Design na Indústria Brasileira de Móveis**. Curitiba: Alternativa Editorial, 2001.

DALL'ALBA, João Leonir; SOUZA, Celso de Oliveira (org.) **Santa Catarina, Estado de Graça!** Orleans-SC: Gráfica do Lelo, 2008.

DEAN, Warren. **As multinacionais do Mercantilismo ao capital internacional**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

DENK, Adelino. **Pólos Moveleiros-I**: São Bento do Sul. Curitiba: Alternativa Editorial, 2002.

_____. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

DIAS, Maria Regina Correia Álvares. **Ensino do design**: a interdisciplinaridade na disciplina de projeto em design. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção-área de Inovação e Avaliação Tecnológica) – Curso de pós-graduação em Engenharia de Produção. UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.

DUMKE, Eliane Müller Seraphim; LIMA, Rosirene Let all. **Aspectos do desenvolvimento dos municípios de Curitiba e São José dos Pinhais**. 2004. 125 p. Trabalho apresentado na Qualificação das Oficinas do Programa de Doutorado. 14 ago. 2004. Doutorado em Meio ambiente e Desenvolvimento- UFPR.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo - Rio de Janeiro: Encyclopédia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FILIPAK Suzete Nancy. **A Construção do Perfil do Tecnólogo em Design de Móveis da UnC de Rio Negrinho**. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

FINKER, Carlos. **São Bento do Sul. Subsídios para sua História**. Joinville/SC: Imprensa Ipiranga, 1973.

GASAROTTO FILHO, Nelson. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para conquista de competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 1998.

GIUSTINA, Mara Della. **A aplicação do desenho no trabalho com a madeira**. Artigo publicado na Revista da Madeira, edição nº 101, janeiro de 2007. Disponível no site: <http://www.remade.com.br>. Acesso em 15 set. 2009.

HENKELS, Henry. **História Econômica de São Bento do Sul**. Disponível em http://www.henkels.googlepages.com/moveis_cimo.jp. Acesso: 16 jun. 2009.
HERING, Maria Luiza Renaux. **A colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Furb, 1987.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2005**. Disponível em: <http://geoftp.ibge.gov.br/documentos/geodesia/sisref_2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2008**. Disponível em <http://geoftp.ibge.gov.br/documentos/geodesia/sisref_2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2009.

KAESEMODEL, Maria Salete Munhoz. **A Indústria moveleira de São Bento do Sul- SC**. Florianópolis: UFSC, 1990. 129 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Centro de Ciências Humanas, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

KIUMIECK, M. A. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Rio Negrinho-SC, 2009.

KMIECIK, F. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Rio Negrinho-SC, 2009.

KORMANN, José. **São Bento do Sul**. 3. ed. São Bento do Sul-SC. Edição do autor, 1990.

LANG, A. E. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Rio Negrinho-SC, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências sociais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIEBL, V. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. Rio Negrinho-SC, 2009.

MAFRA, Antonio Dias. **Aconteceu nos ervais: a disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina pela exploração da erva-mate – Região Sul do Vale do Rio Negro**. Canoinhas: UnC, 2008. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado, Campus Canoinhas- Marcílio Dias- Porto União.

_____. **A História do Desenvolvimento da Indústria do Mobiliário**. (Região do Alto Vale do Rio Negro: São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Pós-Graduação, 1993.

MALDONADO, Tomás. **Design industrial: Arte e Comunicação**. Trad. José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 1999.

MICHAELIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MDIC. **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1250871618.pdf. Acesso em 16 set. 2009.

NERING, H. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

NIEMAYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalações**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

OGAMA, Marilia Sugai. **Móveis Cimo e a industrialização do mobiliário no Brasil** - Parte 1. Disponível em: <http://www.totalmoveis.com.br>. Acesso em: 17ago.2009.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. Dicionário escolar: para estudantes brasileiros de inglês. 7. ed. New York: Oxford University Press, 2001.

PANNITZ, N. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

PINHO, Diva B.; VASCONCELOS, Marco A. S. (Org.) **Manual de economia- equipe de professores da USP**. São Paulo: Saraiva 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA-SC, disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/.../bandeiras/mapa1.png>. Acesso em 05 ago.2009

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO NEGRINHO, disponível em: <http://www.rionegrinho.sc.gov.br>. Acesso em 23 mar. 2009.

RUDNICK, L. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul-SC, 2009.

SACHS, Wolfgang. **Dicionário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SACHWEH, Maria da Salete. **A construção de identidade social em condições de periferia metropolitana: uma abordagem sobre Fazenda Rio Grande - Região Metropolitana de Curitiba – RMC**. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. No programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2007.

SANTOS, Flávio Anthero dos Santos. **O Design como diferencial competitivo**. Itajaí: Editora Univalli, 2000.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVEIRA, J. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

TERNES, Apolinário; VICENZI, Herculano. **Dona Francisca**: Imperial Estrada da Serra. Joinville-SC: Letradágua, 2002.

TOMELIN NETO, A. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e lugar a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

WEIHERMANN, U. Entrevista concedida à pesquisadora e Mestranda Cirene Linzmeier Heyse. São Bento do Sul -SC, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org), HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE A – DADOS DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado 01

Nome: Leomar Rudnick

Empresa: Móveis Rudnick S.A.

Nº de Funcionários: 750

Endereço: Rua Alexandre Schlemm, 63

Município: São Bento do Sul-SC

Cargo: Empresário, filho de um dos fundadores da empresa

Telefone: (47) 3631 1000

E-mail: não tem

Site: www.rudnick.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: 2º grau completo

Entrevistado 02

Nome: Alberto Tomelin Neto

Empresa: Móveis Rudnick S.A.

Nº de Funcionários: 750

Endereço: Rua Alexandre Schlemm, 63

Município: São Bento do Sul-SC

Cargo: Design (25 anos na empresa)

Telefone: (47) 9919 3216

E-mail: alberto@rudnick.com.br

Site: www.rudnick.com.br

Origem étnica: Italiana

Formação: Tecnólogo Superior em Design de Móveis e Pós-graduado

Entrevistado 03

Nome: Nailor Pannitz

Empresa: Móveis Rudnick S.A.

Nº de Funcionários: 750

Endereço: Rua Alexandre Schlemm, 63

Município: São Bento do Sul-SC

Cargo: Gerente de Produção

Telefone: (47) 3635 1135

E-mail: nailor@rudnick.com.br

Site: www.rudnick.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: Graduado em Administração e Pós-graduação em Gestão e Linen Factory

Entrevistado 04

Nome: Jonas Silveira

Empresa: Indústria Artefama S.A.

Nº de Funcionários: 970

Endereço: Rodovia BR 280, Nº 566

Município: São Bento do Sul-SC

Cargo: Gerente de marketing

Telefone: (47) 3631 1200

E-mail: jonas@artefama.com.br

Site: www.artefama.com.br

Origem étnica: Portuguesa

Formação: Engenharia Mecânica

Entrevistado 05

Nome: Horst Nering

Empresa: Design autônomo

Endereço: Rua Pedro Robl, 306

Município: São Bento do Sul-SC

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3635 1138

Site: não tem

E-mail: nering@matrix.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: Graduado Desenho Industrial

Entrevistado 06

Nome: Antonio Edgar Lang

Empresa: Móveis Lang Ind. Com Móveis Ltda.

Nº de Funcionários: 16

Endereço: Rua Martinho João de Souza, 34 – Bairro: Vila Nova

Município: Rio Negrinho-SC

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3644 3155

E-mail: contato@moveislang.com.br

Site: www.moveislang.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: 2º grau completo

Entrevistado 07

Nome: Reinaldo Baechtold Filho

Empresa: Normóveis Indústria Comércio e Participações

Endereço: Rua Altamiro Lobo Guimaraes, 400

Município: Campo Alegre-SC

Nº de Funcionários: 80

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 9945 7440

E-mail: normoveis@normoveis.com.br

Site: www.normoveis.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: 2º Grau- Técnico em Contabilidade

Entrevistado 08

Nome: Paulo Renato Zappellini Cordeiro

Empresa: Hifer Indústria e Comércio de Móveis Ltda

Endereço: Rodovia BR 280, Nº 3111

Município: Rio Negrinho-SC

Nº de Funcionários: 170

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 9945 7440

E-mail: hifer@hifer.com.br

Site: www.hifer.com.br

Origem étnica: Alemã e Italiana

Formação: Engenharia de Produção

Entrevistado 09

Nome: Vitória Liebl

Empresa: Star Móveis e Decorações

Endereço: Rodovia BR 280, Nº 2720

Município: Rio Negrinho - SC

Nº de Funcionários: 06

Cargo: Empresária

Telefone: (47) 3644 2135

E-mail: starmoveis@starmoveis.com.br

Site: www.starmoveis.com.br

Origem étnica: Alemã e Italiana

Formação: 2º Grau

Entrevistado 10

Nome: Adelino Denk

Empresa: AMC- Consultoria e Assessoria Empresarial Ltda

Endereço: Rua Augusto Klimek, 277

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 03

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3633 4132

Site: não tem

E-mail: adelino@denk.ind.br

Origem étnica: Alemã

Formação: Mestrado em Economia Industrial

Entrevistado 11

Nome: Udo Weihermann

Empresa: Móveis Weihermann S.A.

Endereço: Avenida Argôlo, 368

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 340

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3631 5500

E-mail: mw@moveisweihermann.com.br

Site: não tem

Origem étnica: Alemã

Formação: Economista/ Administração/ Engenheiro da Produção

Entrevistado 12

Nome: Alessandro Ellenberger

Empresa: Móveis Weihermann S.A.

Endereço: Avenida Argôlo, 368

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 340

Cargo: Designer

Telefone: (47) 3631 5500

E-mail: alessandroellenberger@bol.com.br

Site: não tem

Origem étnica: Italiano e Suíço

Formação: Desenhista Industrial e Gestão da Produção

Entrevistado 13

Nome: Maria Aparecida Kiumieck

Empresa: Chaplin Móveis e Decorações Ltda

Endereço: Rodovia BR 280, nº2901

Município: Rio Negrinho - SC

Nº de Funcionários: 19

Cargo: Empresária

Telefone: (47) 3644 2380

E-mail: mariachaplin@hotmail.com.br

Site: www.chaplinmoveis.com.br

Origem étnica: Polonesa

Formação: Tecnólogo Superior em Design de Móveis

Entrevistado 14

Nome: Thiago Brancaleone

Empresa: Indústria de Móveis Clement

Endereço: Rodovia BR 301, 4383

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 18

Cargo: Designer

Telefone: (47) 3633 4800

E-mail: tecnico.clemente@saninternet.com.br

Site: não tem

Origem étnica: Italiano

Formação: Tecnólogo Superior em Design de Móveis

Entrevistado 15

Nome: Felipe Kmiecik

Empresa: Atlanta Móveis

Endereço: Rodovia BR 280, Nº 270

Município: Rio Negrinho - SC

Nº de Funcionários: 160

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3203 2500

E-mail: felipe@atlantamoveis.com.br

Site: www.atlantamoveis.com.br

Origem étnica: Alemã e Polonesa

Formação: Administração e Pós-graduação em Ibisenes Marqueting

Entrevistado 16

Nome: Marcelo Neumann

Empresa: Fábrica de Móveis Neumann

Endereço: Rua Antonio Kaesemodel, 1710- Bairro: Oxford

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 100

Cargo: Empresário

Telefone: (47) 3631 1414

E-mail: sac@neumann.com.br

Site: www.neumann.com.br

Origem étnica: Alemã

Formação: Engenharia de Automação Industrial e Administração de Empresa

Entrevistado 17

Nome: Rafael Petreça

Empresa: Fábrica de Móveis Neumann

Endereço: Rua Antonio Kaesemodel, 1710- Bairro: Oxford

Município: São Bento do Sul - SC

Nº de Funcionários: 100

Cargo: Projetista

Telefone: (47) 3631 1414

E-mail: rafaelpneumann@terra.com.br

Site: www.neumann.com.br

Origem étnica: Ucraniana e Brasileira

Formação: Tecnologia moveleira (em curso)

**APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 02 - EMPRESÁRIOS
DIRETORES, GERENTES E AUTÔNOMOS.**

Entrevista nº _____

IDENTIFICAÇÃO

Nome _____

Empresa: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____ Fax: _____

E- mail: _____ Site: _____

Origem étnica _____

Formação _____

1. Número de funcionários: _____

2. Fabrica qual o tipo de móveis: (deixar que eles descrevam)

R: _____

3. Para qual mercado se destina a produção? Qual a porcentagem para cada mercado, aproximadamente?

R: _____

4. Como a sua empresa desenvolve novos produtos?

R: _____

5. O senhor (a) percebe a existência de uma relação entre a cultura local e o *design* desenvolvido pela sua empresa? Como percebe esta relação?

R: _____

6. O senhor (a) acha que sua empresa apresenta móveis que caracterizam uma identidade local ou regional? Se sim, onde estas características estão focadas? Em que tipo de móveis ou linhas? Atendendo mercado interno ou externo?

R: _____

7. Qual a formação acadêmica dos profissionais que atuam como *Designers* de Móveis em sua empresa?

R: _____

8. Sua empresa contrata um profissional para desenvolver novos produtos ou redesenhar seus produtos tendo em vista a cultura local/ regional?

R: _____

9. Que importância teve a produção de móveis coloniais da região para a criação de sua empresa? (se teve questionar a influência da Cimo ou ex-funcionários desta empresa na sua indústria?)

R. _____

10. Ao contratar um profissional responsável pelo desenvolvimento de produto (designer) o senhor (a) considera:

a) a região de origem? (se positivo – por quê?)

R. _____

b) formação profissional? (se positivo- que nível?) (se negativo- por que sua contratação?)

R. _____

b1) prática no desenvolvimento do produto?

R. _____

b2) experiência no ramo moveleiro?

R. _____

b3) necessidades imediatas, oportunizadas pela demanda, do mercado interno e externo?

R. _____

b4) participação em eventos nacionais e internacionais voltados a produção de móveis?

R. _____

11. O senhor (a) acredita que a sua origem étnica influencia o seu cotidiano? Se sim no que? E isso tem alterado a sua rotina de trabalho? Se sim ou não, por quê? Onde você observa essa influência? E isso influencia no produto final de sua empresa?

R. _____

12. O senhor percebe alguma relação entre a fabricação de seus móveis com a cultura herdada de seus antepassados?

R. _____

**APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 02 - Aos Profissionais de
Design que trabalham na empresa (podendo atuar como *designer* sem
formação específica)**

Entrevista nº:

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____ Fax: _____

E-mail: _____ site: _____

Origem étnica: _____

Formação: _____

De acordo com a sua formação o Senhor (a) atua como autônomo ou faz parte do quadro de funcionários da empresa na área específica de design?

R. _____

O senhor trabalha como designer de móveis? Tempo de atuação?

R. _____

Na sua empresa a maioria dos projetos de móveis é desenvolvido pelo profissional de *Design* ou já vem pronto de fora?

R. _____

Ao projetar um móvel que fatores são levados em consideração? (mercado interno/externo, cultura local/regional, marketing e vendas, tendências da moda, padrão empresarial, dentre outros)

R. _____

O senhor (a) percebe a existência de uma relação entre a cultura local e o *design* desenvolvido pela sua empresa? Por quê? No que percebe esta relação?

R. _____

O Senhor acha que a empresa para a qual o senhor (a) atua apresenta móveis que caracterizam uma identidade local?

R. _____

No momento de uma criação, o Senhor se preocupa em dar ao móvel um estilo da cultura local/regional? (isto pode ser identificado no móvel?)

R. _____

Em sua opinião, o Senhor (a) acredita que pode desenvolver modelos de móveis que caracterizem uma identidade local/regional?

R. _____

Quando lhe solicitam a concepção de um móvel, o que compõe o briefing do produto? (desejo do cliente)

R. _____

Quando a empresa contrata seus serviços, ela considerou:

R. _____

A sua região de origem? (se positivo – por quê?)

R. _____

Sua formação profissional? (se positivo- que nível?) (se negativo- por que sua contratação?)

R. _____

b1) sua prática no desenvolvimento do produto?

R. _____

b2) sua experiência no ramo moveleiro?

R. _____

b3) as necessidades imediatas, oportunizadas pela demanda, do mercado interno e externo?

R. _____

b4) a sua participação em eventos nacionais e internacionais voltados a produção de móveis?

R. _____

11. O senhor (a) acredita que a sua origem étnica influencia o seu cotidiano? Se sim no que? E isso tem alterado a sua rotina de trabalho? Se sim ou não, por quê? Onde você observa essa influência? E isso influencia no produto final de sua empresa?

R. _____

12. O senhor, ao projetar móveis relaciona com a cultura herdada dos imigrantes colonizadores?

R. _____

APÊNDICE D – AUTORIZAÇÕES

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonio B. Kamp morador em Rio Negro autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

São Bento do Sul, 04 de junho de 2009

Antonio B. Kamp

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonio B. Kamp morador em Rio Negro autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

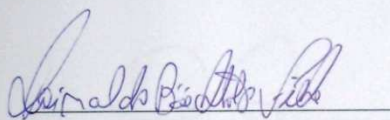
Rio Negro, 03 agosto
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009

Antonio B. Kamp

AUTORIZAÇÃO

Eu, REINALDO BAACHIO morador em CAMPO ALEGRE autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

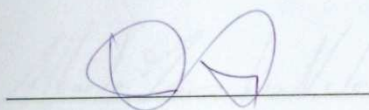
Campo Alegre, 30 JULHO 2009,
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Leomar Rudnick morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

São Bento do Sul, 04 de junho de 2009

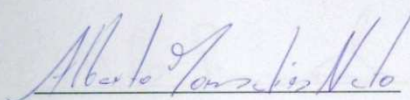


Leomar Rudnick

AUTORIZAÇÃO

Eu, **Alberto Tomelin Neto** morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

São Bento do Sul, 04 de junho de 2009

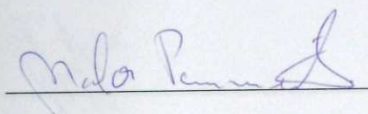


Alberto Tomelin Neto

AUTORIZAÇÃO

Eu, Maíla Perin morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

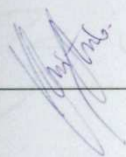
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Robst. Nering morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

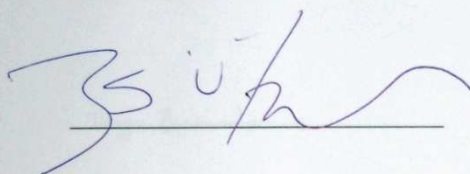
São Bento do Sul, ^{21 julho} ~~04~~ de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Felipe Kucick morador em Pão de Açúcar autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Pão de Açúcar, sagrado.
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Thiago Brancaloni, morador em São Bento do Sul, autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

São Bento do Sul, ^{18 de agosto} 04 de junho de 2009

Thiago Brancaloni

AUTORIZAÇÃO

Eu, Adelino Dink, morador em São Bento do Sul, autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

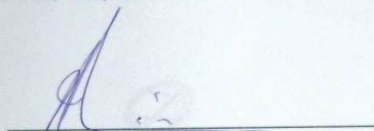
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009

Adelino Dink

AUTORIZAÇÃO

Eu, Mdo Weikeman morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.


^{18 agosto}
São Bento do Sul, ~~04 de junho~~ de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Alexandro Eller morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

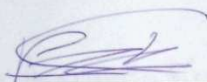
^{18/08}
São Bento do Sul, ~~04 de junho~~ de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Raulo Renato L. Becker morador em Rio Negro autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

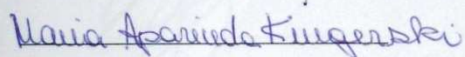
Rio Negro 18 agosto
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Ap. Klinger morador em Rio Negro autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

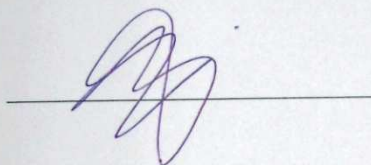
18 agosto
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



AUTORIZAÇÃO

Eu, Neubauer morador em São Bento do Sul autorizo a pesquisadora Cirene Linzmeier Heyse a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

04 de junho
São Bento do Sul, 04 de junho de 2009



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)